

© 2020 Mônica Aguiéiras Cortat

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo, de Florianópolis-SC.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, entidades assistenciais de Capivari-SP.

1ª edição eletrônica: dezembro de 2020

**Capas:** André Stenico

**Projeto eletrônico:** Joyce Ferreira

**Revisão:** Letícia Rodrigues de Camargo

ISBN 978-65-5543-046-2

### **Nas trilhas do umbral - A trilogia**

- **Nas trilhas do umbral - Eulália | pelos espíritos Ariel**
- **Nas trilhas do umbral - Tobias | pelos espíritos Ariel e Tobias**
- **Nas trilhas do umbral - Fabrício | pelos espíritos Ariel e Fabrício**

**[psicografados por] Mônica Aguiéiras Cortat**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

**Copyright © Editora EME Ltda-ME**

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080

Capivari-SP | CEP: 13360-000 | (19) 3491-7000

**[www.editoraeme.com.br](http://www.editoraeme.com.br)**

**Ampliando os sentidos da vida**

# SUMÁRIO

## Livro 1

Introdução  
Clara faz um pedido  
Vivendo na Colônia  
Duas irmãs  
Vaidade e preconceito  
A “santa” e o pecador  
Quem não aprende pelo amor...  
A freira e o “anjo”  
Eulália começa sua história  
A moral e a morte  
Santa Clara  
Flertando com o inimigo...  
Antônia  
Caminho para o inferno  
Ação e reação  
As garras de um lobo ensandecido  
O amargo despertar  
O preço da sedução

## Livro 2

Introdução  
O Vale dos Aflitos  
Uma questão de honra  
Saudades e ciúmes  
Reencontro  
Escolhas que fazemos  
Olívia volta...  
O copo de barro e a taça de cristal  
Vidas passadas e Lourenço

A cura  
O dom de Daniel  
A visita  
Laços de família  
A quermesse  
Lágrimas de mãe honesta  
A despedida  
Mudanças na vida de Flávia  
Segredos de Eleotério  
O pedido  
Descobertas no cassino...  
As ilusões de Marialva  
O encontro das duas irmãs  
A história de Daniel  
Obsessão  
O plano  
Noite sem luar  
A notícia  
A busca de Flávia  
Cai o pano  
Epílogo

### **Livro 3**

Prólogo  
Uma boa nova  
"Aproveitei cada centavo..."  
A Vila  
Rapaz tão bonito...  
Anjos e demônios  
Na igreja  
Revelações em um velório  
Ela se chamava Paula  
Ariel conta uma história...  
As dúvidas de Fabrício  
Marília  
As imagens e falar com Deus  
Um vazio aterrador...

O sítio  
O julgamento  
Muitas vidas vividas...  
Revelações  
De Martina à Paulina  
Conversa de mãe  
A colheita  
A redenção  
Uma caneca d'água  
Gideão  
A verdade nos libertará...  
Amores espirituais  
Subindo a montanha...



# LIVRO 1



MÔNICA AGUIÉRAS CORTAT  
PELO ESPÍRITO ARIEL

ROMANCE MEDIÚNICO

NAS TRILHAS DO  
**UMBRAL**

*Eulália*

EDITORA  
**EIVE**

*... O ambiente poderia ser descrito como o pátio de uma grande prisão, onde condenados por seus crimes transitam uns entre os outros, olhando-se e avaliando-se, julgando-se mutuamente o tempo inteiro...*

**Ariel**

*O mesmo sol que ilumina esses seres aqui, ilumina a Terra e a nossa Colônia, esqueceu-se? Mesmo nesse solo pobre, nessas árvores meio secas, nesse ar meio pesado, Deus ali está. Procura, e O encontrará!*

**Olívia**

*Pobre de quem acha que pode fazer o mal sem esperar por retorno!*

**Eulália**

**Para Zu**

Sempre o primeiro leitor dos livros, e que me mostrou que para ser generoso não importa o que você tem, mas sim, o que você é...



## INTRODUÇÃO



O QUE É O umbral? Transposição entre o mundo dos vivos e a espiritualidade, vão da porta entre essas duas realidades, que parecem tão diferentes, mas não passam de uma continuação eterna do caminho na imortalidade para o espírito. É o lugar para onde vão aqueles que se sentem perdidos, deslocados, culpados ou infelizes de alguma forma.

Fôssemos católicos, ou crentes de uma das diversas e boas congregações existentes, definiríamos o umbral como o inferno ou o purgatório. Como espíritas, porém, não podemos aceitar a eternidade das penas, se acreditamos num Deus infinitamente superior, expressão de bondade e amor absolutos. Os erros de uma alma, cometidos em alguns anos, não devem ser punidos com a eternidade! Seria injusto demais! Nosso Pai amoroso quer que o filho aprenda e evolua! Por isso, a dádiva da reencarnação.

Como é o umbral? Imenso... Ele circunda a Terra, por sobre os



oceanos e montanhas. Sua dimensão não é física, mas espiritual. Embora eu trabalhe já há algumas décadas como socorrista de espíritos que habitam o umbral, não conheço dele mais do que ínfima parte, e é sobre ela que posso discorrer.

O meu trabalho auxiliando esses espíritos e encaminhando-os à Colônia *não é fácil*, e nunca vamos sozinhos: eu mesmo vou com Clara, minha boa amiga, que tem estado comigo há décadas. Ela pode parecer apenas uma pequena mulher, mas é destemida e cheia de fé.

Por que não vamos sozinhos?

O campo energético do umbral costuma ser denso, negativo. Cada ser que o bom Deus coloca no Universo possui força e energia, independentemente do grau de inteligência que possua, e essa energia modifica o clima, o ambiente, e o estado mental das pessoas que passam por perto. Já se disse uma vez que “nenhum homem é uma ilha”; no mundo espiritual, isso é a maior das verdades. Logo, um ajuda o outro em caso de necessidade, mas o resultado do trabalho, quando obtemos sucesso, o que nem sempre acontece, é gratificante!

Existem alguns visitantes que exploram pequenas partes do umbral e acreditam saber como é o território inteiro. É só falta de informação... Existem seres que passam séculos no umbral antes de reencarnar, e lá constituem outras sociedades a seu próprio modo. Apesar de serem espíritos, *sentem realmente dor*, tamanho o seu vínculo com o materialismo, se desesperam quando notam que perderam o seu poder financeiro, julgam que sentirão, pela eternidade, a moléstia que os vitimou, já que foram levados a acreditar nisso, e ninguém vem cuidar deles. Os egoístas são habitantes frequentes do umbral; nunca cuidaram de ninguém, por que cuidariam deles?

O leitor pode dizer que se parece então com a Terra, e eu até diria que sim, em certos pontos. Mas em nosso amado Planeta existem pessoas de muito bom coração, que iluminam os caminhos de outras, e também as que servem de vítimas perfeitas a pessoas não muito bem-intencionadas. No umbral essas vítimas não estão ali... Uma das qualidades de um espírito inteligente, sendo ele bom ou não, é a de se comunicar mentalmente.

Qualidade esta que perdemos em grande parte quando estamos vestidos na carne. Logo, enganar no mundo espiritual fica mais complicado, e estar entre pessoas com valores morais negativos deixa a situação ainda mais complexa.

Isso faz com que essas pessoas deixem o ambiente incrivelmente pesado, tornando, às vezes, difícil qualquer recuperação. Quando começamos esse livro, minha boa amiga Clara me pede que eu resgate um suicida, cuja mãe se encontra desesperada por sua situação. E eu a atendo.

Um dos problemas mais sérios de tentar resgatar alguém que não se arrependeu e nem pediu para ser resgatado é que sua energia se confunde com as dos demais, tornando difícil a sua localização. Quando descobrimos a região onde ele estava, saímos à sua procura. Clara, Olívia (que já pertence a um mundo superior) e eu. Fomos em três, por saber que poderíamos ficar vários dias, como realmente ficamos, coisa que eu nunca tinha feito antes, devido à natureza do umbral.

Ao longo desses dias, à procura desse suicida, encontramos outras pessoas, e eu resolvi passar à médium, que de início não se mostrou nada entusiasmada em virtude de a história se passar no umbral. O relato de toda essa viagem está rendendo não um, mas três livros, cada qual com sua lição subsequente. Você pode ler apenas um, pode ler em qualquer ordem, pois são histórias distintas, e também pode ler os três, em sua ordem.

Vai aqui então uma trilogia, *Nas trilhas do umbral*, pois embora possa haver estradas no umbral, eu lá só encontrei trilhas, dessas feitas no terreno ora seco, ora um tanto pantanoso, cercado dos mais diversos tipos de vegetação. O clima, onde estive, era de um frio intenso. Às vezes de um frio “seco”, como neste primeiro livro, às vezes úmido, como no segundo livro.

Mas o mais interessante de tudo isso, foi o que observei pela primeira vez nessa viagem: amante da natureza feita pelo Criador, mesmo naquela terra inóspita e com tanto sofrimento, raras vezes vi pores de sol tão lindos, um misto de vermelho, com bordas prateadas e, às vezes, mesmo um fundo lilás, como os que vi no umbral. É como se Deus quisesse lembrar aos seus, frequentemente, “Veja que maravilha eu criei! Olhem bem; estou



aqui, para quando quiserem me ver!”.

E vendo aquilo, eu tive que sorrir de quem acreditava que “vales de sofrimento” pertencessem a uma entidade voltada para o mal. Nunca! Tudo no Universo, mesmo o umbral, pertence a Deus!

**Ariel**



## CAPÍTULO 1

# CLARA FAZ UM PEDIDO



## NA COLÔNIA ESPIRITUAL

– DISSERAM-ME QUE O senhor consegue realizar resgates considerados impossíveis! Por isso peço que vá resgatar o meu filho, há tantas décadas preso no umbral. Não é possível que Deus tão amoroso, não se apiede de um suicida! Depois de tanto tempo, ele já pagou pelo que fez.

Olhei para aquela senhora de seus presumíveis sessenta anos, cabelos louros bem penteados, olhos claros cercados de pequenas

rugas, pisados em lágrimas, lábios finos e bem maquiados e senti nela além da dor, a culpa. Que história ali se avizinhava ainda não sabia, e encarei minha querida amiga Clara, companheira de resgate de espíritos do umbral, onde trabalhávamos juntos há longa data, como a perguntar mentalmente no porquê de pedido tão especial.

Aqui devo explicar que geralmente atendemos a pedidos de ordem superior, que nos indicam onde e quando agir, e vamos de bom grado. Mas esse pedido era feito por Clara, que me olhava suplicando. Minha querida amiga sempre me surpreende, pois apesar de ser pequena (é uma moça miúda e esguia, cabelos muito lisos e castanhos, porte ereto, doce e cativante, bonita em sua simplicidade) tem o que se chama de “uma fé que move montanhas”, qualidade muito útil quando se trabalha em ambiente denso, como o campo espiritual onde ficam espíritos ainda em menor grau de evolução. Negar algo a Clara? Como, se ela nunca tinha me pedido nada? Ainda assim, cômico de que teria que falar com meus superiores, respondi:

- Senhora, não sou digno de tantos elogios, mas se é a pedido de Clara, devo dizer que muito me esforçarei pelo seu filho. Não pense jamais que é vontade do Criador que seu rebento sofra, se isso acontece é por conta dos sentimentos dele mesmo e tudo faremos para auxiliá-lo.

A essa resposta, a senhora franziu bastante a testa, ao que Clara explicou:

- É verdade, dona Cínthia! Lembra-se do tempo em que a senhora mesma andou um pouco perdida? Quando começou a se arrepender de fato e orou, nossos amigos foram ajudá-la, não foi assim?

Senti a senhora envergonhar-se nitidamente e lembrar-se de um passado que fazia força para esquecer, coloquei minha mão em seu ombro e olhando-a nos magoados olhos azuis disse logo:

- Não existem santos aqui, dona Cínthia! Não se envergonhe de nada, nem tenha receio de julgamentos. A senhora ainda é quase uma recém-chegada, está na Colônia há pouco tempo. Vá às palestras, informe-se, faça amigos! Saberá assim que temos muitas vidas, e que com isso, temos todos muitos pecados, pois em cada

vida temos nossos aprendizados. Ninguém vai julgar a senhora aqui. E tenha certeza de que vamos tentar por todos os meios ajudar seu filho. Como é o nome dele?

Ela ergueu os olhos azuis e me encarou mais confiante:

- Fabrício! Chama-se Fabrício, o meu rapaz! Vai ajudá-lo mesmo?

- Vou falar com meu superior, ele aprovando, iremos Clara e eu. Por enquanto, a senhora ore por ele e por nós. Não faz ideia de como oração de mãe ajuda!

Assim falando, me despedi dela e fui levando Clara pelo braço até o prédio onde ficava o nosso supervisor, mas antes que chegássemos, sentei-me com ela num banco de praça, aproveitando o sol cálido da manhã. Ela esticou os bracinhos e me deu um lindo sorriso:

- Sabia que você ia ajudar! Ficou com pena dela também, não foi?

Tive que achar graça, pois para ser muito franco, não tinha simpatizado muito com dona Cíntia, que eu notei logo ter sido há pouco resgatada do umbral, pela energia um tanto "perturbada". Como ainda estou longe de ser um "espírito puro", mas já detenho certos conhecimentos, sei que é normal simpatias e antipatias entre espíritos. E sei que não posso, de jeito nenhum, desejar ou fazer o mal para quem quer que seja. Hábil leitora de pensamentos, Clara se saiu com esta:

- Pois imagine a virtude de fazer o bem a quem se antipatiza? Fazer o bem a quem se gosta, é fácil!

Tive que concordar com ela e rir:

- Andou vendo Olívia, foi? Parece resposta dela!

Foi a vez de Clara rir, pois nossa linda amiga era famosa pelas respostas certeiras. Mas, não me fiz de rogado e perguntei logo de onde tinha conhecido e quem era dona Cíntia, pois queria saber onde pisaria. Muito à vontade, Clara me disse o que sabia:

- Trata-se de uma senhora do interior do Rio Grande do Sul, de origem humilde, mas bem feita de corpo e ambiciosa, casou-se cedo com um senhor, vinte anos mais velho, rico estancieiro, e logo tornou-se a mulher mais rica da região. A estância era de gado de corte a se perder de vista, tinham uma vida muito



abastada, e ela desencarnou por volta de 1950.

- E ela amava o marido? - perguntei.

- Não. Era um casamento de conveniência para ambos. Ela queria se casar com alguém que lhe tirasse da pobreza, e ele queria uma moça nova que lhe desse filhos e cuidasse dele na velhice. Ela obteve o que queria, ele nem tanto. Ela teve inúmeras gravidezes, mas a maior parte não vingava. Duas foram até o fim: a de Fabrício, nascido quando o pai já tinha 50, e a de Carolina, quando o pai contava com 55. Ao menos ele conseguiu os filhos que queria.

Olhei para Clara, pois sabia que o resgate daquela senhora do umbral tinha se dado há poucos meses... o quê, de tão grave, teria havido para tanto tempo assim de umbral?

- Como veio a conhecer dona Cíntia, Clara?

Ela mexia a grama do chão com os pés, distraidamente:

- Nana levou-a a nossa casa. Sabe como é nossa boa Nana, não tem pessoa que ela não acolha ou que não tente ajudar! Conheceu-a numa Casa de Repouso onde presta serviços, e sabendo do drama vivido pela mulher, trouxe-a até mim. E como ela te admira muito, fez sua fama com dona Cíntia, e aqui estamos nós.

Mais de uma vez me perguntei se acaso realmente acontecem em nossas vidas. Então, a nossa amada Nana, que atualmente morava com Clara e que tinha sido sua babá e melhor amiga na vida anterior, dona de um coração e de uma ingenuidade sem tamanho, tinha trazido uma senhora de uma casa de repouso e falado sobre seus amigos que faziam verdadeiros "milagres" (segundo Clara me contou depois) resgatando gente do umbral. Seria acaso? Acaso existe?

Algo me dizia que havia uma história complexa e triste ali. Olhei minha querida amiga e perguntei:

- Tem certeza, Clara, que quer realmente fazer isto?

- Por que não perguntamos a Serafim? Ele vai, sem dúvida, nos orientar.

Levantamos então e nos encaminhamos para dentro do prédio, onde Serafim parecia já nos esperar, sentado detrás de uma grande mesa em sala luminosa, mas simples. Sorriu ao nos ver e veio nos apertar as mãos, calorosamente, convidando-nos a sentar

à mesa ampla de madeira, que ficava no meio da sala. Mal nos sentamos, Clara expôs a situação tal qual era: a senhora que pedia pelo filho, que tinha já se suicidado há décadas, e estava no umbral em estado de penúria e sofrimento. Serafim, ao me ver calado, perguntou-me:

- É estranho que essa senhora não tenha vindo me ver pessoalmente. Essa senhora tem méritos para tal pedido, Ariel? Está preparada para ter o filho junto dela aqui e restabelecê-lo para um bom caminho espiritual?

Tive que dizer a verdade:

- Acredito que ela tenha que se restabelecer primeiro, Serafim. Ela me parece ainda envolvida com muitos problemas.

Desanimada, Clara suspirou, como se entendesse que o pedido não seria atendido. Mas, Serafim continuou:

- O rapaz se mostra verdadeiramente arrependido? Tem pedido auxílio ou proteção?

Foi a vez de Clara responder:

- Não, senhor. Continua perdido em meio ao ódio, incompreensão, medo e culpa. Por isso até hoje não houve resgate. Ainda que nossos irmãos cheguem perto, ele se fecha, nada funciona.

- Entendo...

Serafim baixou os olhos, tentando achar uma saída para o problema. Ficamos em silêncio, Clara e eu, ela um tanto entristecida e eu também, pois tinha muita piedade por irmãos nesse tipo de situação desesperadora. Foi então que Serafim nos olhou com o seu olhar acinzentado brilhando muito, como se acabasse de ter uma ideia, e nos comunicou:

- Se é pedido de vocês, claro que podem ir, embora já saibam o quanto pode ser difícil resgatar alguém que sequer sabe que pode ser resgatado, ou que não crê nisso. Mas devo adiantar que caso o resgate seja feito, ele não deve ir para junto da mãe tão cedo. Ela deve antes evoluir para poder receber o filho. Se não tiver esse merecimento, trabalhar antes suas próprias imperfeições, não terá o filho a seu lado. São espíritos com um passado longo juntos, mas digam a ela, que saberá do que falo. O rapaz precisa se recuperar antes, há muito a se resolver por aqui.



Feliz de poder atender ao pedido de Clara, mas já um tanto resabiado, perguntei a Serafim:

- Acredito que não devo falar com o rapaz no nome da mãe, estou certo?

Aparando com a mão a barba bem cortada, Serafim me olhou com seriedade e respondeu:

- Não toquem no nome de dona Cíntia com o rapaz. Isso dificultaria muito o trabalho, ou poria fim a ele. Não queremos que ele fique onde está por mais algumas décadas, não é mesmo?

Clara franziu as belas sobancelhas negras, como quem se pergunta "o que será que houve entre esses dois?", mas eu a puxei suavemente pelo braço para fora, sabendo que teria que estudar bastante a vida de Fabrício antes do resgate, para assim poder me aproximar melhor dele. Serafim ainda tinha algo a nos dizer:

- Sabem que, dado o pedido de vocês, devo pedir aos dois que se encarreguem do moço por aqui, até que ele se integre ao ambiente da Colônia. Acredito que será um aprendizado interessante, e é claro que podem contar com todo o nosso apoio.



NÃO PUDE, ENTRETANTO, DEIXAR de pensar na atitude de Serafim de nos permitir resgatar um espírito que não tinha ainda apresentado nenhum arrependimento, nem demonstrado fé... tão inusitado tudo aquilo! Tinha visto tantas vezes meu superior aconselhar paciência nesses casos, esperar até que o ser em questão estivesse pronto para ir até a Colônia! No entanto, após ponderar um pouco, ei-lo de olhos cinzas brilhantes, como se soubesse de algo que não sabíamos.

A hierarquia é respeitada no mundo espiritual, porque é completamente diferente do mundo material. Os méritos aqui e o conhecimento são levados em conta e o respeito nosso por eles, que trabalham bem mais que a maioria, é imenso. Serafim devia



ter seus motivos... ele sempre tinha...

Foi quando dei pela menina Olívia a me olhar disfarçadamente, com um sorriso leve no rostinho faceiro, e só então ela me perguntou:

- Esqueceu-se da parábola do filho pródigo, meu amigo? Aquele que já trilha o bom caminho não precisa de guia. Quem somos nós para julgar quem merece ser ajudado ou não? Se ele permitiu, e ainda me quis aqui, deve ter seus motivos, não acha?

Meu peito se encheu de fé, e só então eu pensei: por mais dúvidas que eu tenha, o tempo me daria a resposta. De resto, eu agiria de acordo com a vontade de Deus.



## CAPÍTULO 2

# VIVENDO NA COLÔNIA



DESPEDIMO-NOS DE SERAFIM, QUE nos deu as informações de que nós necessitávamos para ajudar no resgate. Como nem eu, nem Clara tínhamos resgatado um suicida antes, estávamos os dois um pouco ansiosos, e saber que nos tornaríamos responsáveis por ele depois do resgate, me deixou um tanto preocupado, já que não conhecia o rapaz. Saímos porta afora do prédio de linhas clássicas para o mesmo jardim em que havíamos nos sentado e eu procurei o mesmo banco, ambos com as pastas vermelhas nas mãos, que continham informações sobre Fabrício e sua história. Ela me olhou meio sem jeito, mas deu um de seus meigos sorrisos e me disse:

- Que bom que conseguimos, não é? Teve uma hora que achei que ele nos fosse negar o pedido... agora podemos ajudar o rapaz. Não é bom?

Na realidade, eu achava a responsabilidade meio grande, e estava um tanto receoso. Mas dizer isso a Clara e acabar com seu entusiasmo?

- É, minha amiga. Oraremos e pediremos ao Senhor que nos ilumine nessa jornada. Agora vamos ver aqui o que diz sobre esse nosso irmão que tanto necessita de nossa ajuda.

E abrimos as pastas sob aquele sol suave. Já tínhamos aberto tantas pastas como aquela que nos acostumamos com o conteúdo simples e direto. Fabrício tinha nascido em 1905, em pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, depois constavam histórias de onde tinha estudado, suas principais amizades, crenças (na realidade, embora criado na fé católica, tendia a ser ateu), e outras características como estado de saúde no momento da morte. Havia outras informações, mas não dava grandes detalhes, como sempre, e eu olhei Clara, meio desanimado, pois o resto tratava de sua localização no umbral, em região próxima à crosta terrestre, onde nenhum de nós ainda tinha ido. Ela me perguntou:

- Nunca fomos para aqueles lados, como chegaremos até lá?

Lembrei-me de algo e disse a ela:

- Existem caravanas que partem todos os dias naquela direção em socorro dos desvalidos, eles nos orientarão Clara.

- Será que vamos ao Vale dos Suicidas de que tanto ouvi falar? Dizem ser tão feio, Ariel!

Ia eu responder quando ouvi atrás de mim uma voz de menina, num cheiro de lavanda bem característico. Flutuando atrás de nosso banco, a pequena Olívia riu-se:

- Bem, bonito é que não ia ser, um local chamado de "Vale dos Suicidas"!

Etérea, os cabelos castanhos claros com mechas louras queimadas pelo sol, cacheadas, a boquinha rosada, os olhos esverdeados, era fácil confundir Olívia com uma menina de dez anos. Ali estava um dos espíritos mais antigos que visitavam a Colônia, e que tínhamos a honra de ter por amiga.



- Já esteve por lá, Olívia? - perguntei.

- Sabe o tamanho do umbral, Ariel? - devolveu-me ela a pergunta.

- Dizem que ele circunda a Terra, é assim?

Ela me deu um meio sorriso:

- Pode-se dizer que sim. Mas não vamos tentar entender o que ainda não temos como mensurar. Acha mesmo, Clara, que todos os suicidas são iguais e que vão todos para o mesmo lugar, desde o início da humanidade? Seria esse o "Vale dos Suicidas"?

Os olhos castanhos e serenos de Clara olharam os de Olívia e ela disse numa certeza única:

- Não acredito nisso, Olívia. Se acreditasse nisso, num tormento sem fim desses, teria que acreditar num deus pequeno e vingativo. E eu acredito no Deus do Cristo, no Deus que é amor.

Olívia abriu para ela o seu sorriso mais luminoso:

- É o mesmo Deus em que acredito. Na realidade, *quando desencarnamos nos encaminhamos para onde estão os nossos semelhantes de sentimentos e valores*. Enquanto na Terra ficamos junto de pessoas com as mais variadas características, o generoso ao lado do avarento, o lobo ao lado da ovelha, tudo isso escondido, aqui no mundo espiritual, onde o pensamento pode ser devassado, os iguais se atraem em ambientes distintos.

Clara olhou para ela, finalmente se dando conta da ordem das coisas no mundo espiritual:

- É mesmo verdade! Um espírito maldoso não teria como ficar na Colônia onde seria reprimido continuamente, pois não conseguiria nem mentir nem enganar. Não teria também como alimentar seus vícios! A própria energia exalada pelos muros da Colônia os afasta, como nos atrai!

Descrever o ambiente da Colônia é sempre complicado, mas não raros os que aqui chegam passam dias sem perceber que desencarnaram e que estão num lugar de rara beleza, onde o ar é muito leve, o brilho das coisas é mais suave e a ausência de medo ao caminhar pelas ruas e vielas, é indescritível. Existe paz na Colônia, o ambiente é de aprendizado e companheirismo. Claro que temos irmãos que custam muito a se adaptar, que há dor, saudade dos que ficaram na Terra, ou dos que vão reencarnar,

mas também existe a fé, a boa vontade é incentivada.

A arte humana trabalhada em seu mais alto nível, e construções em estilos variados. Espíritos mais desenvolvidos não necessitam de transporte, para os que estão ainda mais ligados à matéria, eles existem, e não há julgamento sobre isso: tudo vem a seu tempo. A paciência é uma virtude que deve sempre ser cultivada.

Racismo na Colônia? Achamos o racismo um engano no mínimo engraçado... ao longo de tantas vidas vimos tantos negros reencarnando brancos e vice-versa. O corpo é apenas uma veste, o Criador ama todas as Suas raças!

Discriminação de origem sexual, quando podemos reencarnar em qualquer sexo para o melhor aprendizado do espírito? Não faz sentido... nem tratar melhor ao rico do que ao pobre, já que aqui a moeda é o bem que se fez, a paz que se conquistou. As coisas são diferentes por aqui.

Hábil leitora de pensamentos, Olívia me disse:

- Aqui o lobo caminha ao lado da ovelha, mas respeita a companheira e a protege, pois não tem fome. Quanto ao Vale dos Suicidas, pode ser que ao ver juntos vários espíritos que findaram suas vidas em momentos de desespero, é mais que possível que algum observador tenha denominado um local do umbral dessa forma. Mas eles não precisam ficar presos em um vale. Na realidade, estão por todo o umbral, nas mais diversas situações, mesmo porque existem boas pessoas que se desesperaram, e pessoas não tão boas também. Cada caso é diferente do outro.

Olhei a pequena menina, em suas vestes coloridas, cabelos caindo pelos ombros qual cascata, a falar de coisas tão profundas que eu tive que sorrir. Ela me olhou e sorriu também:

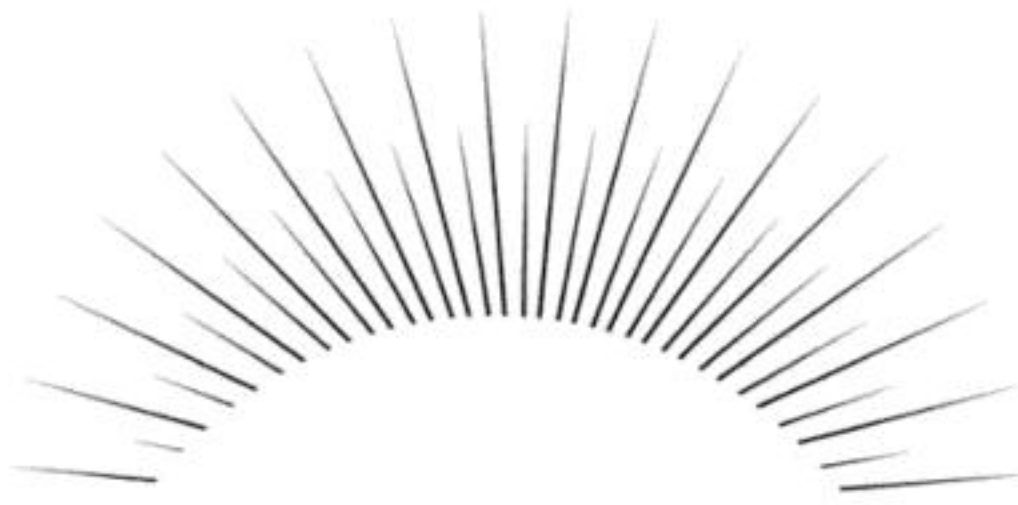
- As aparências enganam, meu bom Ariel. Não é assim que se diz na Terra? Planeta de vários costumes, em que habitou o Cristo, tão cheio de sabedoria, bondade e amor... lugar em que tantos condenam os nossos irmãos que em hora de desespero, insanidade ou egoísmo, colocam fim a sua própria existência do corpo, achando que assim se livrarão de suas dores. Mesmo no umbral onde os pecados são tão tenebrosos, eles são muito julgados!

Clara levantou-se, ajeitando sua túnica, e disse:

- Tem razão como sempre, minha querida! Não devemos julgar o próximo, e amanhã vamos ao resgate desse nosso irmão. Agora devo voltar à casa e dizer à Nana que converse com a mãe dele, que ela deverá se esforçar caso queira ver o filho no futuro, para o bem dela e dele mesmo.

Fiquei a imaginar a boa Nana a arregalar os olhos castanhos ao saber que a mãe ainda tinha muito a melhorar para poder ficar com o filho. Que tinha se passado entre os dois? O tempo me contaria...





### CAPÍTULO 3

## DUAS IRMÃS



LEVANTEI-ME CEDO, ABRACEI MINHA esposa que ficou curiosa ao saber que eu ia ao resgate de um suicida e me desejou sorte. Estefânia era uma bonita mulher com a aparência de trinta e poucos anos, alourada, olhos castanhos, mãos longas, pernas e braços fortes e adorava lidar com crianças. Ao saber que deveríamos ampará-lo quando chegasse à Colônia, ela me disse:

- Bom, se a mãe dele está perto de Clara, traga-o para ficar conosco assim que sair do hospital. Temos um quarto vago, poderemos ajudá-lo. Serafim não disse para mantê-lo afastado da mãe por enquanto?

Sorri para ela, Estefânia era mesmo a melhor das mulheres! Eu



tinha ficado mais aborrecido com a ideia de ter um hóspede, que mal conhecia em casa, do que ela! Dei-lhe um abraço e fui ver Clara, que já me esperava na praça central da Colônia, usando seu abrigo escuro e forte, para o clima traiçoeiro do umbral. Minha cabana com Estefânia era bonita, feita de madeira escura e forte, com dois pisos e um porão amplo. Tinha dois quartos arejados no andar de cima, e mais um no porão com um banheiro separado. Uma sala e uma cozinha grandes no meio da construção, tudo isso cercado por varandas e plantas dos mais variados tipos. Comportaria facilmente mais um hóspede. Disse a Clara sobre a oferta de Estefânia e ela abriu um sorriso:

- Que bom! Sabe que Nana fez uma cara bem feia quando eu disse que ela teria que falar com a mãe, dona Cínthia? Disse que era "um despropósito" não deixar a mãe ver o filho! Mas, como eu disse que era Serafim que disse aquilo, e que era só ela progredir que o veria, ela sossegou um pouco.

Pensei na minha boa negra revoltada, justo ela que tinha um instinto materno extremamente arraigado, ainda que não tivesse tido filhos biológicos em sua última encarnação, e sorri:

- Não achava que ela ia se comportar diferente. Nana é boa demais, acha que todo mundo é bom também.

- É... Mas que bom que, caso consigamos resgatar Fabrício, ele vai para a sua casa, bem longe da minha. Nunca se sabe, não é mesmo?

Assenti com a cabeça. A caravana passou, com dezenas de pessoas, e nos encaminhamos para ela. Indagamos a um senhor de aspecto bondoso, mas sério, quando passaríamos pela área onde estava Fabrício, e ele franziu as sobrancelhas grisalhas:

- Ah! Então são vocês que vão ficar naquela área?

Era um senhor de estatura mediana, coberto com um manto marrom, grosso, que aparentava os seus cinquenta e poucos anos bem vividos. De pele morena clara e cabelos lisos e grisalhos, olhava-nos francamente analisando, a mim e a Clara, antes de entrarmos no transporte. Como eu fiz que sim com a cabeça, ele continuou:

- Já estiveram por lá? É um ambiente meio conturbado... e faz frio!

Clara sorriu para mim, abrigada em seu manto, bem protegida, eu que não tinha sido tão precavido, suspirei. O senhor Mauro (que era assim que se chamava), logo me tranquilizou:

- Não se preocupe, aqui tenho um manto que lhe servirá bem! Tem experiência no umbral? Sabe como voltar à Colônia, não é? Vamos para uma área mais adiante, mas lhe deixaremos por lá...

Aqui vale uma explicação: se somos espíritos, como sentimos frio, ou calor, já que estamos despidos do corpo físico, e não somos mais apegados à matéria? É razoavelmente simples. Quanto mais evoluído e perfeito o espírito, menor a influência que ele sente. Nós, na Colônia, ainda sentimos o clima agradável de lá, mas no umbral, onde ficamos cercados por espíritos que são *muito* apegados a sensações físicas e *influem* energeticamente no ambiente, muitas vezes sentimos não só clima, mas o cheiro, os sentimentos, as sensações correspondentes àquele plano. Logo, a preocupação do companheiro com as minhas vestes era relevante, já que estou longe de ser um espírito perfeito.

Fui respondendo às perguntas dele: sim, sabíamos voltar à Colônia de qualquer lugar que estivéssemos, pois tínhamos treinamento para isso. O manto marrom, como o dele, me serviu perfeitamente, e eu logo fiz mais um amigo. Entramos num transporte que mais parecia um moderno trem terrestre (bem mais moderno e mil vezes mais silencioso), não podíamos ir de outra forma, pois ainda não conhecíamos o local, e, ao cabo de algumas horas, nosso bom Mauro nos deixou desejando-nos sorte, em um vale lodoso, de vegetação rasteira, com algumas árvores ao longe completamente desfolhadas, e um vento que soprava gelado por entre algumas montanhas que pareciam estar longe.

Que horário seria? Pela posição do sol pensei no meio-dia, mas as nuvens garantiam um mormaço leve como em dias de frio intenso. Dei meu braço a Clara para que ela não tropeçasse, pois o terreno era bem incerto e fomos tentando nos acostumar à paisagem feita de arbustos, pequenas cabanas ao longe e já avistávamos alguns pequenos aglomerados de espíritos que ali habitavam.

Na realidade já tínhamos estado no umbral muitas vezes, em missões incontáveis, visto dezenas de ambientes diferentes e uma



coisa ele havia nos ensinado: quando você acha que já viu de tudo, algo diferente acontece. Lendo meu pensamento, envolvida em seu manto cinza, Clara me animou:

- É verdade. Mas quase sempre tivemos sucesso, não foi?

Verdade... sucessos, situações engraçadas, outras meio aterradoras de início, mas uma coisa eu não podia negar: o aprendizado tinha sido fantástico e a minha fé que já era grande, tinha se fortalecido a ponto de ficar imensa. Servir ao Criador dessa forma era sempre gratificante e eu encarei minha amiga, cujo rostinho faceiro brilhava dentro de seu manto. Olhei minhas mãos e vi que brilhavam também, pois vibrávamos numa energia completamente diferente do ambiente em torno. Isso nos protegeria, pois os outros habitantes do umbral não nos perceberiam entre eles, e nós poderíamos chegar a Fabrício com mais facilidade.

Continuamos a nossa caminhada por um terreno íngreme, observando alguns ajuntamentos de pessoas dos mais diversos tipos. Muitos se encaminhavam para a Terra, outros voltavam de lá, e a agressividade entre eles era palpável, assim como a desconfiança. Entre os encarnados, o ambiente poderia ser descrito como o pátio de uma grande prisão, onde condenados por seus crimes transitam uns entre os outros, olhando-se e avaliando-se, julgando-se mutuamente o tempo inteiro, perdidos em sensações várias, cada qual em diferente nível de evolução, perdidos em seus próprios desalinhos.

Os seus pensamentos nos atingiam em níveis vários, dado o nosso desenvolvimento espiritual, e vi no rosto de Clara as sobrancelhas franzirem-se com a confusão de ideias negativas reinantes. Por momentos, que pareceram uma eternidade, percebemos com nitidez que ali estavam estupradores, assassinos, ladrões, pedófilos, abusadores, corruptos da pior espécie, e a energia deles era extremamente pesada. Na esperança de achar Fabrício tínhamos aberto a nossa "guarda" e eu notei Clara em oração profunda como a pedir auxílio para que identificássemos sem muita demora o nosso futuro protegido.

Em nosso trabalho era comum resgatar espíritos que se encontrassem em sofrimento no umbral, mas resgatávamos

apenas os que *pediam para ser resgatados*, clamavam pelo Criador, se arrependiam de seus erros e assim, deles brotava uma luz, um sinal que nos guiava até eles no meio da escuridão do umbral. Mas Fabrício *não tinha* chamado pelo Criador, nem se arrependido, até onde eu sabia, logo, achá-lo não seria tarefa fácil!

Pus-me em oração também ao lado de Clara, principalmente para não “escutar” nem ter mais visões de pensamentos tão perturbadores. Abracei minha amiga com meu braço direito para protegê-la de tamanha energia negativa que nos cercava, quando senti uma lufada de ar fresco e abri os olhos, dando com uma luz azulada e a aparência luminosa de Olívia, flutuando em nossa frente, com um sorrisinho travesso:

- Ora, vamos... estão melhores? Aqui está muito escuro, vim iluminar um pouco.

Nos aproximamos de um grupo, onde duas mulheres conversavam e três homens as observavam ao longe. A mais velha não devia passar dos trinta anos, vestida à moda do século dezenove, corpete justo, seios quase à mostra, morena clara, nariz um tanto pontudo, cabelos despenteados. Pela roupa parecia ter sido de classe abastada, mas sua beleza era pouca, vulgar, e portava algumas joias que pareciam ser caras.

A outra também era morena, mas bem mais jovem, e tinha com ela certa similaridade física. Seriam irmãs? Só que esta trajava-se com simplicidade, o vestido era mais simples, e sua aparência era de no máximo vinte e cinco anos. Também não era bela, e notei nela, para meu espanto, uma cor amarelada e um cheiro de vômito empestando o vestido simples. Teria morrido de males do fígado, ou sido envenenada? Tive pena dela, assim como Clara, mas mantive-me observando precavidamente. As duas comentavam sobre os três homens relativamente jovens, mas não bem-apegoados, que as olhavam de longe. Disse a mais velha:

- Vê bem, Clotilde... aqueles três lá. Que será que querem?

- Nos atormentar com certeza! Não é só para isso que prestam? Ande, dê-lhes as costas! Acha que vai fisgar algum tolo aqui como fez com teu marido? Aqui não há tolos, minha querida!

A mais velha continuava a olhar sobre os ombros, a observar os três, mas estes ao se aproximarem, pararam e fizeram um ar de



desagrado. Em seguida, voltaram e foram embora. A mais velha ficou furiosa:

- Maldita! Com certeza foi esse teu cheiro de vômito! Por que tenho de andar contigo? Afasta meus pretendentes!

A outra riu-se:

- Ficou bem uns cinco anos sem mim por aqui, e quando a encontrei, estava só, louca e encolhida! Quer ficar assim de novo, Leocádia? És uma burra, que teve sorte uma vez na vida, e não soube sequer aproveitá-la! Casou-se com um homem bom e rico e o que fazia? Traía-o desavergonhadamente! Pariu até um filho negro que teve que assassinar!!!

Leocádia encolheu-se:

- Foram tempos complicados! Não fosse você conseguir um bebê branco, não sei como teria feito.

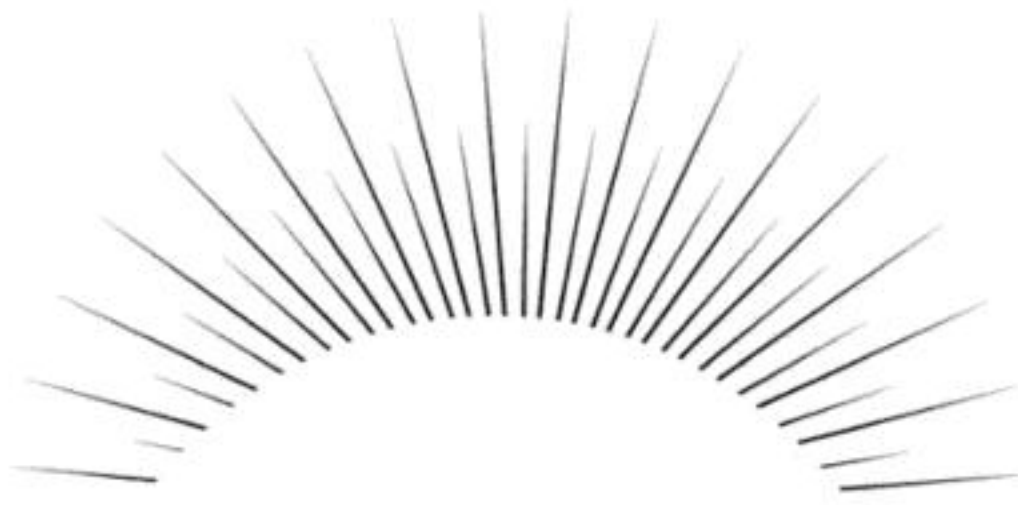
- Nem me lembre disso! Tanta morte para esconder o seu malfeito de ter um escravo por amante. Ainda me lembro daqueles italianos, os pais do bebê, me amaldiçoando. Tudo por culpa desses seus desvarios!

Leocádia desviou o olhar, e eu pensei se queria ouvir mais daquela história tão sórdida. Decidi que não e resolvi que seria melhor sair dali. Clara, no entanto, tinha a famosa curiosidade feminina, e comentou:

- Nossa, que mulheres mais complicadas! E pelo jeito faleceram cedo...

Olívia, cuja habilidade de “enxergar” o passado alheio sempre tinha me encantado, disse:

- A gente colhe o que planta, minha querida! No caso delas, a colheita não se fez esperar!



## CAPÍTULO 4

# VAIDADE E PRECONCEITO



COM ESSA RESPOSTA, ATÉ eu fiquei curioso, e perguntei:

- Mesmo? Além de roubar um bebê alheio, que mais aprontaram?

Ela olhou para as duas com ar triste:

- Não se lembram, mas eram inimigas antes, reencarnaram como irmãs para desenvolverem uma amizade. Ficaram amigas realmente, na medida do possível, mas se uniram e fizeram o mal de acordo com as suas naturezas. O bebê, de pele morena escura, foi assassinado assim que nasceu. Só não foi abortado, pois tinham esperança de que fosse branco! Acham que se arrependem disso? Nem pensar!

Se eu já não gostei das duas antes, agora a simpatia era inexistente. Clara abriu a boca de espanto:

- Jura? Matou o próprio filho?

- Com a ajuda da irmã, assim que nasceu. Não tinha “utilidade” para elas! Tolas, tivessem tomado uma atitude diferente, poderiam ter tido uma vida melhor: era uma alma inteligente, boa, ativa! Com certeza as ajudaria muito no futuro.

Pensei que no fundo a alma do menino tinha era “escapado” daquelas duas bruxas. Se era assim, voltou ao plano espiritual, onde deve estar bem melhor. Olívia continuou:

- Os pais do menino, italianos, ficaram desesperados com o sumiço do recém-nascido, lindo, de cabelos louros, claro, gordinho. Procuraram por todo lugar o menino, até que souberam que o homem mais rico do lugar tinha tido um filho igualzinho ao deles. O menino já estava com seis meses, quando passeando com Leocádia, a suposta mãe, a italiana aproximou-se dela em plena calçada pública e começou a gritar que aquele era o filho dela, e o marido dela, que já desconfiava, pois a criança não se parecia com ninguém, notou como o menino se parecia com a mãe verdadeira.

Clara ouvia a história com expressão de espanto:

- Foi... É? E que aconteceu, então?

Olívia balançou a cabeça:

- Não disse nada na hora, mas depois de alguns dias, interpelou a mulher, de quem já não gostava, de tal maneira, que ela confessou. Uma bofetada mal dada a lançou de encontro a um móvel aonde ela bateu a nuca e faleceu instantaneamente. O menino, segundo a memória da irmã mais nova, foi entregue à italiana, a morte dela foi dada como acidente. Nem mesmo a irmã orou por ela, pois não tinha fé.

Clara estava boquiaberta:

- Que história! Pelo menos o menino voltou aos pais! E a outra, morreu logo depois?

Olívia olhou a mulher mais nova, Clotilde, que tinha um aspecto doentio, e o vestido cheio de um vômito amarelado:

- Ela vivia com a irmã, que a acolheu logo que se casou. Não era bonitinha como Leocádia, mas tratava bem ao cunhado, que a suportava, em nome do parentesco. Assim que descobriu os



malfeitos da mulher, e depois da morte desta, ficou sem saber o que fazer com a cunhada. Após alguns dias do enterro, chamou-a e disse que sabia da trama que as duas tinham feito, o que deixou a pequena Clotilde bastante amedrontada. Não tinha para onde ir, nem sabia o que fazer... Tentou a piedade do cunhado, disse que tinha sido obrigada a mentir pela irmã, mas nada disso o demoveu. Por fim, chegaram a um acordo.

- Que acordo? - perguntei eu.

- Ela podia ficar na casa, mas ficaria como criada, em troco de casa e comida. Podia ir embora quando quisesse, e se fosse, era melhor! Sem ter para onde ir, Clotilde deu graças aos céus por ter comida e um teto sobre sua cabeça, e se intitulou "governanta" da grande casa da fazenda, infernizando a vida das escravas, e tentando agradar ao dono da casa de toda forma.

- E deu certo? - perguntou Clara.

Olívia sorriu de forma misteriosa:

- Se ela tivesse agido apenas como uma empregada, talvez tivesse dado! Mas, orgulhosa, não se conformava de ser uma serviçal. Queria, a todo custo, o posto que a irmã tinha ocupado: de esposa! Mas o cunhado não aguentava sequer olhar para ela, pois se lembrava das traições que tinha sofrido. Ela tentava insinuar-se de todas as formas possíveis, arrumar-se com as roupas da falecida, que por sinal ficavam largas demais, esbarrar nele das mais diferentes formas, até que um dia, o pobre senhor decidiu lhe dizer que se ela insistisse naquele comportamento, ele a expulsaria. Queria vê-la o mínimo possível.

Imaginei o desgosto do cunhado de se ver acuado dentro da própria casa, por uma criatura que ele mal suportava, tentando se fazer de "interessante" a todo momento. O sujeito sem dúvida devia ser uma boa alma, tendo tanta paciência. Olívia continuou:

- A partir daquele momento ela compreendeu que devia obedecê-lo ao menos por um tempo. Achou que ele "devia ser tímido", e depois de um mês teve uma ingrata surpresa ao vê-lo adentrar o salão principal com uma bela moça, filha de outro fazendeiro da região, muito bem-educada e bem-vestida, que as escravas comentaram que ia ser a "nova patroa". Escondida, ela o viu desmanchando-se em gentilezas com ela, e mostrando a casa

dizendo que “aquele ia ser o seu novo lar”.

Clara olhou Clotilde com pena:

- Deve ter sido muito difícil para ela...

Olívia observou:

- Realmente foi. Moça pobre, sem família, pouco atraente, vê o objeto de seu interesse aparecer com uma rival encantadora. O ímpeto que ela teve foi de matar a concorrente, mas nada podia fazer de imediato. Foi para o seu quarto e trancou-se, sem nada dizer a ninguém, e lá permaneceu trancada saindo apenas para comer durante dois ou três dias, ninguém a perturbando ou querendo saber dela. Furiosa, resolveu voltar ao convívio da casa, aparentando alegria, como se nada tivesse acontecido, mas assim que saiu do quarto, uma bonita mucama avisou que o patrão a estava esperando para uma conversa na biblioteca da casa.

Clara perguntou:

- Ele mandou-a embora?

Olívia respondeu:

- O cunhado dela era um homem de quase quarenta anos, Clara, e não era tolo! Notou perfeitamente a natureza de Clotilde, sabia que ela não se interessava por ele, mas por sua situação financeira, e que tornaria a vida dele com a nova esposa um perfeito inferno. Se tinha sido capaz de sacrificar um bebê, que mais não faria? Esperou-a na biblioteca com um saco de moedas da época dizendo que com aquilo ela se manteria por uns seis meses, e que não a queria mais ali. Esperaria apenas até o dia seguinte para que ela fosse embora... o cocheiro a levaria até a vila mais próxima.

- E o que ela fez? - perguntou Clara.

- Ficou assustada, mas percebeu que nada do que fizesse melhoraria sua situação. Pegou o saco de moedas e sem palavra, deixou a biblioteca. Em seu quarto deu vazão às lágrimas, e depois contou o dinheiro: achou pouco, que não daria para muita coisa... viveria seis meses sim, mas miseravelmente! E depois, quem cuidaria dela? O desespero avizinhou-se de sua mente, e assim que todos dormiram, ela foi até a cozinha onde dissolveu veneno para ratos em água e ficou olhando a mistura com ódio e angústia: para que meses de desespero pela frente? Pelo menos



eles viveriam com a culpa da morte dela! O veneno era rápido, todo mundo dizia isso! E engoliu rápido quatro goles que desceram queimando por seu esôfago. Impossível descrever a dor que sentiu quando chegou ao estômago, o vômito que causou, a náusea forte, a impressão de que estava sendo cortada por dentro! *Disseram que ia ser rápido! Que mentira deslavada!* O coração parou de bater, mas a sensação, essa parecia durar por séculos...

Olhamos Clotilde e seu vestido sujo, agora ali está com a irmã, depois de tanto sofrimento, ainda sente dor, embora seja menor, dificuldade de falar, ligada à matéria, assim continua.



CAMINHAMOS UM POUCO MAIS à frente e nos deparamos com um riacho em meio ao lodo, de águas muito claras, e eu vi a bondade de Criador, que supre com vida todas as suas moradas. Muito impressionada com a história das duas irmãs, Clara comentou comigo:

- Nossa, Ariel, essas duas ainda têm um longo caminho pela frente! Quanto egoísmo, quanta maldade!

- Pois é... vai saber! Mas imagine se tivessem uma vida longa, o quanto mais de mal não fariam, o tanto mais de faltas que teriam que pagar?

Ela concordou com a cabeça, mas depois me disse:

- E as pessoas dizem que tanta gente boa também se vai cedo! Encaram como se fosse um castigo divino...

Eu sorri para ela:

- Um mestre disse certa vez: "O que a lagarta chama de fim do mundo, o homem chama de borboleta." Você mesma não veio cedo? Só que veio para a Colônia, e quanto bem tem feito por aqui? Reencontrou o amor de muitas vidas, conseguiu orientar sua filha que ficou na Terra, mesmo daqui, ajudou um sem-número de pessoas, e agora ainda auxilia tantas a se reerguerem!

Nós sabemos, Clara, que a vida continua! Ninguém “se vai”, só “muda de lugar”, e alguns para lugares muito melhores, como foi o seu caso! Lembra como às vezes se sentia só na Terra? Alguma vez se sentiu só na Colônia?

Ela sorriu, lembrando-se do marido amado, dos muitos amigos e disse:

- Realmente, nunca! Entre nós me sinto entre iguais! Na Terra tinha a minha filha, a quem tanto amava e que me custou deixar, mas com a bondade do Criador e a minha fé, ei-la aqui hoje comigo, e somos todos nós tão felizes! Consegui ajudá-la mesmo estando aqui, e mesmo ela, a quem tive de deixar aos três anos de idade, enxerga isso.

Olhei minhas duas amigas um tanto preocupado, eram muitas pessoas, muita informação em torno de nós, não haveria um jeito mais fácil de encontrar Fabrício?

- Achei que ia ser difícil, mas não tanto! Não conhecia essa área do umbral. Acredita que podemos achá-lo? É muita gente, e nem sabemos direito como ele é.

Olívia olhou em volta, pegou em nossas mãos e num segundo, nos vimos no alto de uma colina, onde avistávamos todo o vale. Realmente eram, à nossa vista, centenas de pessoas. Avaliou o verdadeiro formigueiro humano que se desenrolava aos nossos olhos, a formação de pequenos grupos, e depois apontou para nós, pequenos seres, afastados dos demais.

- Vê aqueles? Longe dos outros? Os solitários?

Firmando a vista, que agora eles estavam realmente longe, notei alguns solitários, e não eram poucos.

- Sim... por que estão sós? O grupo os abandonou?

Olívia baixou os olhos, um tanto triste:

- Eles se abandonaram, e são duramente discriminados, até aqui. Costumam ser os suicidas. É entre eles que vamos procurar Fabrício.

Clara olhou para Olívia sem entender direito o que tinha ouvido:

- Discriminados? Como assim? Passei pelo meio de alguns deles e vi seus crimes por suas lembranças e seus pensamentos! Assassinos de crianças, responsáveis por fome de centenas,



estupradores! Como podem discriminar os suicidas, que só fizeram mal a eles mesmos?

A linda menina nos olhou com um olhar triste, mas cheio de sabedoria e nos disse:

- Muitos desses infelizes acham-se fortes em suas maldades, Clara. Encaram suas perfídias e falta de caráter como coisas naturais e usam como desculpa o fato de serem materialistas... sequer a morte e a prova do mundo espiritual lhes mancharam o orgulho e a empáfia de estarem tão duramente errados em seus valores falsos. Grande parte deles não têm remorso!

Clara olhou-a, perplexa:

- Praticam maldades e se acham fortes? Como pode ser isso?

Olívia, que flutuava acima do solo, olhou para a multidão abaixo da colina:

- Vou lhe dar um exemplo: Vê aquele senhor, vestido de forma antiga, de rosto marcado pela varíola? Era um feitor de escravos, matou uma quantidade boa de nossos irmãos negros que tentaram a fuga, e hoje diz com orgulho que "era bom no serviço que fazia, não escapava negro nenhum!". Deve reencarnar em breve, e nem tem ideia disso.

Clara calou-se e finalmente entendeu o ponto de vista dela. Espíritos muito primitivos não escolhiam como iam reencarnar, simplesmente porque escolheriam errado, então espíritos mais iluminados escolhiam por eles. Isso era comum... como deixar alguém que não enxerga escolher seu próprio caminho e abandoná-lo à própria sorte, sem ter quem o oriente?

Olhei para as centenas de pessoas no vale, pequeno pedaço do umbral, e não era uma visão bonita. Lembrei-me da visão horrível de suas mentes e sem querer, lembrei-me da vida calma da Colônia, onde a paz reinava, e agradei a Deus não ter que viver ali, num ambiente onde a desconfiança reinava de forma contínua e a tortura parecia não ter fim, por conta deles mesmos. Olívia continuou com seu raciocínio sobre essas pessoas perdidas:

- Pense bem, Clara, e verá que o que eles têm é *medo*, um pavor profundo de crenças que foram neles infundidas desde cedo. Tiveram uma vida na qual fizeram o que tinham vontade, cederam aos seus instintos mais baixos, foram egoístas, cínicos,



manipuladores, fracos, queriam ser satisfeitos imediatamente, e para isso não mediam esforços.

Olhei para ela sem entender direito, conseguia intuir neles a maldade e o egoísmo constante, mas o medo?

- Medo de quê, Olívia? Se permanecem no mal, se continuam a ofender os ensinamentos do Cristo?

Ela me deu um sorriso triste:

- Medo de pagarem por seus erros, Ariel. De estarem errados. Lembre-se de que são seres humanos em estágio de evolução como todos nós, e que Deus não pune, mas ensina, e que quem persiste no erro, causa um grande atraso a si mesmo. Cada ser vivo intui a presença do Criador, e eles não são diferentes, mesmo em sua vaidade tola. Quanto mais persistirem nela, mais tempo levarão para o aprendizado.

Ela olhou novamente para a multidão no vale, e continuou:

- Atormentam os suicidas porque os acham fracos, e ainda levam na mente o pensamento de alguns religiosos que pregavam que aos suicidas só restava o inferno. Eles não acham que estão no inferno, no máximo em algum purgatório, mesmo porque a maior parte deles ainda frequenta a Terra quando quer, logo, que fazem aqui esses suicidas?

Olhei para os infelizes que estavam em pontos separados com enorme piedade, pois não era favorável a nenhum tipo de segregação. Lembrei que quando na Terra, em minha última vida, tinha visto um pároco realmente não deixar enterrar em campo santo (no cemitério local) o corpo de uma moça que tinha se suicidado depois de ter sido abandonada no altar. Lembrei-me da família em prantos, que depois do ocorrido deixou de frequentar a igreja, para desencanto do pároco que perdeu algumas boas doações que eles sempre faziam, e de alguns amigos da família também, revoltados com o sofrimento deles. Estefânia e eu estávamos entre eles. Lendo meu pensamento, a menina continuou:

- A verdade, meu bom Ariel, é que não são poucos, inclusive entre os religiosos, os que confundem a intolerância e a violência, com força e "caráter". Tão fácil julgar e aniquilar o desprotegido. Se esquecem que o fraco de hoje, pode ser o poderoso de amanhã!

Nada é imutável. Essas frágeis criaturas que daqui vislumbramos, muitas delas cheias de prepotência, reencarnarão em seu devido tempo, como reencarnamos todos nós, cada qual de acordo com a sua história, num corpo e família talhados para o seu desenvolvimento, pois se eles se esqueceram do Criador, Ele não se esquece deles, como não se esqueceu de nós, que também já erramos muito. Não disse o Mestre: “Não julgai para não serdes julgados”?

Baixei minha cabeça, assim como Clara. Era verdade! Sabedor já de crimes de existências anteriores, na maior parte sanados, agradei aos céus a chance de estar ali entre aqueles irmãos que padeciam agora de sofrimentos por eles mesmos causados, sem sequer saber que existia outra forma de existência, tão mais pura, tão mais edificante. Pensei comigo mesmo que *o inferno mora dentro de nós*, e nos aprisionamos a ele por meio de pensamentos lúgubres, desejando o mal ao próximo, e colhendo este mesmo mal.

Se na Terra existe a carne que nos esconde os pensamentos, o dinheiro que nos compra o perfume e as belas roupas, no mundo espiritual os pensamentos são expostos, o feroz vive com o feroz, não há como disfarçar o mau cheiro, nem como mentir sobre as intenções. Ficamos com os nossos iguais, e nos submetemos aos nossos próprios caprichos e sentimentos. O mais inteligente, claro, subjuga o menos inteligente, mas nem por isso obtém dele lealdade, pois entre os maus, laços verdadeiros não se formam, e mesmo as associações entre eles, raramente é duradoura. Avessos ao trabalho e à ciência, as moradas são pobres, vulgares, na maior parte das vezes sujas, ao contrário da Colônia de estilos arquitetônicos variados e belos, jardins e fontes luxuriantes. Se aqui a dor é sentida em proporções gigantescas por conta da sensação materialista ser muito grande, na Colônia os hospitais são extremamente acolhedores, e essas impressões são deixadas de lado com rapidez.

A rejeição que eles sentem pelo ambiente do bem, é palpável, o próprio campo energético do lugar os repele ou faz com que eles nem o percebam, e já tivemos casos, de seres acolhidos pela Colônia, trazidos por parentes prestimosos, que por motivo de



paixões dilacerantes escolhem o umbral por moradia.

Alguns não se adequavam pelos vícios adquiridos na Terra. Outros ainda se sentiam incomodados por verem seus pensamentos devassados (a inveja, a vingança e o ciúme são desencorajados na Colônia), e outros ainda não queriam abandonar seus entes queridos na Terra, ainda encarnados. Respeitando o livre-arbítrio, por muito que aconselhássemos, lá iam eles, para a nossa tristeza.

Clara olhava a multidão como se pensasse algo, e por fim disse à Olívia:

- Poderíamos, então, ir somente nesses que estão afastados, não acha? São apenas algumas dezenas, e assim poderíamos, com alguma sorte, achar Fabrício!

Olívia balançou a cabecinha afirmativamente, mas disse:

- É certo. Mas vamos nos fazer visíveis, acho melhor do que eles ficarem “esbarrando” na gente o tempo inteiro. Não vão nos atacar, podem ficar tranquilos!

E assim dizendo, colocou-nos ao pé da colina, e envolveu-nos a todos com a sua luz azul clara, que realmente chamava atenção no ambiente nublado do umbral. Alguns espíritos que estavam por perto, ao ver-nos assim “iluminados”, ficaram um tanto espantados, pois estavam acostumados a ver entidades das caravanas, que tinham uma luz clara e branca, uma luz azulada para eles, e uma entidade como Olívia devia ser novidade das grandes. Abriram espaço à nossa passagem com relativa rapidez, o que me tranquilizou bastante, pois eram numerosos e nada amigáveis. A menina, flutuando acima de mim e de Clara, me deu um sorriso travesso e me respondeu em pensamento: “Não disse que ia ser fácil?”.



## CAPÍTULO 5

# A “SANTA” E O PECADOR



RESPIRANDO COM MUITO MAIS facilidade, já que os habitantes locais se afastavam, olhando bastante cismados a luz azulada com que Olívia nos envolvia, lembrei-me de uma frase da oração do Mestre: “livrai-nos do mal”.

Incrível como pessoas de boa índole, e eu acho que me incluo entre essas, nos inclinamos a achar que essas pobres almas que ainda estão em processo de desenvolvimento bastante primitivo, e que não sentem pelo semelhante o menor traço de amor ou simpatia, são inofensivas. E não são.

No mundo espiritual quando passeamos pelo meio delas, podemos sentir o campo energético descortinar seus pensamentos,



sentir o imenso vazio e inquietude que lhes banha o espírito; ousou dizer que poucas vezes vi energia mais poderosa. O egoísmo é intenso, suplanta a razão, enevoa o raciocínio, e a solidão é dura e intransponível. Quanto mais perverso é o ser, mais vazio ele é, e mais orgulhoso ele se torna.

Assim sendo, ele alimenta sua própria tortura infringindo ao próximo, pequenos ou grandes sofrimentos, achando que assim aumenta seu “poder” sobre os filhos de Deus. Acabam aqui, entre semelhantes, como não poderia deixar de ser e formam grupos até que reencarnam novamente, e aos poucos vão conseguindo a capacidade de sentir a dor alheia como todos nós, através de pesadas provas. Apiedem-se deles, orem por eles, mas se você conhece alguém que deseja o mal alheio, sendo possível, afaste-se dele. Tudo tem seu tempo...

Caminhamos, eu, Olívia e Clara, em direção a um pequeno amontoado de pessoas que cercava um rapaz, coberto de lama, vestindo apenas suas calças naquele frio intenso, acorado ao chão, braços tampando o rosto. Gritavam para ele insultos como: “covarde!”, “bestalhão!”, “tinha de tudo, e agora aí está, um mendigo!”.

Pensei comigo mesmo: será Fabrício? Clara me olhou esperançosa como quem dizia: será? Mas o que disseram em seguida, nos fez pensar duas vezes. Uma senhora gorda, vestindo apertado vestido de cetim lilás, cabelos louros em cachos miúdos, aparentando seus cinquenta anos bem vividos, de clara origem alemã, com um grosso crucifixo de ouro no pescoço, atirou nele um punhado de lama e gritou com uma voz fina:

- Pederasta! Homossexual! Dormia com homens! De que adiantou se casar, se continuava com essa pouca-vergonha?

Ao nos aproximarmos, eu olhei para ela, que se afastou de nós bem assustada, com o brilho da luz que nos circundava, e eu perguntei a ela, apontando o crucifixo de ouro, pendurado no pescoço:

- A irmã não é cristã?

Tomando-me por alguma entidade superior, ela fez exagerada curvatura, e eu notei que ela, pela roupa que usava devia ter desencarnado mais ou menos em 1920.

- Sou cristã, sim senhor! Nunca faltei a uma missa! Não sei o que fiz para vir para o purgatório. Esse aí sim, era filho de família rica, casado, e a mulher dele pegou-o na cama com outro homem! Um escândalo! Não foi à toa que ele se matou...

Clara condeu-se do pobre homem, que chorava baixinho e tremia com frio. Viu por perto uma cabana e entrando lá saiu com um manto velho com o qual cobriu o rapaz, que realmente espantou-se muito com a atitude dela, mas aconchegou-se ao manto com sofreguidão.

- Como se chama? - perguntou Clara.

- Tomás - respondeu o rapaz timidamente.

Vendo-o finalmente de pé, vi que o rapaz era até uma bela figura: alto, magro, cabelos lisos na altura dos ombros. O perfil sujo de lama... devia ser mesmo bonito sem aquela sujeira toda. Os gestos eram bem másculos, e imaginei que com aquela aparência deve ter chamado a atenção de muitas moças quando encarnado. Olhei para a senhora que olhava com desaprovação para Clara e indaguei:

- E a senhora, como se chama?

Ela me olhou muito altiva:

- Alba, meu senhor! E esse aí é um pecador, devia estar no fogo eterno de tanto pecado que tem. Pederasta e suicida!

Olhei para ela e depois para Olívia, que observava a situação como a querer ver como eu me sairia daquela. Eu estava irritado, com a senhora em questão, mas decidi falar calmamente:

- O Cristo não disse, dona Alba, para não julgarmos o nosso semelhante?

A mulher ficou vermelha:

- E por acaso o senhor acha que "isso aí" é meu semelhante? Um homem sem moral nenhuma?

Minha irritação cresceu mais um pouco:

- O Cristo não disse para amarmos uns aos outros?

Ela ficou ainda mais rubra e o tom de voz ainda mais agudo:

- O senhor só pode ser representante de satanás, se fica defendendo esse tipo de pecador! Meu pastor sempre me disse que essa gente vai para o fogo eterno! Não tem perdão!

Senti que minhas boas intenções com semelhante senhora



estavam a um fio de ir por ladeira abaixo, foi quando a linda Olívia pairou à minha frente e à dela, como se fosse um pequeno anjo azul, e fixou os olhos castanhos e desbotados na menina, que lhe disse na voz doce de sempre:

- Então, certos pecados não têm perdão?

Encantada com a visão dela, dona Alba balbuciou:

- És um anjo? Sim, meu anjo, todos sabem que certos pecados não têm perdão...

Incrível como ainda hoje, a ideia de punição eterna para “certos pecados”, ainda tem muitos adeptos. Olívia baixou os olhos, como se estivesse pensativa e com enorme pena da humanidade, e depois disse-lhe:

- Que triste, não? Ficar pela eternidade sofrendo... Sabe, dona Alba, a eternidade é muito tempo! Erra-se às vezes por alguns dias, algumas horas, e tem-se o incontável tempo como castigo... não lhe parece demasiado?

A mulher sorriu para ela com desdém:

- É o que se ganha quando se ofende a Deus!

Foi a vez de Olívia sorrir, e olhar para ela com aqueles olhos esverdeados que mostravam uma sabedoria muito além dos traços delicados de menina. Percebemos, eu e Clara, que ela estava vendo o passado daquela senhora, como espíritos de um grau elevado costumam fazer:

- E o que dizer de uma moça, solteira, que engravida de um homem casado e comete o aborto, dona Alba, negando assim a um inocente a chance de vir ao mundo?

A mulher empalideceu e disse:

- Com certeza a mulher teve seus motivos, se era moça e solteira, e foi seduzida por um canalha. O fruto de uma sedução dessas seria um monstro, não poderia mesmo vingar!

Olívia olhou para ela de forma mais dura:

- E o que dizer de uma filha solteira, cuja mãe já idosa dependia de seus cuidados, viúva e com boa situação financeira, e essa filha, aos poucos, tirou da velha senhora o contato com os outros filhos para assim poder usufruir do patrimônio da mãe?

- Cuidei muito bem dela. Se gastei foi com os médicos e os remédios.



Olívia sorriu de forma triste:

- Não há espaço aqui para mentiras, dona Alba. Sua mãe teve a vida abreviada, seus irmãos ficaram sem a herança devida, e a senhora, depois da morte dela, mudou-se para outra cidade com o patrimônio espoliado. Mas, não durou muito, não é? O destino prega peças, não é mesmo?

Ela sentou-se numa pedra, e dessa vez chorava sua desventura. Chorava por ela mesma, e não pelo mal que tinha feito a quem quer que fosse:

- Gostei tanto dele! Como pôde fazer aquilo comigo? Sufocar-me daquele jeito!

Olívia sacudiu a cabeça desaprovando:

- Seu amante mais novo teve com a senhora mais consideração do que a senhora teve com a sua mãe, que morreu aos poucos de inanição e falta de cuidados. Sua morte foi rápida e quase indolor, e com o mesmo intuito de gerar dinheiro. Pense nisso, se arrependa, ore a Deus, que nenhum castigo dura para sempre. E, principalmente, pare de julgar os outros de forma tão dura.

Tomás, que tudo ouvia, ficou bastante abismado com os pecados de sua torturadora mais frequente. Usando um pouco da água limpa do riacho, limpou o rosto e os cabelos como pôde, e olhou duramente para Alba, que ainda chorava irritada:

- Com que então uma assassina e ladra da própria família vem me julgando durante todo esse tempo? É moralista, não é mesmo? Amante de homem casado, com um aborto nas costas! E se passava por uma pérola da virtude em nossa cidade...

Olhei para ele como que procurando o rapaz humilde que antes aguentava todos os insultos calado... Mas o rosto bonito e jovem do moreno rapaz estava transtornado pelo ódio, e ele continuou:

- Enquanto eu estava vivo, lembro-me bem de você, sua hipócrita! Sempre a tecer comentários maldosos sobre qualquer um que se destacasse, a inveja personificada. Mas esses seus segredinhos... quem diria, hein?

Alba olhou para ele com os olhos faiscando de fúria:

- Não pense que tem o direito de dirigir-se a mim: nunca me deitei com o meu próprio sexo, nem terminei com a minha própria vida! Fui enterrada em solo santo, ao contrário de ti.

Ele riu-se com desprezo:

- E a enterrariam em solo santo se soubessem do seu aborto? Da tortura que você impôs à sua mãe, por tanto tempo? Os homens podem ser cegos, mulher, mas olhe em volta: cá estamos nós, presos no mesmo inferno! Eu por seguir a minha natureza, e você, pelos seus crimes!

Pasmo com tanto ódio destilado, olhei para Clara e Olívia, como a perguntar se deveríamos ficar ali. Clara se manifestou, perguntando em alto e bom som:

- Não pensam em perdoar-se, em chamar pelo Criador e se arrependem do mal praticado às suas vítimas?

Tomás nos olhou com desprezo:

- Criador? Deus? Ele deve odiar-me muito, ou eu não teria nascido com os desejos que sempre tive! A morte foi para mim a última alternativa para pôr fim às minhas dores, e eis-me aqui, neste inferno fétido com essa semelhante criatura e outros, dos quais não gosto nem de falar!

Olhando para ele, séria, Clara perguntou:

- Sua vida não ter terminado com a morte do corpo físico não te provou nada? Não conseguiu enxergar que tudo continua, que tudo caminha para uma evolução, ainda que você não queira?

Ele deu de ombros, como se não se importasse:

- Entendi que para certas pessoas o sofrimento deve ser eterno e que sempre há de piorar. Mas ao menos agora, depois de vocês aqui, eu também aprendi que os outros também têm seus crimes, que podem ser até bem piores que os meus, e que não devo permitir que me agridam dessa forma.

Olhando para ele, com seriedade, Olívia disse:

- A visão de pecado que cada ser humano tem, é única. Às vezes o que tem muita importância para um, não tem assim tanta importância para outro e muda de época para época na humanidade, dependendo também dos costumes de cada povo e do seu desenvolvimento espiritual.

Tomás a olhava meio espantado, como se perguntasse como menina tão nova pudesse discutir questões tão filosóficas. Ela sorriu e continuou:

- Isso é fácil de se explicar. Se o senhor, por exemplo, tivesse



nascido no ano duzentos depois de Cristo, em pleno Império Romano, seu comportamento de ser casado, e ainda assim ter vínculos afetivos com outro homem seria tolerado. Era um costume da época. O costume de sua época era discriminar duramente... e quem cria os costumes são os homens, e não Deus.

Ele a olhou bastante surpreso. Ela continuou:

- Entre algumas religiões, o senhor poderia sofrer pena de morte. Na Índia, desde que escolhesse um lado, seria aceito, e ainda por outras religiões, seria tolerado desde que fosse discreto. Enfim, depende muito da cultura existente, dos homens, da época e dos costumes. Não há, nem nunca houve, uma ideia única universal.

Tomás a olhou com respeito, pois ela lhe dizia coisas que ele nunca tinha pensado antes. Só então disse:

- As pessoas dizem que fazemos isso por falta de vergonha, aberração, caráter fraco. Mas esses impulsos nasceram comigo! Que culpa tem um ser humano de sentir de forma diferente?

A resposta de Olívia veio rápida:

- É claro que a promiscuidade existe, Tomás, mas você realmente nasceu assim, como a maioria das pessoas com essa sua característica. E a promiscuidade também existe entre os homens e mulheres ditos "normais". Quando se vem num determinado corpo, é porque se tem algo a aprender com ele... Tenha pena dos preconceituosos, dos que atacam e julgam... A Deus pertence o destino deles!

Ela aproximou-se dele, com o brilho azulado que transmitia uma paz profunda inundando o ambiente, e ele perguntou:

- Então, como devo entender o "pecado"?

Ela sorriu:

- Como algo que prejudica, atrasa, produz malefício a nós mesmos ou a alguém. Você se prejudicou muito quando tirou sua própria vida em pleno vigor da idade, mas isso não quer dizer que tenha tentado prejudicar alguém, além de você mesmo. Quem se pune diariamente aqui, nessa lama, é a sua falta de fé, e não Deus. Ele lhe espera pacientemente, pois sabe que você tem todo o tempo do mundo para chamar por Ele. Sua maior prisão é o seu orgulho, de quem acha que não tem mais nada a aprender. O



aprendizado, Tomás, não termina nunca. É como a sua vida, eterna. Sua vaidade tem sido a sua sina.

Sentindo a paz que emanava da menina, ele fechou os olhos e deu um profundo suspiro. Pensei comigo mesmo: há quanto tempo aquele rapaz não tinha um momento como aquele? Olhei Clara e vi seus olhos marejarem também, até que ouvimos Alba, de quem tínhamos até nos esquecido, embevecidos com os ensinamentos de Olívia ao pobre rapaz:

- Então é assim, um pecador deste tem redenção? Tem lugar para “esses tipos” no paraíso?

Ela deu uma risada maldosa, levantando-se para ir embora:

- São demônios para lhe levar para o inferno, Tomás! Eu sabia que um dia eles viriam, cheios de fala mansa, para poderem lhe levar de forma mais fácil. Eu que não fico aqui... vai que me seduzem também! Purgatório eu aguento, que não fui nenhuma santa mesmo... Mas inferno? Eu não!

E afastou-se. Ao ouvir as palavras dela, depois de mais de um século de tortura, Tomás franziu o cenho, e se afastou de nós, agarrado em seu manto esfarrapado. Pensei no poder da inveja e do medo, quando vi Clara se ajoelhar e fazer fervorosa oração na intenção do espírito de Tomás, para que ele não esmorecesse, nem se esquecesse da sensação de paz que tinha experimentado.



## CAPÍTULO 6

# QUEM NÃO APRENDE PELO AMOR...



DECIDIMOS SEGUIR EM FRENTE, pois ainda havia tantos a serem vistos, e eu não fazia ideia do tempo que ficaríamos naquela região, onde o anoitecer já se avizinhava. Um tanto cansada pela energia do local, Clara sugeriu que nos sentássemos num velho tronco de árvore caído e Olívia baixou finalmente seu campo energético, ficando como um de nós.

Observei a menina, que se abrigava agora em um manto cinza claro, e parecia querer dormir, como qualquer outra menina de sua aparência faria. Mais acostumado com o umbral, fiz com o abrigo cinzento dela uma “cama” entre as folhas secas do chão,

perto de Clara, e ela sentou-se nele.

- Não gosto nada daqui - disse ela. - Me consome muito, acabo precisando dormir um pouco!

Deitou-se no colo de Clara sem maiores cerimônias, e no segundo seguinte, estava já em sono profundo. Eu, que em longos anos nunca a tinha visto dormir (um fato por aqui conhecido: quanto mais evoluído o espírito, menos ele dorme), agora observava encantado o rostinho bonito perdido no meio daqueles cachos todos. Clara riu-se da falta de acanhamento dela:

- Veja se isso não é um presente de Deus, Ariel! Um anjinho desses deitado no meu colo! Repare na delicadeza dos traços dela.

Tive que concordar, olhando-a de perto como nunca antes tinha tido a chance de observar, os traços realmente tinham uma harmonia difícil de ser descrita. Os olhos imensos, as pestanas castanhas e longas, o narizinho pequeno e afilado, a boquinha em formato de rosa, que em nada denotava sensualidade, mas inocência, a pele clara, os cabelos castanhos com algumas mechas coloridas pelos raios de sol. As sobrancelhas eram em forma de arco e acompanhavam os olhos com perfeição, tirando-lhe um pouco do ar da infância, e por fim, as pequenas flores nos cabelos, que brilhavam conforme ela se movimentava, num brilho translúcido, nos cabelos que iam até o meio das costas, cacheados e bastos, não tendo necessidade assim de nenhum outro enfeite ou adereço.

- Ela emana paz - disse eu. - Que vidas terá vivido na Terra?

Clara sorriu:

- Não faço ideia, mas com certeza, deve fazer alguns séculos que não reencarna por lá. Conhece algum ser mais alegre?

Lembrando de algumas situações que tinha passado com ela, mesmo no ambiente do umbral, às vezes pesado e sujo, tive que rir:

- Não... Nenhum mais alegre, nem que me deixasse mais atônito. Aprendo muito com ela, na simplicidade de sua fé, na grandeza dos atos. A aparência de criança engana muito, mas com ela eu sinto que *quanto mais perto de Deus estamos, mais felizes nos tornamos.*

Clara cobriu melhor a menina, e encostou-se no tronco,



parecendo também cansada. Disse a ela que dormisse um pouco, que eu vigiaria para que nenhum malfeitor se aproximasse. Protegidos contra o frio, observei minhas duas amigas aconchegadas uma a outra e sorri, pensando em Estefânia, e na incrível natureza feminina: lá estava Clara tratando Olívia como se fosse o mais precioso dos bebês, da mesma forma que minha mulher fazia com todas as crianças que chegavam até ela.

Ouvi ao longe gritos e lamentos vindos dos habitantes da área, e pensei na vocação de alguns seres humanos para permanecer no mal... será que Tomás, mesmo depois de sentir a paz que Olívia emanava não teria absorvido o poder das suas palavras? Quanto tempo mais dona Alba continuaria com seus pensamentos pequenos e orgulhosos?

É certo que muitos reencarnam, a bem dizer, a maioria deles, sem sequer conhecer a Colônia. Partem do umbral ligados a novos corpos, escolhidos por mentores que os unem a antigas dívidas, afetos e desafetos para assim quitarem dívidas, terem um novo aprendizado, e irem evoluindo numa busca de menor sofrimento, maiores valores morais, e até mesmo um maior entendimento das famosas leis do retorno, que eles tanto negam, mas a que estão sujeitos.

Fiz uma prece, pois, uma grande tristeza tomou conta de mim por conta do ambiente, do esforço que faziam aquelas almas para negar o próprio sofrimento que era atroz. Pessoas como dona Alba, que eram tidas como “boas cidadãs” quando encarnadas, e que passaram a vida aprisionadas em sentimentos pequenos como prejudicar outras pessoas, tirar vantagem do sofrimento alheio, sem desenvolver nenhum sentimento de empatia ou afeto verdadeiros. Trancados por muros de egoísmo intenso, como acordavam essas pessoas todos os dias? Quais eram suas preocupações verdadeiras?

Pensei no inferno da eterna vigilância de observar o que o semelhante tinha, e que elas mesmas não tinham, da tortura que era planejar a ruína alheia em detalhes, e se frustrar quando isso não acontecia. Do medo da própria incompetência, de ter que manter as mentiras a todo custo e tive pena. Toda uma existência dedicada ao sofrimento, sem afeto, sem paz e sem solidariedade.

E ali estávamos nós entre eles. Sabiam-nos diferentes, não gostavam de nós (e de quem gostavam realmente?), mas não nos atacavam. A maior parte deles sabia que alguns seriam resgatados, e outros ainda passariam pela reencarnação, e só interferiam quando era alguém realmente próximo, por quem nutriam um ódio especial. Tinham também determinados temores gerados pela superstição, e quando viam alguma entidade de luz muito forte, como a que Olívia emanava, afastavam-se naturalmente. Preciso é que se diga que os espíritos que tentam resgatar os irmãos que pedem por ajuda no umbral, são frequentemente instruídos de como se comportar por lá, e de como voltar para casa. Como já disse antes: não é um trabalho fácil.

Com a minha oração, chegou um pouco de paz no meu coração, e ao terminá-la pude ouvir uma voz cristalina ao meu ouvido:

- Tenha calma, Ariel. A tristeza é normal, a solidão por aqui é uma constante, embora eles a neguem e você a sinta. Mas, não é uma tristeza sua, pertence a eles.

Sentei-me para continuar a ouvir a voz que falava comigo tão carinhosamente:

- Esqueceu-se? Quem não aprender pelo amor, aprenderá pela dor! Mas todos nós aprendemos, no fim! Tenha paciência, meu bom amigo. Pense no Cristo, de sabedoria tão elevada, que deve ter achado de nós, tão mesquinhos em pequenas coisas, tão limitados em nossos sentimentos? Quanto maior um homem se torna, mais paciência ele tem, porque maior é o seu entendimento das leis de Deus! Tudo tem seu tempo.

Respirei fundo, pois era verdade. Se Cristo fosse impaciente, que teria sido de nós? Quem eu era, cheio de pequenos e grandes erros para ficar julgando quem quer que fosse? A voz continuou em meu auxílio:

- Muitas vezes, a gente joga um grão e parece que a terra está seca, mas logo depois cai uma chuva e o grão floresce. Continue tentando ajudar! Não cobre resultados imediatos, cada qual tem o seu tempo. A maldade é traiçoeira, mas é tola! Conhece algum ser que, sendo um tipo mau, esteja feliz? Temporariamente satisfeito, talvez, mas a insatisfação volta no dia seguinte com toda sua fúria.



- E eles não notam isso? - perguntei.

- Um dia, quando chegam ao fundo do poço, numa doença ou na perda dos bens conseguidos de forma desonesta, a verdade aparece. Alguns, mais conscientes, começam a refletir com a solidão que plantaram, outros ainda se iludem por medo da consequência dos seus atos. Oremos por eles, meu amigo, vítimas da própria vaidade, e lembremo-nos que em vidas passadas também erramos. Evitemos o julgamento do próximo.

Pensativo com toda aquela explanação, não pude deixar de dar um sorriso triste. Ainda me irritava com a injustiça e a hipocrisia alheia, tinha sido assim durante toda a minha vida terrena, quando no Brasil Imperial lutei contra a escravatura e por outras causas. Nascido branco e filho de comerciantes abastados, nem por isso tinha me deixado seduzir por riquezas vãs, e junto com Estefânia tínhamos tido os dois uma boa vida de combate, como advogado e jornalista, tentando sempre ajudar aos sem recursos. Mas ficar calado nunca tinha sido uma de minhas qualidades. Ao contrário, um tanto orgulhoso demais, às vezes metia-me em discussões que podiam ser evitadas, e me enfurecia vendo pessoas de má índole sempre a “levar alguma vantagem” dos menos favorecidos ou ingênuos.

Olhei para Clara e Olívia deitadas a poucos passos de mim, iluminadas pela pequena fogueira que eu tinha feito. Clara adormeceu sentada, confortavelmente amparada por um tronco de árvore caído e a cabecinha de Olívia estava virada de encontro ao seu ventre. Pareciam ter o sono tranquilo dos anjos, mas eu, que perscrutava ao longe alguns sons que pareciam de festejos pagãos e alguns gemidos, não me sentia nada confortável de fechar os olhos. Pensei em minhas companheiras ali tão frágeis. Foi quando ouvi uma deliciosa risadinha, que deduzi ser de Olívia, que virou a cabecinha, e com aqueles olhos esverdeados, à luz da fogueira, pôs-se a me olhar.





## CAPÍTULO 8

# A FREIRA E O “ANJO”



SENTADA AGORA NO ABRIGO acinzentado, ela me perguntou:

- Acha mesmo que precisamos de proteção por conta de nossa aparência frágil, meu bom Ariel?

Sabedor desde muito dessa leitura de pensamentos, comum no mundo espiritual entre espíritos mais desenvolvidos, não podia deixar de me surpreender com Olívia, que não só lia pensamentos, mas devassava-nos a alma. Respondi com sinceridade:

- Coisas de homens do meu tempo, linda menina. Bem sei que aqui, no mundo espiritual, as coisas são bem diferentes, e que nem tudo é como parece.

Ela sorriu de volta:

- Pois eu gosto muito que pense assim! Há tanto tempo não vejo esses sentimentos... e a conversa com Serafim, foi boa? Acalmou os seus pensamentos?

Conversa com Serafim? Então era dele a voz? Ainda não tinha reconhecido... mas só podia mesmo ter sido meu bom amigo e mentor, que ao me ver triste, tinha conversado comigo daquela forma! Disse a ela:

- Melhor impossível. O ambiente aqui não lhe afeta, Olívia? Não lhe deixa amargurada?

Flutuando como de costume, ela olhava em volta, para depois me responder:

- Amargurada não, pois tenho os meus segredinhos. Daqui a pouco amanhecerá e vocês terão de alimentar-se. Veja se acha por perto alguma vasilha limpa e me traz um pouco de água daquele córrego ali.

Vasilha? Havia algumas cabanas paupérrimas ao longe, e no córrego tudo era um lodo só. Ter achado um lugar mais ou menos seco para passar a noite já tinha sido uma sorte, e as folhas secas servindo de cama, outro alento, mas não tinha como achar alguma vasilha por ali. Ainda assim, meio duro de frio, pus-me a procurar, afastando folhas, na beira do córrego, chutando galhos secos, afastando pequenos lagartos que pareciam fazer parte da fauna do lugar. Pensei na bondade de Deus para com todas as Suas criaturas, que mesmo em lugares ermos como aqueles, fazia com que vegetações brotassem e pequenos seres ainda existissem. Foi então que, finalmente, avistei um pequeno pote de argila, já com as beiradas meio carcomidas pelo tempo, mas com o fundo bem conservado, quase à beira do córrego.

Feliz da vida e sem me preocupar com o frio, peguei o grosseiro pote, no qual cabia quase um litro de água, e me encaminhei para dentro do lodoso córrego para lavá-lo, pensando que não adiantaria muito, quando, veja que surpresa: por baixo de fina camada de lodo, estava a água mais pura e limpa que eu já tinha visto!

Molhado até os joelhos, tiritando de frio, mas feliz como um menino, voltei até Olívia com o que considerava uma missão impossível realizada, ao que ela, vendo o pote cheio de água

limpa, e eu bastante molhado, comentou:

- Água bem limpa, que bom, vai ficar ótimo! Mas se molhou todo... cubra-se perto da fogueira e descanse um pouco, Ariel.

Conformado, fiz o que ela me disse, e observei quando ela colocou as duas mãos sobre o pote e fez cair sobre ele, concentrando-se de olhos fechados, pequenas partículas de luz dourada e prateada. Em seguida veio até mim, dizendo:

- Ande, beba um pouco que está precisando. Depois feche os olhos por cinco minutos que será como se tivesse dormido a noite inteira.

Olhei a água do pote, que parecia comum, embora um pouco mais brilhante e tomei alguns goles. Que gosto incrível aquela água tinha! Parecia revitalizar todo o meu corpo, passando o frio, o cansaço, qualquer energia negativa com que o ambiente tivesse me contagiado. Em seguida me deu um sono de criança, desses irresistíveis, e a última coisa que eu vi foi Olívia dando da mesma água a Clara, que virou-se para o outro lado e dormiu também.

Ela me disse que acordei pouco tempo depois, mas para mim parecia que horas tinham se passado. Olhei o sol no céu e verifiquei que tinham sido apenas poucos minutos, como ela mesma tinha dito. Mas que descansado eu estava! Além disso estava alegre, fortalecido!

Olhei para Clara que estava até um pouco corada, naquele sol de mormaço do umbral, com os cabelos castanhos brilhantes, e a boquinha rosada. Ela me sorriu e disse:

- Tomou da água dela também, foi?

Fiz que sim com a cabeça, observando a menina que já olhava ao longe tentando identificar aonde iríamos naquele dia que se iniciava. Vendo-nos bem-dispostos, ela se encaminhou para nós, brincalhona:

- Viram? Ainda por cima sou boa cozinheira!

Sorri ao me lembrar da comida quando ainda estava encarnado, era um “bom garfo”, então. Mas a “água fluidificada” de Olívia tinha me trazido um bem-estar e uma saciedade como nunca tinha experimentado antes. Agradei, junto com Clara:

- Fique à vontade para repetir quando quiser, nunca me senti tão bem!



- É verdade... - disse Clara. - Nana que não escute, já que me alimenta desde sempre, mas nunca tomei nada parecido! Que colocou lá?

Ela riu-se:

- Amor, coragem e boa vontade. Não é o que andamos precisando todos?

Dei um suspiro fundo, olhando para o vale no momento em que o sol fazia-se já um pouco mais alto. Para onde iríamos? Ao menos eu sabia que fugiríamos dos ajuntamentos de espíritos, que esses sim, me deixavam bem mal com sua energia confusa. Buscar os solitários, que estavam sós ou em dois ou três no máximo... entre esses acharíamos os nossos irmãos suicidas.

Amava minha amiga Clara; mas ainda não conseguia me conformar em tentar achar um homem que não tinha fé! Olhei para ela meio cismado, mas meu coração se abrandou de imediato ao vê-la de semblante leve, brincando com Olívia, perguntando se levava a vasilha de argila ou não, já que não tínhamos nenhum outro vasilhame.

- Dê para Ariel que ele leva. Afinal de contas, é o homem da equipe, não é?

Olhei para a pobre vasilha desbeijada, mas, ao lembrar-me da água milagrosa, adiantei-me e a coloquei num saco de viagem improvisado. Sabe-se lá se eu acharia outra. Ao menos aquela estava bem limpa, o que naquela parte do umbral era coisa rara. Olívia olhava para o ar como que sondando o vento, quando decidiu e disse:

- Vamos por aqui, a trilha é mais limpa e o solo um pouco menos lodoso. Também há menos "ajuntamento" de gente, o que nos poupa de percalços. Esse dia me parece que vai ser tão escuro quanto o de ontem.

Assim fomos seguindo por uma trilha de mato meio seco e batido, ouvindo vozes mais ou menos ao longe. Notei que Clara, que no início se assustava mais com os ruídos, tinha se acostumado um pouco, e já ia caminhando mais firme. Olívia não usava o seu brilho azul, e embora continuasse não encostando no terreno, flutuando constantemente, dela vinha agora apenas um brilho mais suave. Perguntei-me se ela não usaria mais aquela

energia intensa, se estava com algum problema. Ela me respondeu em voz alta:

- Se não encosto no solo, é para minha proteção. A luz azul, como você chama, continua comigo, mas agora não é necessária. Esse "brilho" meu, é natural por aqui, onde tudo é tão opaco. Vocês também brilham, só que você não está notando!

Clara me olhou com um sorriso e uma interrogação:

- Não nota nosso próprio brilho, Ariel? Não é tão forte como o dela, mas está aqui. Você brilha também, meu amigo!

De fato, em volta dos cabelos lisos e castanhos de minha amiga, pude ver a luminosidade se achegando, em tom de lilás claro e prata. Bem mais leve do que em Olívia, mas ali estava. Pensei que comigo devia ocorrer o mesmo e lembrei-me das vezes sem conta que tínhamos ido ao umbral. Quase sempre os seres que por lá estavam, tinham se afastado, para que pudéssemos socorrer aos que pediam por ajuda. Eles viam o brilho também.

Estava eu nessas divagações quando senti em meu peito indizível sentimento de angústia, e olhei imediatamente para o lado esquerdo, procurando, entre algumas árvores meio secas (o terreno ali já era bem seco), uma ou outra pequena clareira, uma pessoa ou mais de uma por ali. Ouvi um som de choro baixo e me encaminhei imediatamente para lá, acompanhado de Olívia e Clara, parando quando vi, a poucos passos de mim, um hábito negro de freira em uma mulher de seus aparentes cinquenta anos, que estava sentada em uma pedra grande, e com uma vara fina de madeira fazia desenhos no chão de terra batida.

Um tanto afastada dela, dentro do mesmo córrego, que aqui não tinha lodo, por ser o clima mais seco, vi uma mulher dos seus vinte e poucos anos, cabelos curtos, cortados de forma irregular. A camisola era larga e disforme, de algodão grosseiro, longa e cheia de pregas. Tão espessa que não ficava transparente com a água, e ela esfregava-se frequentemente com a areia do fundo do rio, como se quisesse arrancar a própria pele.

Era dela o choro de desespero, da jovem de dentro do rio!

Olhei para Clara, minha companheira de trabalho... Estávamos ali para achar Fabrício e levá-lo para a mãe dele, mas a angústia da moça perante a freira era palpável, e cortava o coração! Não



poderíamos tentar ajudar ao menos um pouco? Afinal, era uma religiosa, quem sabe conseguiríamos, junto com ela, ajudar a moça tão desesperada?

Clara me sorriu com aprovação:

- É justo o que eu ia lhe pedir, meu bondoso amigo! Sentiu o desespero também? Talvez possamos ajudar, já que estamos aqui... podemos ir, não podemos, Olívia?

A menina olhava as duas praticamente sem expressão, ora observando a freira, ou a moça, com relativa preocupação, mas respondeu:

- É válida a preocupação de vocês, já que ali se desenha de fato um quadro de imenso sofrimento. Mas independente da senhora ser uma religiosa, não ouvi dela sequer uma oração, ou uma tentativa de ajudar a moça. Vocês têm livre-arbítrio, e qualquer tentativa de ajuda ao próximo é bem-vinda aos olhos do Criador.

Senti que a situação podia ser muito mais grave do que intuíamos, mas, já que estávamos ali e a freira nos parecia apática, mas não perigosa, resolvemos nos aproximar e chegando perto dela, a mesma apressou-se em apagar um desenho que estava fazendo no chão de terra. Olhou-me com uns olhos castanhos um tanto amarelados, cercados de pequenas rugas, debaixo de umas sobrancelhas um tanto sem forma, ainda bem negras. O resto do rosto era comum, ainda que com uma pele maltratada pelo tempo. Não devia ter sido uma moça feia, possivelmente, se tivesse tido um trato adequado, podia até mesmo ter feito relativo sucesso pelos salões da época.

Tinha uma força diferente nos olhos, que de início pareciam comuns, uma inteligência acima da média, uma esperteza e rapidez de raciocínio bem distintas. Notou imediatamente que eu não pertencia ao lugar, ainda assim, ergueu o queixo e me disse:

- Que quer por aqui, senhor? Atendendo a algum chamado? Daqui não foi... nunca chamamos ninguém.

Ela já devia estar no umbral há algum tempo... já tinha visto alguns irmãos agindo em socorro de arrependidos. Perguntei:

- Está aqui há muito tempo, irmã?

- Adoeci gravemente em 1935, depois de trabalhar toda uma vida no convento... acredita que nem dinheiro para o remédio eles



tinham? Defini até a morte, e depois, vim para cá. Bordei tanta roupa de cama cara, fiz tanto lençol, roupinhas, me acabei em cima de costuras e bordados toda a minha infância! E no final não tinham sequer dinheiro para um remédio comum... e se diziam cristãos! Um ninho de cobras, isso é que eles eram!

Entristeci-me com a história dela. Sabia realmente de algumas famílias muito pobres, que sem poder criar as filhas as entregavam ao convento em tenra idade para que pudessem sobreviver. Algumas já tinham me dito que a vida, às vezes, por trás dos muros, podia ser bem dura em alguns casos. Clara aproximou-se dela, bondosa como sempre:

- Sinto muito por tudo que a senhora passou. Deve ter sido muito duro... como se chama a senhora?

A mulher olhou Clara desconfiada, mas logo simpatizou com ela. Deu-lhe um sorriso com os dentes muito amarelos:

- Irmã Lourdes. Era assim que me chamavam lá.

- E a senhora costurou até sua morte? - perguntou Clara.

A mulher riu-se, como se Clara fosse a maior das ingênuas:

- Claro que não, sua tola! Só as que não têm ambição nenhuma terminam sua vida encurvadas, em cima de uma costura! Eu estudei, soube conseguir meus objetivos! Aos poucos fui subindo no convento e quando morri, já tinha sido a responsável por mais de oitenta noviças e a sua educação e moral!

Ao ouvir aquilo, nos entreolhamos, mas ela continuou:

- E não pense que isso é coisa simples! Essas meninas já chegavam lá com pensamentos imundos, cheias de pecados! Só Deus sabe o que tive que fazer para que andassem direito! Está vendo aquela lá? É Eulália! Nem todos os banhos do mundo vão tirar os pecados dela e fazer com que fique pura novamente.

Com assombro total, eu e Clara olhamos para a pobre moça, que aos prantos se banhava e se esfregava com areia, dentro do córrego. Pecado? Sujeira? Lavando-se na água do córrego, sem parar? Que tipo de loucura era essa, que fazia com que a moça, de claros cabelos cortados curtos e de quem nós não víamos a face, já que ela não ousava nos encarar, se lavasse para "tirar seus pecados"?

Ficamos sem entender como funcionaria tão insano castigo,

quando Clara perguntou em voz alta, para que a moça ouvisse:

- Não seria melhor, irmã Lourdes, que ela parasse com essa tortura e viesse aqui, rezar conosco, pedindo perdão por qualquer crime que tenha cometido? Mesmo porque aqui é frio, ela deve sofrer com o clima...

A moça cessou de se esfregar, como se prestasse atenção à voz de Clara, e eu vi a freira, que antes se portava com certa civilidade, ficar de pé numa rapidez de raio e nos encarar com raiva:

- Perdão? Sabe o que fez aquela ali? Não sabe, não é? Ela fez o imperdoável... é uma suicida! Pagará pela eternidade o crime de ter sacrificado a sua vida!

Disse isso com tanto ódio que a moça no córrego se encolheu, junto com Clara, que não esperava aquele “vozeirão” vindo de uma freira, ainda mais com uma voz tão cravada de puro ódio. Mas, se ela achava que minha amiga se encolheria, não a conhecia ainda. Clara era doce, mas não era tola, e logo perguntou a ela, num tom de voz educado, mas firme:

- Em que parte do Evangelho, senhora, Jesus disse que qualquer pecador jamais seria perdoado? Em que livro citou que os suicidas seriam condenados ao tormento do inferno sem descanso, sem nenhuma chance de redenção?

A freira parou e ficou a olhar as vestes claras de minha amiga, cobertas pelo grosso manto cinza claro, e a luz que dela emanava, diferente de todos do umbral. Olhou depois para mim, perto de Clara, que apenas presenciava a cena, calado e não muito surpreso com a resposta dela, pois sabia que ela devia conhecer suficientemente bem os evangelhos, e amava o mestre Jesus acima de tudo. A freira, ao que parece, não dispunha assim de tanto conhecimento:

- Em minha época não tínhamos tanta liberdade assim com os livros sagrados, mas os padres sempre nos ensinaram sobre os pecados mortais e a desgraça de um suicida! Acha que um homem de Deus nos ensinaria errado? Nem em terreno sagrado podiam ser enterrados! Um assassino podia... Mas suicidas, esses não! Todo mundo sabe disso!

Clara continuou, já meio irritada:

- E não lhe ensinaram sobre um Jesus que acolhe os aflitos? Que



não julga nem a prostituta nem o coletor de impostos? Que perdoou o ladrão na cruz, assim como os seus malfeitores? Que crime pode ter cometido essa moça para merecer ficar nessa situação, que não mereça ao menos ser ouvida? Somos todos nós sem máculas para poder julgá-la?

Irmã Lourdes tinha a postura reta, numa das mãos ainda a vara com que escrevia no chão de terra seca. Foi quando pude ouvir de seus lábios finos o som do nome da moça, que ela claramente tinha em seu domínio:

- Eulália, venha para fora do rio! Esses viajantes querem saber sua história!

A moça, que estava de costas para nós, um tanto molhada e com frio, baixou a cabeça, colocou os braços de frente aos seios pequenos para cobrir qualquer possível transparência, que de fato não havia, já que o pano era suficientemente grosso e cheio de pregas, e de cabeça ainda bem baixa, postou-se ao lado da freira. Esta, por sua vez, disse-lhe em alto e bom som:

- Olhe para eles! Tantas vezes em sua vida foi despudorada! Trate de olhá-los, que eles não pertencem a este lugar.

O corpo da moça era esguio, comum, de uma mulher nos seus 20 e poucos anos na Terra. Poderia até ter sido bonito não estivesse tão vermelho por conta dela se esfregar constantemente e ter algumas pequenas feridas nos braços. Mas quando ela ergueu para nós o rosto, de pele perfeita, olhos verdes cintilantes, traços harmoniosos, vi um dos rostos mais bonitos que já tinha visto. Os lábios pequenos e carnudos estavam um tanto rachados pelo frio, mas ainda assim, parecia o rosto de uma santa! A freira riu-se de nossa expressão:

- Parece um anjo, não é? Quando chegou ao convento tinha treze anos, e todos nós pensamos o mesmo. Chegou trazida pela família, que era pobre, e que a tinha quase como uma maldição. Naquela idade já chamava uma atenção desmedida, e os pais acharam melhor trazê-la para servir a Deus. "Ficando escondida no convento vai causar menos confusão", disse o pai dela.

Eulália ouvia tudo sem nada dizer, como se a história fosse com outra pessoa e não com ela. Preocupada apenas em secar-se um pouco ao sol de mormaço, os cabelos louros e mal cortados



adquirindo uma luz única, brilhantes.

- Ficar longe de encrencas... Certas pessoas trazem consigo o mal, e essa menina era assim! Nossa madre superiora já tinha então seus sessenta anos, não enxergava muito bem, mas ao ver a mocinha que vinha tão malfalada da Vila, que tinha seduzido inclusive homens casados, achou que era maledicência do povo. Que uma menina tão nova não teria tanta malícia e que, provavelmente, tinha sido vítima da inveja alheia.

- E ela não se comportava bem? - perguntou Clara.

- Mais parecia um bicho assustado. Tinha escapado de boas surras das mulheres da Vila, mas antes que ficasse preguiçosa, eu a coloquei na limpeza do convento e devo dizer que, sem homens por perto, ela se comportou até bem.

Pela primeira vez ouvi a voz de Eulália, num tom baixo, ainda medroso:

- A vida no convento, nos primeiros anos, não era ruim. Tinha muito trabalho, mas eu logo fiz amigas. E ninguém me perturbou como estava acontecendo na Vila. Fiquei feliz de estar por lá... a comida era pouca, mas não se passava fome.

Pensei na infância dura que devia ter tido, não era raro que entre pequenos agricultores, em anos de grandes secas, as famílias realmente passassem necessidades extremas. E uma menina bonita como aquela, numa Vila pequena, deve ter realmente chamado muita atenção e causado muitos ciúmes. Clara aproximou-se de Eulália, que agora já a olhava timidamente:

- Não me parece má pessoa, Eulália... que houve contigo? Por que o suicídio?

As lágrimas surgiram abundantes nos olhos da moça, e a freira riu-se:

- Não lhe parece má? Ela ainda tem esse dom de iludir? Achava que aqui seriam menos tolos... Provocar suicídio, não é grave? Enganar não é crime? E mentir deslavadamente para encobrir seus próprios pecados? Por conta dessa criatura muitas vidas foram - modificadas!

Eulália tampava o rosto com as mãos, e, apesar das acusações, eu não conseguia deixar de ter piedade por ela. Só então disse à freira:

- Pois então nos diga, irmã: que crimes hediondos cometeu essa moça que a levaram ao suicídio?

- Não sei se a levaram ao suicídio. Poderia ter optado por outro caminho, que sempre há outra escolha... Mas vou lhe contar o que há por trás de semelhante criatura, cujo rosto parece o de um anjo!

A moça virou o rosto para o outro lado, como se não quisesse ouvir o que a freira fosse nos contar. Procurando Olívia com os olhos, a vi a uns quinze passos de distância, parecendo sentada num dos galhos grossos e secos de imensa árvore, observando-nos de cima, numa expressão séria e que de maneira nenhuma demonstrava cansaço. Apenas a esperar o que seria dito, mas como se soubesse já de todo o acontecido... a freira estava erguida e começou sua história, feliz de ter quem a escutasse:

- Eulália, se de início não reclamava do trabalho de limpeza do convento, depois de alguns meses, no entanto, começou a querer sair dele. Era analfabeta, o que no ano de 1918 era muito comum, principalmente entre famílias camponesas, raro aliás, era quem tivesse leitura... mas tantos sorrisos deu para nossa madre superiora que ela logo permitiu que ela tivesse aulas de alfabetização junto com as moças pagantes, ainda que continuasse na limpeza nas horas vagas. Por conta da aparência dela, a madre a achava uma espécie de anjo que tinha sofrido muitas desventuras, e passou a protegê-la. Ao final de dois anos, ela já estava apenas bordando e tendo aulas, como qualquer aluna pagante.

- E que mal havia, que ela fosse bem tratada pela madre, que gostava dela? - perguntou Clara.

- Mal nenhum, se não causasse confusões sempre por onde passava. Na cozinha, por exemplo, começaram a sumir peças de louça da mais cara, que usávamos para receber o bispo quando nos visitava, assim como alguns lotes de biscoitos finos que fazíamos com nata, para venda, muito apreciados pelas senhoras da localidade. Uma negra de nome Virgínia, que trabalhava em nossa cozinha há anos, disse que tinha visto Eulália muito perto dos doces várias vezes. Ela jurou inocência e disse à madre, sua protetora, que devia verificar o quarto de todas as religiosas que ficavam na cozinha. Sabe o que aconteceu, senhora?



Clara negou com a cabeça, já um tanto preocupada. Lourdes respondeu:

- Acharam algumas peças de louça e alguns pacotes de biscoito no quarto da boa Virgínia, que cozinhava para nós há décadas, e que sustentava a família com as hortaliças que trazia do convento que ela mesma plantava. Foi expulsa de lá, porque a madre tinha bom coração e não quis que se chamasse a polícia. Mas eu sei muito bem quem colocou aquelas coisas no quarto dela... não pude provar, mas sei.

Ficamos eu e Clara calados, olhando para Eulália, que agora baixava a cabeça e nada respondia. A madre continuou:

- E não foi só isso: eram pequenas coisas constantes! Pequenos mimos de alunas que sumiam e que apareciam misteriosamente na cama de outras, pequenos comentários maldosos, pequenos presentes que Eulália recebia desta ou daquela menina, que depois aparecia triste pelos caminhos do corredor. E ela sempre com esse jeito angelical, o padre Afonso e a madre sempre a lhe cobrir de elogios. Foi quando veio, por conta de padre Afonso estar já muito velhinho e com problemas na garganta, um padre novo para ajudá-lo nas missas. Eu teria preferido sem dúvida um outro tipo de padre, mais experiente, ao menos... mas mandaram um homem de seus 30 e poucos anos, moreno bem claro, voz forte de barítono, olhar penetrante e um pouco " másculo demais".

Bem, pensei, era a primeira vez que ouvia alguém reclamar por um padre ser " másculo demais". Mas depois entendi o motivo dela, quando notei Clara um tantinho " corada".

- Enquanto padre Afonso beirava já os 70 anos, curvado pela coluna, um tanto cego e afônico, agora me chegava o padre Giácomo, filho de italianos, falando alto, alegre, enérgico, no meio de todas aquelas moças. Ainda por cima era bem apessoado, e eu, nos meus 29 anos, entendi perfeitamente o efeito que ele causaria nas mulheres. Não achei boa ideia que ele tivesse sido designado para lá, e imaginei que, como responsável pelo comportamento das noviças, eu teria que tomar bastante cuidado dali por diante.

- Mas o padre não teria muito contato com as noviças, teria, irmã? - perguntou Clara

Ela riu-se:



- No convento, funcionava mais ou menos assim: acordávamos às cinco horas, fazíamos a nossa higiene, nossas orações e depois seguíamos todos os dias para a missa das seis. Só depois da missa tomávamos o nosso café, que era frugal, para seguirmos com as nossas atividades. Elas também tinham a liberdade de se confessar ao menos uma vez por semana, e as que se sentiam em falta com Deus podiam ir até três vezes por semana. Eram na época oitenta noviças, fora as alunas pagantes, que somavam mais de cem, e que devíamos observar rigidamente também. Tínhamos uma boa equipe de vinte irmãs no total, apenas na área didática, mas, era complicado, e o convento era enorme, cheio de passagens escondidas, como qualquer prédio antigo.

Imaginei que o trabalho por elas feito devia ser mesmo exaustivo, principalmente na moral rígida do início do século XX. Um homem novo e cheio de energia, caso fosse um canalha, poderia causar um desastre.

- E o padre Giácomo realmente pareceu ter sido mandado pelo diabo em pessoa. De início pareceu muito cordato, muito cheio de valores morais, seduziu-me inteiramente e devo confessar que fiquei muito atraída por ele. Ele percebeu? Provavelmente sim, e divertia-se dando-me uma certa esperança e conseguindo que eu lhe fizesse alguns favores quando necessário. Nutri por ele uma paixão desmedida, que me levou a fazer alguns dos atos mais detestáveis de minha vida, atos que custaram a minha alma.

Ela baixou os olhos, triste e abatida. Respirou fundo:

- Que tolas podem ser as mulheres que parecem fortes, curtidas pelo tempo, à prova de qualquer paixão. Eu me julgava assim, já que criada desde a tenra infância no convento, nunca tinha me apaixonado por nenhum homem que estivesse por lá. E olhe que lá iam entregadores dos mercados, verdureiros, o correio, além dos padres e coroinhas. Não achem que um convento é totalmente desprovido de vida masculina, pois não é... perdi a conta do número de freiras que apareciam vergonhosamente grávidas, e só Deus sabe que tipo de atitudes tínhamos que tomar para que a honra do convento ficasse intacta!

Uma dor forte, como um presságio, me apertou o peito, quando perguntei:

- Que tipo de atitude, irmã Lourdes?

Ouvi então estranha risada, e olhei em volta, só então me dando conta de que a risada vinha de Eulália, que ria com amargura, embora fitasse com ódio a irmã, que não abaixou a cabeça, ao contrário, a encarou de queixo erguido. Mesmo quando a bela moça disse:

- Vai contar seus crimes, "santinha"?

A freira a encarou sem o menor medo ou remorso:

- Não cometi crime algum. Agi em nome de nossa comunidade e da Santa Madre Igreja! Não devo nada a ninguém e não tenho culpa da falta de vergonha de algumas noviças!

Eulália ergueu-se:

- Pois se não vai contar, eu conto.



## CAPÍTULO 9

# EULÁLIA COMEÇA SUA HISTÓRIA



A FREIRA OLHAVA A moça com uma fúria mal contida:

- Então comece pelos seus pecados, que depois veremos os meus!

Eulália então saiu do rio novamente, ergueu a cabeça desta vez, linda moça que ela era, e sentou-se na beira de um tronco caído, como tantos existiam por ali, parecendo destroços de tempestade. Observei Olívia se ajeitando de seu lugar na árvore um tanto desfolhada e alta, como que para assistir a cena, ao que a moça concluiu:

- Pois que seja. Que julguem os senhores quem tem a história mais feia.



O sol de mormaço do umbral iluminava fracamente a paisagem um tanto desoladora e triste. Observei Eulália e sua face perfeita, os olhos grandes e verdes com pestanas escuras, emoldurados pelas sobrancelhas castanhas, e fiquei imaginando quantos homens não se encantariam por ela fora do convento. Ela começou a sua história:

- Morri em 1925, aos 20 anos. E a irmã tem realmente razão, não nasci boa, mas além da beleza tão elogiada, eu era inteligente... e fútil.

Ela suspirou:

- Éramos em sete irmãos, e eu fui a quarta. Casa miserável, gente sem estudo, comida pouca... Que coisa mais triste ser pobre, eu detestava tudo aquilo! Aos onze tornei-me moça e as curvas não tardaram a aparecer, e com elas, os olhares dos homens... de forma rápida tirei vantagem disso, ganhando presentes sem nada dar em troca além de sorrisos e olhares. Fazia-me de meiga, de desprotegida, contava as histórias mais tristes, e por fim, quando um rapaz se matou, após eu dizer que nada queria com ele, a Vila se revoltou, e lá fui eu mandada para o convento. Se senti algo pela morte do rapaz? Claro que não... que culpa eu tinha dele ser tão tolo!

Observei Clara boquiaberta com as palavras que saíam de lábios tão perfeitos e bem desenhados, mas ela continuou.

- No convento, a mesma coisa. Seduzi as alunas pagantes com elogios falsos e com isso ganhei alguns mimos. Se passasse pela cozinha e visse confeitos, roubava alguns, vendia outros, mas nunca roubei nenhum adereço ou louça que fosse. Ainda mais colocar no quarto de outra pessoa! Dinheiro, para mim, sempre foi muito importante: eu nunca tinha tido! Assim que ouvia os passos trôpegos da mãe, me punha em posição de orações fervorosas, e ei-la do meu lado em todas as situações! Sempre que pude, deixei a irmã Lourdes praticamente enlouquecida comigo, nunca nos gostamos! Talvez por sermos parecidas em algumas coisas, por eu saber demais, atrair a quem não devia, ela me odiasse tanto...

A esse comentário, pude ver a irmã Lourdes enviando-lhe um olhar enraivecido, mas ela lhe deu uma pequena e triste risada de propósito, e continuou:

- A coisa realmente complicou quando eu tinha quase 16 anos e o padre Giacomo chegou. Alto, forte, voz potente, másculo com aquelas sobrancelhas grossas... eu só tinha conhecido padres muito idosos ou com a voz mais afeminada. Estranhei, sem dúvida, aquele "tipo" de padre. O falatório entre as noviças foi grande, embora feito à meia voz. Tinha eu já visto diversos homens, grandes e másculos na Vila e ele não me chamou tanta atenção assim. Mas, me fascinou o "burburinho" à minha volta, nunca tinha visto tanto alvoroço. Cheguei a me divertir vendo as noviças acordarem ainda mais cedo para estarem bonitas para a missa das seis, beliscando as próprias bochechas para ficarem coradas, enfim, tentando parecer atraentes para um padre, ainda que não se dessem conta do escândalo que seria isso! Minha vontade era de gritar: "Vocês são noviças, ele é um padre, nunca vão poder ficar juntos!", mas resolvi simplesmente me sentar e ver que tipo de vantagem eu poderia tirar de tudo aquilo.

Estranhei as colocações dela:

- Vantagens? Como assim? - perguntei curioso. - Fala de vantagens financeiras?

Ela riu-se:

- Também, que algumas noviças eram de famílias ricas e dinheiro é sempre bom, mas outros tipos de vantagens são ainda melhores em um convento. Ficariam me devendo favores, na base da chantagem, que eu cobraria quando me interessasse. O padre Giacomo tinha um tipo sensual, e com suas indiscrições eu poderia conseguir algo dali que talvez pudesse usar no futuro. Logo, tratei de me afastar o máximo possível dele e de observar tudo o que ocorria a sua volta. Ele não me via, pois nem me confessar com ele eu ia, preferindo o padre mais velho. Não ia dar chance a quem se interessasse por mim, a exemplo de outros que já tinham se interessado, e eu não tinha a menor intenção de ficar no convento o resto da vida. Pensava que com a reação que esse padre causava nas moças e mesmo em algumas freiras, talvez eu conseguisse até mesmo uma chance de ter a minha independência, mas não estava preparada para nada do que viria a seguir.

Seus olhos verdes se encheram de lágrimas, e o sorriso de superioridade de antes, ficou amargo. Ela continuou:



- Eu mesma não tinha ideia do que era paixão, mas já tinha visto muita gente apaixonada, e não me enganei quanto ao padre Giacomo. Atencioso com as noviças mais bonitas, fugia, no entanto, das alunas pagantes, fazendo a estas longas preleções sobre a moralidade. Não adiantava, elas suspiravam mesmo assim... Conversava entretanto com as mães delas, elogiando aqui e ali, conseguindo vultosas doações para o convento. Madre Superiora estava muito satisfeita com ele, tão satisfeita que “fechava” os olhos, já um tanto míopes, à sua fama de conquistador junto às noviças.

Clara me pareceu meio inquieta com as declarações de Eulália, tanto que perguntou:

- Com que então ele assediava as moças? Forçava-as a algo?

Notei que Eulália tentou ser justa:

- Não posso dizer com certeza, já que não estava presente quando acontecia, mas nunca ouvi falar que tenha *forçado* qualquer moça a fazer algo com ele. Mas era persuasivo, e como um caso com um padre tivesse que se manter em segredo, para ele foi fácil ficar com várias delas ao mesmo tempo, já que uma não sabia de outra.

- E como você soube disso, Eulália? - perguntou Clara.

Ela sorriu meio faceira com as lembranças:

- Tornei-me confidente de muitas delas. Era fácil descobrir quais eram: bastava notar quais delas estavam distraídas, meio sem fome, dando olhares para o padre Giacomo quando ele entrava no refeitório, era tudo claro como água. Elas tinham necessidade de falar com alguém sobre o acontecido, e eu surgia quase que como tábua de salvação. E não eram só algumas noviças, algumas freiras mais novas também, andavam com atitudes que não tinham antes, não é mesmo, irmã Lourdes?

A freira a olhou, muito irritada, e respondeu:

- Algum dia me viu com alguma atitude indecorosa com o padre? Ou mesmo dizendo algo que pudesse me comprometer com ele?

O olhar dela foi triste e magoado para a freira que tinha sido a sua tortura quando viva:

- Não... Quem dera tivesse sido isso, que a senhora, quando



mais nova, não era uma mulher feia. Com todas essas confissões das moças, é claro que ganhei alguns mimos, outras me presenteavam com algum dinheiro, tudo para me agradar e para que eu nunca contasse nada a ninguém. E eu era fiel realmente, nada falava, nem mesmo que o padre em questão já tinha vários casos dentro do Convento. E as seduzia sem a menor vergonha, meninas de 14, 15 ou 16 anos, que ainda sonhavam com príncipes encantados, debaixo dos hábitos claros e simples de noviças! Mas nenhuma delas me disse que tinha sido forçada a nada, e uma até me falou que se sentia “abençoada”, pois um “homem de Deus” tinha estado com ela.

Dentro de meu peito ardeu uma revolta imensa, pois notei que eram crianças seduzidas pelo prazer de um homem adulto e sagaz, que só pensava em si mesmo. Eulália continuou:

- O triste da situação é que a irmã Lourdes parecia ter um faro para algumas dessas moças, e quando notava que uma delas tinha “desaparecido” por uma hora que fosse, colocava-a em castigos severos, sem missa, nem confissão por um bom tempo. O padre, notando isso, tratava de dispensar a noviça em questão, pois já se sabia vigiado, e dizia para a pobre que, “apesar da grande paixão que sentia, tinha que voltar a respeitar o hábito que usava”, e assim, ela era coisa do passado. Meninas assim usadas entravam muitas vezes em sério desespero romântico, uma chegando a ingerir veneno de rato, falecendo dois dias depois com dores fortíssimas. Outras ainda simplesmente paravam de comer, e ainda tivemos duas que optaram por deixar o convento. Essas últimas tiveram sorte, porque foram as que a irmã Lourdes não descobriu a tempo. Mas tivemos outras, que padeceram de um mal muito pior: seis moças engravidaram no período de dois anos.

Sabedor da época em que tal fato tinha ocorrido, não pude deixar de perguntar:

- Mas isso, no início do século XX, seria um escândalo sem precedentes! Noviças engravidadas por um padre? Que aconteceu então? Foram expulsas?

- E deixar que um escândalo como esse caísse na boca do povo? Jamais! De início, a maior parte delas quase que não sabia o que estava ocorrendo... para ser franca, algumas delas não sabiam

sequer como eram feitos os bebês, e se estranharam a falta das regras, foi meses depois. A irmã Lourdes foi a primeira a perceber e ficou furiosa quando descobriu que uma menina de quatorze anos estava grávida, vomitando pelos corredores do convento, muito pálida, e já com o ventre pronunciado. Levando-a para o seu gabinete interrogou a moça, e sabendo do acontecido, açoitou-a sem dó, para “tirar o demônio” dela. Lembro-me que voltou ao nosso dormitório depois e me contou tudo, enquanto deixava que eu lhe lavasse os ferimentos. Ouvi seu relato imaginando o que seria dali por diante, e ela, feliz e assustada de descobrir a gravidez, fazia planos de contar ao pai sobre o filho que esperava. Dizia-me ingenuamente que: “ele certamente me tirará daqui, vai largar a batina e se casar comigo. Que homem não quer ter um filho da mulher que ama?”.

Senti dentro de mim uma pena sem limites da moça, pois já tinha conhecido alguns sedutores e eles não costumavam ter honra com pequenas que se tornavam um estorvo. Que seria dela?



## CAPÍTULO 10

# A MORAL E A MORTE



ERA TRISTE, NAQUELA ÉPOCA, o destino de uma moça grávida e solteira. Se fosse rica, poderia se dar um jeito, arranjar um casamento de conveniência, mas pobre...

A bela boca de Eulália fez uma expressão de desprezo:

- Tola! Como todas as outras que viriam depois, tolas! O padre fez seu "harém" no convento, mas preocupar-se com elas? Jamais! Tomava o cuidado de relacionar-se apenas com as pobres e sem importância, pois assim sabia que nada lhe aconteceria, e assim foi. A irmã Lourdes ali, foi a primeira a esconder seus crimes, e nem mesmo a madre superiora ficou sabendo às claras do que acontecia. A menina que se chamava Eduína foi posta nos



trabalhos mais duros que se podiam achar no convento, até que a barriga começou a ficar aparente demais, e passou por tantos jejuns que viam-se os ossos por debaixo da pele do rosto. Foi afastada da missa e do confessionário e nos últimos meses de gravidez, caiu de tal forma doente, que ficou numa cela (quarto individual) separada de todas nós. Soube por conversas de corredor que tinha falecido, e da criança, nada se falou. O mesmo foi acontecendo com as outras, só duas sobreviveram.

Horrorizado com a narrativa, tive que perguntar a ela:

- Como pode achar que essas meninas não foram inocentes presas nas mãos de tão detestável padre, que ainda por cima as abandonou à sua própria sorte no momento de sua maior angústia? Eram meninas! O que ele fez foi sedução, e é punível com lei, principalmente sendo ele um líder espiritual!

Ela me encarou com um olhar frio e respondeu:

- Nunca pensei que o padre fosse um santo, senhor! Muito ao contrário! Mas as moças não se comportaram bem... Podia lhes mentir, mas é passado o tempo das mentiras, meu senhor. Eu era uma menina como elas, sentia as coisas, embora de um jeito diferente delas, e elas conversavam comigo. Com o tempo vi exatamente o que o padre estava fazendo, a feiura de tudo aquilo, mas também vi o que se passava no coração delas. Essas que se apaixonaram tinham sonhos românticos, estavam no convento por pura falta de opção ou de comida em casa; não tinham vocação religiosa. Umas tinham enganado a família para fugir da lida na lavoura, preguiçosas. Outras estavam ali por orgulho, porque achavam que a vida religiosa lhes conferia um certo *status* no meio da pobreza em que viviam. Nem todas que entram no convento, entram pelo motivo certo. E existiam ainda as que estavam se comportando mal, promíscuas mesmo. Eu tirava vantagens dos homens, mas promíscua não tinha sido.

Clara me observou:

- Há que se lembrar, Ariel, que, por trás da roupagem do corpo físico, reside um espírito milenar que vem com seus vícios e suas qualidades aprimorados pelo tempo. Lógico que dada a condição de impotência das meninas diante do padre, este agiu mal a não mais poder, e isto lhe será cobrado. O fato é que algumas

sucumbiram, outras não.

Eulália complementou:

- Algumas se insinuaram, outras não. Lembrem-se que elas me contavam as coisas, e soubessem elas de seus destinos, como teriam se comportado de forma diferente! Mas, como eu disse: duas escaparam com vida, a quarta a dar à luz chamava-se Mercedes, era uma mestiça de índia com português, forte como ela só, beirando os 16 anos. Teve o mesmo tratamento, mas era esperta: deu um jeito de conseguir comida extra da cozinha! Simpática como ela só, até eu me simpatizei muito com ela, e cansada de ver as colegas “desaparecendo”, levava alguma coisa sempre que possível também. Dessa forma ela não perdeu peso, nem ficou enfurnada em uma cela como as outras, coisa inútil, aliás, pois todas nós sabíamos o que estava se passando.

Clara perguntou:

- Ela veio a ter o filho junto a vocês?

Eulália riu:

- Claro que não! Quando a barriga ficou pontuda, a irmã Lourdes a colocou afastada de nós, e aí sim acredito que ela tenha passado um pouco de fome. Um mês e meio depois, voltou Mercedes ao nosso convívio, sem a barriga, descorada, tremendamente abatida, e sem querer falar com ninguém. Bem mais magra que antes do parto, a nossa indiazinha negava-se a comer, tinha ainda um pouco de febre, e dores abdominais. Os olhos vermelhos pareciam não ter mais lágrimas e ela ficou encurvada na cama, por vários dias, sendo alimentada com uma sopa rala que ela, às vezes, vomitava.

Clara apiedou-se da moça:

- Morreu também?

- Levou um bom tempo, pois ela era bem forte. Uma noite me sentei ao lado dela na cama, e segurei-lhe a mão, que estava fria como gelo. Gostava de Mercedes, que era alegre, bonitona, sempre com um comentário engraçado. Tinha sido sua confidente também, e me dado doces para vender, os quais fazia na cozinha do convento (já eu, não fazia nada de graça). Olhei para ela pela primeira vez com verdadeira amizade perguntando o que tinha ocorrido para deixá-la daquela forma. Ela me olhou com aqueles



olhos castanhos avermelhados de chorar, contando que eu não fazia ideia do que algumas freiras eram capazes de fazer.

Dito isso ela olhou para irmã Lourdes, com um ódio difícil de descrever com palavras, mas continuou:

- Perguntei a ela o que tinha acontecido, se a criança tinha nascido bem, e ela virou-se na cama pela primeira vez chorando de fato. Disse que estava cansada demais, que se num convento coisas assim aconteciam, nada mais valia a pena, parou de comer definitivamente e em seis dias, finalmente estava morta.

A irmã Lourdes tinha a cabeça virada para o outro lado. Envergonhada por lembranças doloridas? Não me parecia... incomodada? Seria essa a palavra certa? O que faziam a essas mães e seus bebês no ambiente sagrado de um convento? Não sei, mas li seu pensamento com clareza e ele dizia: "Eles não sabem o que se tem que fazer para manter o bom nome de um convento quando essas desmioladas fazem o que querem!" Clara olhou para mim como se dissesse em viva voz: "Não adianta falar com quem não se arrepende!" E eu me calei. Eulália continuou.

- A quinta também sobreviveu, mas nada disse. Era uma moça fútil, um tanto tolinha, e sua transformação foi atroz: tornou-se uma criatura de poucos amigos, que ganhou peso, e ficou maldosa. A sexta moça não sobreviveu.

Eulália deu um sorriso amargo:

- Com isso, a vida do padre Giácomo ficou um tanto mais complicada do que ele gostaria: moça nenhuma mais queria proximidade com ele, que passou a ser evitado como se fosse Lúcifer na Terra. Tinha noviça até que se benzia quando passava por ele... Notei então a alegria de irmã Lourdes, que ficou subitamente bem-humorada, e correu a notícia pelo convento de que ela e o padre estariam tendo um caso ardente. Achei graça: o demônio e a puritana! Como já disse antes, ela não era uma mulher feia, longe disso, era até bem-feita de corpo, mas o que me irritou de fato, além da morte de minhas colegas, foi a hipocrisia da coisa. Com que então a "santarrona", que vivia a dar lições de moral e a pregar a castidade, estava agora a ter seu caso de amor, justo com o maior dos pecadores? Aquilo começou a me incomodar mais do que devia!



Senti em Eulália a força de um ódio tal, que devia ter vindo de outras encarnações, além daquela vida. Os olhos verdes pareciam ter mais vida do que antes, e ela cruzou os braços, quando olhou para a irmã Lourdes e disparou a acusação:

- Hipócrita! Demônio sem compaixão!

Ao que a irmã, impassível em seu hábito negro, simplesmente respondeu:

- Quem nunca pecou na vida? É verdade que amei um homem, mas o que fiz foi para proteger a Igreja! E não sucumbi ao suicídio como você! Não ouse fazer comparações!

Ao ver que a freira ainda julgava-se superior à moça, Clara lembrou à freira:

- Existem erros, irmã, muito mais graves que o suicídio. Devemos observar também o que a levou a cometer tal ato, o estado mental em que se encontrava, se estava doente, sob a influência de drogas ministradas a ela sem a sua concordância... existem tantos atenuantes que a senhora sequer faz ideia! Fomentar nela a culpa, de forma desmedida, é um grande mal que lhe será cobrado!

A freira a olhou com um ódio controlado, o que não afetou minha companheira de viagem:

- Eu a puno porque é a vontade de Deus!

Pela primeira vez ouvi a voz de Olívia, clara e cristalina, em alto e bom som:

- Pois Deus, minha senhora, é amor. *E Ele não pune, Ele ensina!*

Assustada ao ver a formosa menina em inebriante luz azul, ela se calou. Olhei para Eulália e a vi de olhos fixos em Olívia e finalmente ela se ajoelhou no chão, espantada com a luz que vinha dela, e eu vi grossas lágrimas caírem de seu rosto. Finalmente aproximando-se, sem encostar no chão, a luz em volta dela brilhando como nunca, Olívia disse num tom de voz normal para ela:

- É a primeira vez que chora desde que desencarnou. O orgulho não a deixava chorar antes, mas vê, as lágrimas agora te limpam, não precisa mais se esfregar com tanta força! Conte a eles, Eulália, o que fez com a sua vida quando resolveu se vingar por suas amigas...



## CAPÍTULO 11

# SANTA CLARA



A FREIRA, AO VER Olívia se aproximar, afastou-se rapidamente. Clara e eu pudemos ler no pensamento dela, o temor de que Olívia fosse um anjo vingador qualquer, que a castigaria ou a levaria para um lugar pior. Um canto com chamas bem altas passou-lhe pela cabeça, assim ela tratou de retirar-se o mais discretamente e rápido possível. Aproveitei para fazer um semblante de desaprovação bem sério, e a fuga foi ainda mais veloz... Clara me olhou e me disse em voz baixa: “Malvado!”.

Soubesse ela o que escutaríamos a seguir, teria sido ela a não só fazer cara feia, mas a enxotar a freira. Banhada em suas próprias lágrimas, perto de Olívia, que agora já voltava à sua luz natural,

muito clara, mas branca, Eulália finalmente deixou de lado a sua máscara de frieza e contou-nos o que tinha se passado:

- Tem razão... Eu conseguia mesmo dinheiro delas com mercadorias que elas faziam e eu vendia para as alunas ricas, pois não tinha intenção de ficar no convento. Mas meu coração não era de pedra! Gostava da maioria delas, embora as achasse tolas! Mercedes, principalmente, foi a melhor amiga que tive durante toda a minha vida. Era sensual, alegre, inteligente, trabalhadora... Apaixonou-se loucamente! Todas elas me pediam segredo, mas eu devia ter contado para elas, umas das outras, quanta dor não podia ter evitado! Ao invés disso, aquela sequência de mortes absurdas, para proteger o nome do convento a qualquer custo, e o padre sem qualquer punição... Eu podia ter evitado, não pense que não sei disso!

Ela parou, soluçou, e eu vi um arrependimento verdadeiro pela primeira vez nela, então disse:

- Você também era muito jovem! Que idade tinha? Dezesesseis?

- Quando a última morte ocorreu eu estava fazendo 18 anos. Quando tudo começou, estava com 16. Mas era desculpa, agi muito mal... na medida em que elas começaram a morrer, a culpa e o ódio foram me corroendo. Não na primeira moça, mas depois fui vendo o ardil das irmãs com as noviças grávidas, e os privilégios que o padre continuava tendo. Aquilo foi me revoltando de tal maneira, que quando a última se foi, eu deixei passar uns três meses, e comecei o meu plano. Noviças parecem todas muito iguais em seus hábitos, e eu tinha conseguido passar despercebida do padre Giácomo até então, sentando-me sempre nas últimas filas de cabeça baixa, e nunca me confessando com ele, apenas com o velho padre que lá continuava apenas para essas funções. A irmã Lourdes estava no sétimo céu de tão contente naqueles dias, mesmo depois de tanta desgraça ter acontecido. Éramos agora em quase cento e vinte noviças.

Clara perguntou:

- Ainda não tinha feito os votos, Eulália? Por quê?

Eulália sorriu meio triste:

- Os votos não eram obrigatórios. Lá trabalhávamos gratuitamente, e muito! Apenas as que “ouviam o chamado de



Cristo” faziam os votos perpétuos, as demais ficavam até os 24 anos, quando saíam para serem professoras ou qualquer outra profissão. Assim estava eu, e por isso juntava dinheiro...

Finalmente entendi o quanto a menina era precavida desde cedo. O que em nada justificava o que tinha ocorrido, mas demonstrava um raciocínio lógico bem apurado numa menina de 15 anos, que costuma não atentar para esse tipo de coisa. Ela continuou:

- Sempre tive horror à pobreza. A pobreza leva a abusos, e eu não sofreria abusos nunca mais... Aos 19 anos eu sabia perfeitamente o quanto chamava a atenção masculina, mesmo dentro do convento. Entregadores de frutas, marceneiros, encanadores, todos eles chegavam a parar o que estavam fazendo quando me viam, e não faziam isso para nenhuma outra noviça. Chegava a receber pequenos presentes, bilhetes, que eu recusava sempre, dizendo que estava “comprometida com o Cristo”, não tinha interesse em nenhum deles. Sabendo disso, dessa minha sina com o sexo oposto, munida de misto de culpa e ódio, resolvi um dia levantar um pouco mais cedo, e, na hora da missa, sentei-me bem à frente do púlpito, de forma que o padre Giácomo não tivesse alternativa, que não fosse me enxergar.

Eu e Clara olhamos o rosto de Eulália, ainda molhado de choro, e reparamos no quanto era bela a moça, mesmo com os louros cabelos cortados em desalinho, o narizinho vermelho, os olhos inchados de choro. Se ali, com aquela rota camisola de tecido grosso ela já chamava a atenção pela formosura sem par, tentei imaginá-la no hábito de noviça, muito limpa, sem artifícios, aquele rosto de anjo a mirar o padre, com aqueles olhos verdes como o mar em dia de sol ardente.

- Notei que as outras noviças estranharam que eu me sentasse ali, perto do púlpito. Mas quem estranhou mesmo foram as irmãs, que me olharam como me fuzilando com os olhos, francamente incomodadas com a minha presença. Ajoelhei-me em posição de oração, o que as deixou desconfortáveis. Sentando-me novamente para ver a missa, assustei-me ao ver a irmã Lourdes a me encarar com ódio, mas sem nada dizer, pois o padre Giácomo estava entrando. As missas, na época, eram ditas de costas para a

audiência, em latim, de forma que de imediato, ele não me notou. Mas eu pude finalmente vê-lo de perto: era realmente um homem alto, forte, de cabelos negros entremeados de fios grisalhos, pele morena clara. Não tinha visto seu rosto de perto, mas só de lembrar das moças, o ódio me subia ao peito, e ruborizava o meu rosto. Só então senti sobre mim um olhar tão pesado que parecia chumbo derretido: a irmã Lourdes me observava atentamente, inclusive ao meu rubor, sabendo o que eu pensava! Atrevida, sorri para ela, em cumprimento, e foi o que bastou: ela avermelhou-se como eu nunca tinha visto antes!

Ela deu um sorriso divertido a se lembrar da cena:

- Foi então que o padre terminou sua longa cantilena em latim, da qual entendíamos apenas poucas palavras, as quais repetíamos no momento certo, e chegou a hora da comunhão. Eu nunca tinha tomado a hóstia das mãos dele, nem me aproximado, eis que ele, nos preparativos, finalmente colocou os olhos em mim. Estávamos todos em pé, aguardando a hora de entrar em fila para comungar, quando o mais inesperado aconteceu: o padre, que estava praticamente do outro lado da nave (pequeno palco da Igreja) me viu, parou os preparativos, e veio em minha direção, parando justo na minha frente, olhando fixamente para o meu rosto e me perguntando, para espanto meu: "Santa Clara?"

Prestando atenção na narrativa da moça, achei francamente que tinha escutado errado, então perguntei:

- Ele lhe chamou de Santa Clara? A amada amiga e companheira de São Francisco de Assis?

Ela abaixou a cabeça e disse:

- Sim, a intocada, a casta amada de São Francisco de Assis, que representa a pureza e a caridade profunda. E falou em voz audível, boa parte da audiência ouviu, o que me colocou numa situação muito constrangedora. Achei francamente que ele me daria olhares de cobiça, como outros homens já tinham me dado, mas aquele homem alto, de traços até brutos de tão masculino, me olhou como se eu fosse uma espécie de santa impoluta! Dei a ele um olhar da mais pura reprovação e saí imediatamente da igreja, envergonhada, pouco me importando a situação que deixava atrás de mim. As companheiras me contaram que, depois de



recuperado, ele continuou com a missa, mas olhava constantemente a porta por onde eu tinha saído, como se esperasse que eu voltasse.

Clara olhou para ela francamente admirada:

- Isso deve ter causado um falatório só...

- Antes fosse apenas um falatório. Presa em meu quarto, envergonhada, pois de santa eu nada tinha, não bastasse a culpa que eu carregava e a minha intenção de vingança, eu estava bastante confusa e sem saber o que fazer. Terminada a missa, como as companheiras fossem encaminhadas para as suas atividades, apareceu no quarto amplo e vazio a irmã Lourdes, pálida de ódio, e ao me ver abatida não me poupou, dizendo: "conseguiu o que queria, exibida? Por que não se manteve longe, como vinha fazendo até hoje? Tinha que ir até lá 'tentar' o padre?"

Eu e Clara imaginamos a cena, claro que a irmã não ficaria feliz... ela continuou:

- Não respondi, pois sabia que seria pior. Mas não consegui deixar de olhá-la com desprezo, já que tinha ciência de seu envolvimento com ele... enfrentando meu olhar, apesar de meu silêncio, sem motivo aparente algum, que eu nada tinha feito, ela me trancou numa cela individual dizendo que eu ficaria lá por pelo menos quinze dias, para orações e reflexão, para purificar a minha alma. Como leitura teria a Bíblia Sagrada, mas ficaria incomunicável, para o meu próprio crescimento espiritual. Tal punição, depois eu soube, repercutiu muito mal entre as irmãs, pois eu nada tinha feito além de deixar a missa mais cedo, e essa punição era reservada a quem tinha cometido delitos graves, o que colocou a irmã Lourdes sob forte suspeita de estar me perseguindo. Mas quem a enfrentaria? Seu mau gênio era famoso, assim como as suas vinganças: entrei na cela, certa de passar uns bons dias a pão e água, tendo um catre duro como pedra por cama e muito pouco sol.

- Ficou por lá muito tempo? - Clara perguntou.

- Três dias.

Olhei para ela meio abismado, e perguntei:

- Que bom! A irmã se arrependeu?

Ela deu uma longa risada amarga, e nos disse:



- A irmã Lourdes, se arrepender de um castigo? E justo comigo? De fato, hoje eu teria preferido ficar por lá, e até ter morrido naquele castigo... teria sido melhor. Mas não foi o que aconteceu. Durante três dias eu engoli o meu ódio naquela cela pequena e sem sol, com uma Bíblia em latim que eu não entendia! Eu sabia ler, mas de que adiantava? Aprendi sobre um Deus vingativo, que só punia e mandava, e um Jesus que era um sofrimento sem fim! Culpa, falsa moralidade, rezas decoradas e castigos... Assim era a vida no convento, e eu ansiava por sol...

Ela ergueu o lindo rosto para o fraco sol do umbral, um mormaço fraco e frio, tão diferente do sol da Colônia que aquecia sem ferir, e emanava vibrações tão positivas! Ainda assim ela pareceu ter um prazer verdadeiro com aqueles raios de sol fracos. Olívia me disse em pensamento: "de que se espanta, meu amigo? Acha que o umbral é uma terra esquecida por Deus? O Universo pertence a Deus, Ariel, e Ele espera por Seus filhos! O mesmo sol que ilumina esses seres aqui, ilumina a Terra e a nossa Colônia, esqueceu-se? Mesmo nesse solo pobre, nessas árvores meio secas, nesse ar meio pesado, Deus ali está. Procura, e O encontrará!".

Aquecida, Eulália voltou seus olhos verdes para nós:

- Meu ódio que já era grande, tornou-se avassalador lembrando das colegas tão maltratadas no dia a dia, abandonadas em seu momento de maior fragilidade, enquanto seu malfeitor gozava de todos os privilégios. Notei que pela reação da irmã Lourdes sua paixão devia ser grande e que ela estava agindo em nome do ciúme, e prometi sair dali viva, mas tal não foi necessário. Na manhã do terceiro dia, irmã Tereza, que cuidava pessoalmente da madre superiora veio ter comigo, trazendo a chave da cela, e me disse, para minha surpresa: "então essa é a moça que inspirou o nosso bom padre? Realmente, filha, pareces uma santa de tão linda! Venha que a madre superiora quer falar um pouco contigo, mas coma algo antes que estás muito fraquinha!" E assim foi colocado, na mesa do refeitório, depois que todas as outras já estavam em seus trabalhos, um lauto café da manhã como eu nunca tinha comido antes, com ovos, pães, e pasmem: até um pedaço de bolo! De jejum praticamente há dois dias, devorei tudo o mais rápido que pude. Senti as forças me voltarem, e só depois

me levaram aos aposentos da madre superiora.

Clara sorriu ao ouvir a narrativa, e comentou:

- Sei que sou magra, mas se me deixassem sem comer direito por dois dias, fazia a mesma coisa! Coisa mais triste passar fome, nunca entendi o que acham que isso ensina! Mas, o que queria a madre superiora? Tirá-la do castigo?

- Na realidade - respondeu Eulália - ela sequer sabia do castigo, ele nem tinha chegado aos seus ouvidos, como boa parte das punições que aconteciam no convento. Era uma senhora idosa, já sofrendo os esquecimentos da idade, e com gente que tirava proveito disso. Mas a irmã Tereza, que cuidava dela, era uma pessoa de muito boa índole, e que fazia com que as decisões da madre fossem cumpridas com obediência, e se soubesse de alguém que a desacatasse, tomava de fato medidas corretivas. Para mim, na época, a madre superiora tinha bom coração, mas ignorava e muito os abusos que ocorriam com as noviças. Era um convento grande, onde circulava bastante dinheiro por conta das aulas particulares ministradas às moças de família. Assim como aos produtos feitos pelas noviças e as irmãs, disputados pela sociedade local. Qualquer criança que nascesse dentro do convento denegriria a instituição de forma indelével.

Admirei-me de que ela defendesse tanto a madre, que não sei até que ponto não estaria a par do que se passava no convento, mas respeitei sua opinião de menina. Podia ser realmente que de nada soubesse. Ela continuou:

- Mas quando entrei na sala da madre ela me sorriu com candura e pediu que eu me aproximasse para que ela me visse melhor, o que fiz, e então ela se levantou para ver meu rosto de perto, olhos bem apertados, e exclamou: "é verdade o que ele me disse, irmã Tereza, pelo pouco que me resta de vista ela parece mesmo com Santa Clara, ou a imagem que temos dela!".

Eulália deu nessa parte um fundo suspiro, como se estivesse irritada:

- Por Deus, pensei eu! De novo a história de santa! Que queriam comigo, afinal? Logo ela me respondeu: "filha, nosso padre Giacomino é um artista renomado, e está fazendo uma encomenda para as irmãs Clarissas. Posaria para ele como Santa



gostei muito daquilo, pois eu não tinha feito os votos, e meus cabelos iam, longos e louros até a cintura, em cachos largos. Nenhum homem tinha me visto sem a touca de noviça, já há seis anos, então reclamei. Ele me disse que era por uma causa nobre, a irmã assentiu e lá fui eu me trocar: a rústica roupa de algodão, por belíssima túnica de seda, que embora não deixasse transparências, revelava mais do que eu estava acostumada, os cabelos escovados e que eu tentava manter escondidos pelo lenço, mas este também de seda, voava ao menor dos movimentos, mostrando o tamanho e formato dos cachos, emoldurando meu rosto. Olhando-me no espelho tive que admitir que nunca tinha estado tão bela, nem tão vermelha de vergonha! Tentei me conformar dizendo que ao menos não estava indecente, mas não foi sem repúdio que entrei na sala. Devia ser daquela forma que me vestiria para meu noivo, não para um homem daqueles!

Clara perguntou, curiosa que sempre foi:

- E como foi a reação dele?

- Não vi direito... Estava de cabeça baixa, vermelha como um tomate, bastante desconfortável. Mas a irmã Fátima se desmanchou em elogios, disse que se ele conseguisse fazer igual, ia ser um sucesso. Já gostava da irmã Fátima, que parecia ser ingênua e de bom coração, mas se me fosse dado a escolha, saía dali o mais rápido possível! Comecei a duvidar seriamente do meu plano de vingança, se eu não gostava nem de olhar para o homem, como me vingaria dele? Pensando nisso, tratei de erguer o rosto e ele segurou meu braço com certa delicadeza, dizendo: "Não estava mesmo enganado, tens mesmo a beleza e a inocência de uma Santa Clara! Agora vem, senta-te aqui nesta mesa e olha para esta parede com as mãos postas em oração. Antes de esculpir, tenho que fazer alguns esboços de teu rosto e de tuas mãos..." Depois de me colocar na posição, advertiu que eu devia me manter o maior tempo possível imóvel, e assim fiquei.

Ela sorriu de um jeito amargo, lembrando a servidão:

- Meu Deus, como doem as costas, os braços, a coluna de alguém que tem que ficar numa determinada posição por uma hora ou mais! A irmã Fátima arrumou logo um tricô e lá ficou, sentadinha e nos observando durante todo o tempo. E assim



Pensei que ela brincou com fogo, mas nada disse. Ela continuou:

- A primavera tinha passado, e começou o verão. As amplas janelas da sala foram abertas para que a ventilação fluísse, mas os hábitos ficavam constantemente molhados de suor, inclusive os do padre Giácomo. Ele começou a pedir à irmã Fátima que fosse preparar uma limonada, ou trazer água. Ela, muito prestativa, ia buscar, o que lhe dava com folga, uns vinte minutos a sós comigo. Dois minutos depois que ela saiu, largando do cinzel (peça usada para esculpir a pedra), ele se aproximou como nunca havia feito antes, o que me deixou bastante preocupada, dizendo que agradecia o esforço que eu estava fazendo para que ele completasse sua obra. Baixei os olhos respondendo que “era tudo pelas nossas irmãs Clarissas.” Senti-me como um ratinho que brinca impunemente com um leão que estava enjaulado, e o leão finalmente é solto. O padre Giácomo sorriu, mostrando os dentes muito alvos, por trás da barba malfeita. Tinha um cheiro forte de suor, que em nada me agradou, e eu me encolhi, pensando em onde tinha me metido, pela primeira vez na vida. Então, voz forte me veio na cabeça, dizendo: “Não seja tola; é apenas um homem! Nenhuma das moças disse que ele as obrigou a nada!”.

- Então, não era violento? - perguntou Clara.

- Não. Ao menos que eu saiba, com as moças nunca tinha sido violento, mas gentil... Ao menos era o que elas diziam - respondeu Eulália, e continuou:

- Aquilo me deu certa força. Eu não gostava de proximidades com o sexo oposto, e tinha os meus motivos! Fiquei mais calma, ele se afastou um pouco, o que me deixou mais confortável, e continuou o seu trabalho, me olhando com um sorriso amigável. Meio confusa, mas já sem tanto medo, relaxei um pouco, e fui notando, ao final de vários dias, o perfil de meu corpo se fazendo notar na imensa pedra sabão, o que me deixou surpresa e até feliz. Padre Giácomo podia ser um canalha, mas também era um artista! A verdade é que já iam quatro meses, e ele falava comigo sempre com respeito, e mesmo quando a irmã Fátima ia buscar os seus refrescos, nunca se aproximou de forma ofensiva.

Clara observou:



## CAPÍTULO 13

# ANTÔNIA



UM CONVENTO DEVIA SER um manancial de amor infinito, já que eram mulheres servindo ao Cristo. Agora ali, conversando com Eulália, eu notava que, naquele convento com as missas em latim, pouca noção do Evangelho tinha aquela moça! O convento na realidade, me parecia uma pequena sociedade que lutava para sobreviver no mundo com as suas próprias regras, se adequando à sua forma para manter uma imagem impoluta perante à sociedade local e assim manter-se financeiramente.

Ouvindo dela que as noviças eram “dispensáveis”, pensei que era assim que muitos pobres da Terra se sentiam, desvalidos e sem poder de lutar contra os mais poderosos. Não era à toa que



- Às vezes a criança fica quietinha mesmo! Iam tirar o bebê de que forma?

Eulália continuou:

- Antônia diz não se lembrar muito bem, pois estava com febre alta, mas se lembra da dor: disse que se sentiu rasgada ao meio! Irmã Lourdes chamou uma velha freira, que pelo visto já tinha sido parteira, que examinou a noviça e atestou que o bebê de fato tinha falecido. Deu vigorosas massagens com óleos na barriga desta para ver se o bebê voltava a se mexer, mas nada aconteceu, e só então se utilizou de alguns ferros que introduziu na moça e fez seu serviço. O parto forçado machucou um pouco a cabeça da criança, que estava já em posição de nascimento, mas percebeu que realmente já estava morta havia algum tempo, completamente roxa, e enrugada. Mostraram o bebê, um menino, à Antônia, que apenas soltou umas lágrimas e desfaleceu.

Notei Clara muito abalada. Emocionava-se com histórias de mães, e, realmente, aquela era bem triste. Eulália continuou:

- Então, até ali eu sabia apenas da culpa direta da irmã Lourdes, mas então ela me disse algo que me deixou ainda mais firme na minha decisão de vingança: “fiquei alguns dias entre a vida e a morte, triste demais por ter visto meu filho, moreno como o pai, morto ainda antes de nascer! Pensava que se tivesse vingado eu teria me casado com o padre Giacomo! Que tola! Tomava remédios amargos, dormia boa parte do tempo e outras vezes, simplesmente mantinha meus olhos fechados num quarto individual onde tinham me colocado, limpo e com um bom colchão, com a luz do sol pela manhã. Ouvi passos e fingi dormir, só então ouvindo a voz da irmã Lourdes dizendo a alguém que eu ‘talvez escapasse da morte’. Qual não foi meu espanto ao ouvir a voz do padre Giacomo a responder: ‘é triste, mas, ao menos, outro escândalo foi evitado’, e saíram em silêncio. Impossível dizer da minha dor ao ouvir aquelas palavras! Então ele sabia, desde o início, de todas nós! Éramos, as noviças pobres e grávidas, escândalos a serem ‘evitados’. Meus olhos continuaram fechados, mas as lágrimas escorriam grossas, chegando aos travesseiros, ensopando-os, e ali mesmo tomei a decisão de que eu viveria, e voltaria para os meus e faria tamanho escândalo que aquele padre



ajudada pelas forças das colegas já desencarnadas, que muito desejavam a mesma vingança. Lendo meu pensamento, Clara sorriu como se estivesse em sintonia comigo e me disse: “Triste, não? Unidas por tal dor?”, ao que Olívia, em pensamento também, observou: “Algumas das moças deixadas sós por longo tempo naquela cela fria enlouqueceram e tiveram sozinhas os bebês que morreram por falta de assistência. É preciso olhar este atenuante. Mas realmente três moças estavam com ela por um bom tempo, o sofrimento foi demasiado: elas ansiavam por vingança!”.

Eulália foi até o rio e lavou seu rosto, cônica de que estava de seu testemunho:

- Dentro de mim veio o jeito certo de me vingar do padre. Não passou pela minha cabeça, em nenhum momento, me entregar a ele, pois não suportava a ideia de tal homem me tocando, mas enganá-lo, por que não? Desde muito pequena eu tive que aprender a fingir, ou não sobreviveria, e o fazia bem. Na realidade, a maior parte das pessoas naquele convento fingia desavergonhadamente, como eu pude verificar pelo depoimento de Antônia, mas eu seria ainda melhor que eles! Fui posar vestida de santa, mas, ao contrário dos outros dias, em que apresentava sempre um semblante casual, fiz um “ar de tristeza” compungida e calada. Entrei dando um pálido bom-dia, me esquivei de qualquer comentário com a irmã Fátima ou mesmo com o padre Giacomo, no almoço olhei para o chão o tempo inteiro, quase não toquei na comida (no que me arrependi, que fome fiquei de tarde!) e, ao final do dia, o padre já estava inconformado, indócil para saber o que havia comigo. Nos dias seguintes, agi da mesma forma, mas me preveni comendo bastante no café, que não queria saber de chegar no final da tarde tonta de fome. Irmã Fátima já querendo saber o que havia comigo, o padre querendo ouvir, insinuando se eu não queria me confessar, e eu lá, triste como um passarinho preso, e, como se não bastasse, ao final de dez dias de profunda tristeza, eu comecei a suspirar!

Clara não se aguentou, e riu! Ao que eu também tive que rir, imaginando a cena, da bela Eulália fazendo que mal comia, triste como só ela, e agora a dar suspiros! Clara teve que perguntar:

- E o padre? Como reagiu aos seus suspiros?

Vendo que intimidava um pouco a moça, Olívia recolheu-se novamente à sua árvore, que por incrível que possa parecer, da aparência seca e triste que tinha, já começava a dar certos sinais de viço! A menina deitou-se agora num de seus galhos que já parecia mais aveludado ao toque e eu sorri para ela, que parecia bem confortável onde estava, o abrigo grosso fazendo às vezes de colchão e travesseiro no alto do galho grosso. Agasalhada em seu manto marrom, Eulália tinha agora as faces mais coradas, embora o olhar ainda estivesse triste. Perguntei-lhe se nos contaria o resto de sua história, ela assentiu, e começou a contar:

- Pessoas que fazem o mal, esquecem que podem ser prejudicadas também... o padre tinha se apaixonado, e não era uma paixão juvenil, dessas que passam como o vento. Era a paixão de um homem de quase quarenta anos, por uma moça que ele julgava pura como uma santa! Seus olhares eram de veneração, e notando isso, sendo ele uma pessoa de prestígio dentro da diocese local, fiz da vida da irmã Lourdes um verdadeiro inferno. Primeiro parei de comer fora da presença do padre, inventando que ela me perturbava à noite, me ameaçava. Perdi logo alguns quilos, e com isso pude notar que além de não poder sequer me dirigir a palavra, a irmã, ao final de um mês, perdeu seu cargo de disciplinadora das noviças, sendo colocada bem longe delas, responsável apenas pelos suprimentos alimentícios do convento, sem autoridade nenhuma. Impossível descrever como eu e Antônia nos divertimos vendo o seu desespero: ela que já tinha perdido o amante, agora perdia o poder! Notando que eu estava por trás de alguma forma, mas sem nada poder fazer, a irmã Lourdes agoniava-se, mas esperava pelo momento de vingar-se.

Imaginei dentro de mim o perigo que seria quando semelhante mulher tivesse a chance de uma vingança, mas calei-me. Eulália continuou:

- O padre Giácomo, que estava comigo quase há seis meses, já tinha a confiança cega da irmã Fátima, boníssima, mas que já sentia cansaço de tanto ficar sentada por longas horas com o seu tricô. Aos poucos ela foi nos deixando um pouco mais a sós, e indo para a sala de costuras, que ficava apenas a duas salas de distância olhar as suas alunas e verificar os trabalhos delas, já que



perto de mim e tomava minhas mãos entre as suas, suadas e quentes, me causando uma repulsa sem nome. Justamente numa dessas situações, em que a irmã Fátima não estava na sala, entrou a irmã Lourdes e vendo a cena se fez pálida como a parede do convento, a perguntar o que estava havendo. O padre, apesar do susto, pois não a tinha visto entrar, respondeu que esculpia os detalhes das minhas mãos, e queria vê-las de perto, ao que a irmã revidou, dizendo que aquilo não era adequado. Ele respondeu que “as mãos de uma pessoa são tão únicas quanto o rosto dela!”.

Ela ajeitou os cabelos num gesto feminino, lembrando seu passado:

- Feliz de vê-la amuada, enraivecida mesmo, eu disse a ela que “não havia maldade na arte, principalmente quando esta servia a Deus”, e dei o mais puro dos sorrisos ao padre. Só Deus sabe o quanto me arrependeria disso! O homem exultou com a minha resposta, dizendo que ela era “uma mulher maldosa, que em tudo via pecado!” e que “devia se confessar mais vezes, quem sabe se mais orações não purificariam aquele coração de pedra!”. Ao se ver assim atacada, a freira retirou-se com ares de fúria, certamente achando que eu tinha um caso com o padre Giacomo. E nada mais longe da verdade do que isto!

Olhei para ela um tanto penalizado e lhe disse:

- Não percebeu, criança, que poderia estimular o padre em suas perversões?

Ela me olhou entristecida, sob o sol de mormaço do umbral:

- Eu era jovem demais e tola, senhor! Tinha conseguido já escapar de algumas perseguições, achei que saberia me defender sempre, que não correria risco. E depois estávamos ali havia meses, e ele nunca tinha avançado sobre mim, era enfim um homem de classe alta, educado, não era um camponês qualquer que se atirava sobre as mulheres. E, se quisesse, mulheres no convento não lhe faltariam, a própria irmã Lourdes seria uma delas! Por que se arriscar comigo, que nada queria com ele?

Olhei para ela e pensei num homem de quase quarenta anos, educado sim, mas profundamente obcecado por ela, a ponto de não querer nada com outras mulheres... Não lhe disse nada, mas Clara, ouvindo meus pensamentos, concordou comigo



Tentei imaginar a culpa que carregava a pobre irmã Fátima, e o que a visão de um anjo em lágrimas pode ter causado nela. Sabe-se lá o que viu, ou mesmo fez, obrigada ou não, em seus tempos de enfermeira e a culpa que carregava.

Disse a Eulália:

- Mesmo pessoas de índole bondosa como a da irmã Fátima podem ser manipuladas, Eulália. Talvez não tivesse para onde ir, ou quisesse realmente proteger a instituição, ou fosse tímida demais para protestar. Quem sabe? - disse-lhe.

- Lembrei-me do olhar dela quando falei no anjo, do pavor e do pesar que vi em seu rosto, e só então comecei a tentar entender. Soubesse eu de semelhante fato jamais teria dito tal coisa. Há quanto tempo faziam tais absurdos no convento? Sabedora de sua bondade natural, imaginei os anos de sofrimento que devia ter passado e me calei. Deixei que a irmã Lourdes falasse o que quisesse, não me afetava mesmo, e prometi não afetar ninguém mais em minha vingança no futuro.

Clara olhava a cena entristecida, e disse-lhe:

- De qualquer forma, minha querida criança, ela acabou no mínimo sendo cúmplice de fatos muito questionáveis, e isso pesa na consciência. Não se culpe por isso, você não matou ninguém! Por acaso a obrigou a fazer algo de errado? E o padre, como se comportou?

Ela ponderou as palavras de Clara, e pela primeira vez refletiu que, de fato, não tinha mesmo toda essa culpa na morte da irmã. Com isso, respondeu de forma calma:

- Para minha surpresa o padre Giacomino me chamou para voltar a posar no dia seguinte, me olhando muito desconfiado, acreditando piamente nas minhas "visões". É claro, pois, se a freira tinha se influenciado de tal forma que tinha morrido, a chance da visão ser verdadeira era grande! Notou os meus olhos vermelhos de chorar, disse que eu não me culpasse por aquilo, que "o Senhor tinha caminhos misteriosos...", e que devíamos voltar à obra. Terminava a forma das minhas mãos na estátua, depois faria os meus pés e finalmente o meu rosto. O resto do corpo estava lindamente esculpido: minha fina cintura, o busto modelado, os cabelos com longos cachos até a cintura, parte dos



## CAPÍTULO 16

# AS GARRAS DE UM LOBO ENSANDECIDO



A VERDADE É QUE quando se planeja uma vingança, nunca se tem a certeza do que realmente pode acontecer. Por mais bem feito que seja o plano, uma hora parece que ele ganha asas, e voa para onde quer. E foi assim que Eulália começou a se sentir...

- Um dia cheguei à sala e ele já estava lá, com um cálice de vinho em cima da mesa. Cumprimentei-o e me dirigi para o meu banco, e só então notei, mesmo a uma certa distância, os olhos vermelhos, a barba grossa por fazer quase a fechar o rosto, a palidez excessiva. Parecia não ter dormido. Com esperança de talvez ser dispensada, perguntei-lhe: "Não se sente bem, padre?"

noviça, mas não parecia estar limpa, tudo em meu corpo me coçava insuportavelmente!

Pensei na loucura de certos traumas que, às vezes, atravessam a morte! Eis ali retratado o motivo da menina ainda se coçar tanto, a ponto de se ferir, com a areia grossa do rio: sentia-se ainda suja, conspurcada pelo ato do estupro, em necessidade de se manter sempre limpa... notei as mãos brancas se crispando num abrir e fechar de dedos, como se quisesse evitar de se coçar novamente, até quase arrancar a pele! Ela continuou a contar seu momento de infortúnio:

- O desespero tomou conta de mim, enquanto o nefasto padre Giácomo dormia o sono dos justos, já que ao que parece, tinha ficado sem dormir a noite toda. Arregacei as mangas do hábito e quase rasguei a pele, de tanto enfiar as unhas nela, tentando passar o incômodo da coceira, mas nada adiantava! Enlouquecida e trancada, vomitei a não mais poder, atormentada pelas dores, pelas sensações horríveis do estupro, pelo asco, e só então eu pensei: e se eu tivesse ficado grávida? Lembrei-me do fim triste de minhas amigas, não queria aquilo para mim! Quem me garante que aquele padre, agora que já tinha conseguido o que queria, realmente ficaria comigo? E se ficasse, não seria ainda pior? Assim, desesperada, olhei a afiada tesoura e não pensei duas vezes: cortei minha garganta de um lado a outro. Não queria mais nada daquilo. Viver tinha se tornado horrível demais.

- Achava que tudo acabaria, não é mesmo? - perguntou Olívia.

- Sim, sinceramente, no meu desespero, eu quis que a dor cessasse - respondeu Eulália.

- E cessou?

Ela olhou a menina com os olhos molhados de lágrimas:

- Não... eu não sou merecedora de que essa dor passe.



desespero, cheia de culpa, e ainda enterrada fora de um “campo santo”, a vida terrena que já fora de sofrimento parecia um paraíso perto do que lhe esperava! O Deus que tinham lhe mostrado era um ser perverso e vingativo, o Evangelho do Cristo tinha sido distorcido ou nunca demonstrado. Que consolo tinha tido a menina até então? Olhei para ela com uma piedade infinita! Ela continuou:

- Com horror fui posta num caixão pobre de tábuas e enterrada sem demora fora dos muros do convento. Não oraram por mim, fui uma excluída até na hora de minha morte! Fiquei no frio e no escuro, com um medo que nunca tinha sentido, por uns bons dias que pareceram anos, tentando dormir um sonho que não vinha, testemunhando a decomposição de meu corpo. Queria chamar por Deus, mas O temia! Quando finalmente, depois de muito tempo, consegui dormir, acordei em lugar nebuloso onde gritavam para mim “suicida! Suicida!”. Apesar de assustada, dei-me por feliz de estar fora do caixão e caminhei por um chão lodoso e sujo. A garganta me ardia e a sede era intensa, e, apesar de mãos desconhecidas quererem me segurar a todo custo, eu avistei finalmente um riacho com um pouco de lodo por cima, e me encaminhei para ele, desesperada por água, suja que fosse, mas água! Seres continuavam a tentar me segurar, aos gritos de “suicida! Assassina!”, mas eu não me importei e respondi, com a garganta quase sem voz: “se estão aqui, não estão sem pecado!”. E eles riram da minha rouquidão... caçoavam!

Olhei para ela e finalmente vi o fino corte abaixo do queixo, indo de uma orelha a outra, numa cicatriz fina e branca, imperceptível. Cicatriz como resultado de uma ação feita num momento de puro desespero e loucura, o suicídio dela não tinha sido feito em condições normais e nem premeditadas. Talvez por isso, a marca tenha sido tão pequena e insignificante. Eu já tinha visto marcas de suicidas bem piores!

- Eu não ia ficar aceitando que me julgassem, nem que me tocassem mais! - disse Eulália. - Separei-me deles, que rissem o quanto quisessem, não havia muros ali, eu chegaria ao riacho! E cheguei! Por baixo do lodo havia uma água limpa, e eu finalmente me lavei, dei-me conta então de que estava com esse camisolão de



## CAPÍTULO 18

# O PREÇO DA SEDUÇÃO



EU MESMO, TENDO SIDO homem em minhas últimas encarnações, achava o padre um ser humano desprezível em seu comportamento com as mulheres. Covarde e mesquinho, tinha feito a ruína emocional delas, empurrando-as inclusive a um risco de morte com a gravidez dentro do convento. Tinha causado tanta dor, espalhado tanta miséria, que difícil seria escapar incólume. Como que lendo meu pensamento, Clara observou:

- Muitas vezes, Eulália, mesmo a fera mais primitiva, se acalma ao som de uma linda canção! Não há como conhecer o coração alheio, e pode ser que esse homem, que sempre teve tudo o que desejou, tenha realmente se enamorado de ti, que se manteve



pelos seus crimes como se fossem os únicos responsáveis por sua desgraça, mas a verdade é que em um coração repleto de bondade e caridade, não há espaço para isso. Bem disse o mestre Jesus: “vigiai e orai!”, principalmente a nós mesmos e os nossos pensamentos! Que não desejemos o mal a quem quer que seja, que tenhamos sempre a piedade em nossos corações! Esse sim é um bom meio de afastar os obsessores! Na sua frequente busca de vingança, a pobre Eulália atraiu a si espíritos com iguais desejos e abriu as portas para eles.

Ela continuou com o relato da vida do padre Giácomo:

- Depois de sua morte, ele pôde verificar a influência delas. Aos poucos foi tendo enjoos cada vez mais fortes com a comida, desgostoso que estava de sua atual situação. O remorso finalmente lhe visitava, junto com a saudade que ele sentia de seus dias comigo e por conta da morte violenta que tive. Com o organismo em frangalhos, ele me contou das visões que teve, e eu imaginei o quanto as moças que o perseguiam teriam a ver com aquilo. Atormentado, ensandecido de paixão e despido de seus talentos, o padre Giácomo perdeu a sua pouca fé e enforcou-se, para a satisfação de suas torturadoras, que continuaram a persegui-lo no além-túmulo.

Fiquei a imaginar no tanto que o ser humano se engana quando está na Terra e se veste com algum poder. Tantos são os que ocupam cargos maiores ou menores aos quais dão tanta importância, e tratam seus subordinados como se de fato importassem menos! Olhei ali a história daquele padre Giácomo, naquele convento, se sentindo tão poderoso, dispondo com a ajuda de outros, da vida das pobres noviças, usando seu posto de padre de forma tão deplorável. Que colheita realizava agora, quando a aurora do mundo espiritual se abria sobre ele sem mentiras ou disfarces?

Não há mais ouro para comprar favores nem influências, nem como esconder as falhas da alma em roupas finamente bordadas. O ser vale pelo que é, pelo bem que pratica, por sua natureza, pelo que faz. Apiedei-me pelas moças que o cercavam, perdidas pela vingança enquanto poderiam aprender coisas tão melhores, em companhias tão mais edificantes. Entendia a dor, mas lamentava



bordado... Agora pensando, e me lembrando da doce irmã Fátima, das irmãs, a maioria era boa, ainda que ralhassem conosco, às vezes. As que gostavam mesmo de castigos severos eram no máximo quatro.

Olívia sorriu e disse:

- Não é triste como, às vezes, quatro maçãs ácidas estragam a fama de toda uma árvore? Você se lembra da vida com amargura infinita, mas também teve nela tantas pessoas que lhe fizeram o bem! Nasceu bela, inteligente, perfeita! Era pobre, mas não miserável... Embora seu pai tenha falhado miseravelmente, e ele responderá por suas falhas, teve uma mãe que a protegeu. E não acredite que todas as mães protegem suas filhas: muitas são as mulheres que falham no dever materno, sacrificando suas crianças em nome do próprio conforto! Teve o amor incondicional de sua tia, a bondade de algumas mulheres do convento... É certo que teve desventuras, fez suas escolhas e que elas a levaram a caminhos tortuosos. Mas Deus, Eulália, sempre esteve contigo. E é você que continua virando as costas teimosamente para Ele.

Vi os olhos da moça se encherem de lágrimas e a senti pequena e triste. A solidão de quase cem anos de umbral ali estava, encolhida naquela frágil figura de mulher envolta por um manto de cor marrom clara, cabelos louros e curtos, esvoaçantes ao vento cortante e frio do umbral. Olívia aproximou-se dela, o brilho translúcido e belo refletindo naquela paisagem cinzenta:

- Não nota que se há o mal, o bem também existe? Como explicar o mundo espiritual sem a existência de Deus, Eulália? Por quanto tempo ainda deseja expiar a sua culpa, sem com isso obter um aprendizado?

Eulália respondeu:

- Mas sou uma suicida, para mim não há perdão!

Olívia respondeu prontamente:

- Triste é o homem que diz tais coisas em nome de Deus! Tolo é o ser que acredita, na Terra, pequeno como é, entender a grandiosidade de Sua obra e de Seu amor! Para isso Ele nos mandou o Cristo, de quem lhe falaram tão pouco, Eulália. Jesus ensinou perdoar o inimigo, aconselhou não julgar o próximo! Quem de nós aqui lhe julga? Quem não lhe acha merecedora de

viçosa, saindo até alguns pequenos brotos do caule. Mostrei a Clara, que riu:

- É tudo uma questão de energia... Não é mesmo, Ariel?

Lembrei-me então de Olívia olhando ao sul, em cima dessa mesma árvore, com um ar preocupado... Um aperto bateu-me no peito. Deus sabe o porquê! E me ajeitando em meu manto, eu disse a Clara:

- Acredito que é hora de irmos andando, minha amiga.

- Não quer aguardar Olívia por aqui?

Um vento frio sussurrou no meu ouvido: "Vá para o sul, depois daquela colina". E eu disse:

- Não, minha amiga. É hora de irmos agora. Quero ver se alcançamos aquela colina até o entardecer.

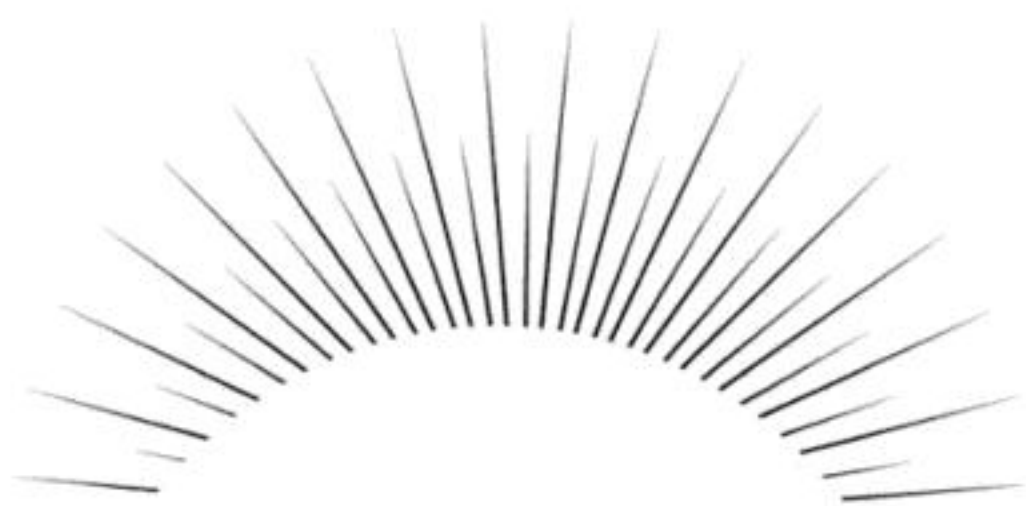
Sem mais perguntas ela se levantou e nós fomos, ela despreocupadamente. Eu, nem tanto... A menina tinha pedido que tomássemos cuidado, e eu me lembrava da testa franzida que ela tinha feito.

O caminho parecia ser longo, e, no umbral, nunca se sabe o que apareceria...

Será que finalmente encontraríamos Fabrício?

De qualquer forma, Deus nos acompanharia... Deus e aquele pôr do sol magnífico!

F I M



## INTRODUÇÃO



A GENTE MORRE E descansa... quantas vezes ouvimos isso, não é assim? Nada mais longe da verdade, e que bom que assim seja! Afinal, haveria coisa mais triste do que passar a eternidade em estado de ociosidade? O trabalho é uma bênção, que nos faz crescer, e o meu é duplamente abençoado: eu tento encaminhar, nos meus dias por aqui, aqueles que estão perdidos na escuridão, confusos e arrependidos, num território espiritual imenso, chamado de umbral.

É claro que sou pequeno e limitado, mas sou bem-intencionado e me polio para não julgar o próximo. Somos muitos os que fazemos esse trabalho que não é fácil. Quando somos chamados, nós vamos e de uma forma geral não adiantaria ir antes. De que serviria “capturar” um espírito angustiado e trazê-lo para um ambiente tão diferente dele se não é o que ele deseja? Se uma pessoa não procura por Deus verdadeiramente, não apenas por



de pedra. Encolhidos junto ao maciço, vimos passar pela trilha uma falange de mais de cinquenta espíritos, de ambos os sexos, se encaminhando numa velocidade razoável, em direção ao norte!

Reunidos assim, tinham uma força feroz, era um grupo poderoso, que deixava para trás um rastro de ódio e fúria... contra quem iam? O que pretendiam?

Homens e mulheres de diversas idades, roupas de diversas épocas, unidos em busca de quê? Olhei para Clara e a vi sentada no chão, pálida, recostada na pedra, suando frio. Finalmente ela me disse:

- Se não estivéssemos perto dessa colina eles nos pegariam em cheio! Teríamos força para sair deles com facilidade, Ariel?

Ainda me recuperando do susto, respondi a ela:

- Nos livraríamos, é certo, mas ia ser doloroso! Por isso nos mandaram para cá com tanta pressa! A colina, nesse descampado de arbustos baixos, é o único esconderijo. Deus está conosco, Clara! Só Ele sabe para onde eles vão...

- Ou o que vão fazer... Deus nos livre! Vê a cor cinza escuro em volta deles? Nunca tinha visto nada assim!

Em cursos feitos para o resgate de almas do umbral, tínhamos recebido instruções de nos mantermos longe de semelhantes aglomerações, pois nada de bom vinha dali. Embora formada por irmãos em dificuldade e em fase de evolução, muitos desses espíritos não estão interessados ainda na seara do bem, e é preciso dar-lhes o tempo necessário para que tal ocorra. Presos em sua erraticidade, não conseguem vislumbrar além de sua própria infelicidade e a acham normal, satisfazendo-se com prazeres muitas vezes insanos e pérfidos, muitas vezes aumentando uma dívida já alta com seus semelhantes.

Forte tristeza me invadiu o peito, resquício da passagem deles por nós. Tanta tristeza por ali disfarçada de orgulho, que beirava a insanidade! Lembrei-me de quando estava encarnado na Terra e vi pessoas vaidosas e más, justificando suas maldades em nome de Deus ou das leis, usando a inteligência para lesar pessoas pobres ou inocentes... tantas vezes tinha visto isso! Era a época da escravidão do Brasil!

Clara me olhou ainda pálida, encostada na pedra que nos servia

estranho e um tanto gelatinoso.

A neblina aos poucos foi se dispersando e devagar pude ver, ainda que a distância, um quadro triste e aterrador: num chão enlameado, sujo, de um marrom escuro, eu via diversas pessoas deitadas ou sentadas, algumas gemendo, outras reclamando, e ainda outras em choro convulsivo. Ao longe, um largo rio, ainda que raso, pois eu podia ver pessoas sentadas dentro dele, passava pelo lugar. Por um instante imaginei estar no inferno e olhei para Clara, que brilhava assim como eu, naquele lugar triste e cheio de desespero e dor. Brilhávamos com um sentimento de compaixão verdadeira e notamos que eles não nos viam, continuando em seu lamento e seu desespero!

Minha amiga tomou de minha mão e nos ajoelhamos em fervorosa oração por aquele Vale dos Aflitos! Perguntas me varriam o espírito: quem eram? Que tinham feito? Por que não se levantavam e pediam a Deus por socorro? Em alguns, as marcas da morte no corpo físico ainda se faziam presentes, tamanha a crença que tinham que tudo acaba com a morte!

Pois se tudo acaba com a morte, o que resta é apenas o cadáver, o corpo morto! E lá estavam, com as marcas da doença e da violência que haviam sofrido... tudo sem necessidade! Tão acima de tudo isso é o espírito, esse sim imortal, limpo de todas as intempéries! De que vale o orgulho humano tolo de achar que tudo é a matéria que eles conhecem? E se houver outra matéria, mais sutil, indetectável para eles, mas perfeita aos olhos da espiritualidade?

Não há tolo maior do que aquele que acha que tudo sabe! Tantos deles se atrasam por aqui! Olhei para Clara que os observava cheia de compaixão e tristeza, e mesmo vendo-os naquele mundo de lama e lodo se encaminhou para alguns deles, que viu em gemidos de dor, e sem que eles percebessem a sua presença, ministrou passes em alguns de seus ferimentos acalmando-os.

Notei que os que Clara atendia, apresentavam ao menos alguma melhora e segui seu exemplo. Estavam ali naquele espaço mais de cem pessoas espalhadas, se pudéssemos ajudar a algumas com algum alívio, já era algo... segui com ela nos passes, uns



ser descrito, mas controlado ao longo de anos, ainda não saciado. Eram três carrascos e sua vítima, num aceitamento tácito de castigo que na mente dos quatro, seria eterno.

Atrás deles, uma cabana se desenhava, simples, de madeira forte cortada das árvores. Os três vestidos de maneira humilde, dois homens e um menino, sentavam-se a beber algo e o homem maduro que trajava um terno um tanto sujo, mas de bom corte, os servia. Eu e Clara olhamos a cena, sem saber se ficávamos ou íamos embora, quando um dos três, para a nossa surpresa, nos “enxergou”, e nos disse:

- Ora, irmãos do “plano superior”! Estão em missão? Querem sentar-se conosco?

Eu e Clara nos entreolhamos, um tanto surpresos, e eu me adiantei sabendo que estava em presença de alguém que já tinha frequentado a Colônia, pelo simples jeito que se referia a nós:

- Não sente falta da Colônia, irmão? Que faz por aqui? Como se chama?

Ele me sorriu um sorriso sem jeito, num rosto que mal tinha trinta anos, bonito e bem desenhado, de traços negros:

- Meu nome é Tobias. Fiquei um tempo na Colônia... mas contas a ajustar me trouxeram a este lugar! Nem tudo eu consegui perdoar, meu amigo!

Cheguei mais perto e olhei os outros três. O mais novo devia ter no máximo quinze anos, não era alto, era magro como os adolescentes nessa fase costumam ser. Era um bonito menino, mas me olhou desconfiado, olhos postos no chão em seguida, não gostava de encarar quem quer que fosse. Tinha um aspecto um tanto doentio, a pele negra tinha um tom meio estranho e os olhos eram amarelados. O outro devia ter seus quarenta anos, era forte, traços mais grosseiros e tinha uma musculatura digna de ser observada. Não nos olhou, vigiava o velho senhor, que agora visto de perto parecia ter seus setenta anos, cabelos totalmente brancos, ralos, numa calva já adiantada. Usava um terno sujo, velho, mas de caro feitio e nos pés chinelos velhos e rotos.

Ao contrário do que se esperaria de um senhor de tal idade, ele andava erguido, numa magreza de dar medo. Nos olhava com curiosidade, abertamente, como se nos avaliasse e quisesse de fato



quantidade e os arranjos a fazer na casa grande do sítio, que também não se encontrava em bom estado. Enfim, para quem se habilita, trabalho não falta.

O segundo homem veio se juntar a nós na mesa, e eu perguntei a ele, que nos olhava, um tanto desconfiado:

- E você, como se chama?

Ele tinha chegado cabisbaixo, levando o velho para dentro da cabana, e eu pude sentir em seu peito um rancor mal controlado, certo peso nos ombros, como se fosse doloroso para ele estar ali. Levantou um pouco o olhar, ainda cheio de força, e me respondeu numa voz rouca e grave:

- Sou Lourenço, a seu dispor...

Como definir Lourenço, ou ao menos, a energia que dele emanava? Parecia uma força da natureza represada em frágil recipiente, do lado externo parecendo um homem extremamente comum, de média estatura, musculatura bem trabalhada por anos de serviço braçal, traços comuns, nem feios e nem belos. Mas, havia uma "fúria" ali, difícil de ser descrita, uma força controlada com dificuldade, e por um momento eu me permiti pensar na vida que devia ter levado semelhante ser humano, e no quanto ele já havia evoluído para se manter assim sob controle. Apresentei-me a ele respeitosamente, pois ali estava uma pessoa que merecia a minha simpatia.

Em seguida, apresentei a ele a nossa querida Clara, que sorriu-lhe com a meiguice costumeira, o que o deixou visivelmente sem jeito, pois há tempos não via uma moça bonita, mas sentindo-se acolhido por nós, o inesperado aconteceu e ele relaxou um pouco, querendo ouvir o amigo que falava do passado. Mas, Clara perguntou:

- Quem é o senhor que foi para a cabana? Um amigo?

Fez-se um silêncio tão grande, tão denso, que o ar poderia ser cortado com uma faca! Era dali que vinha a fúria, ele não gostava do velho! Quase que arrependida de ter perguntado, Clara recostou-se na cadeira, como se tivesse dito um palavrão, ou uma ofensa séria, e baixou a cabeça. Vendo o constrangimento da moça, Tobias respondeu meio sem jeito:

- Não é boa pessoa, moça... nem alguém que mereça sua

o estrago, pois o vermelho que vi foi de meu próprio sangue. A bala de espingarda atravessou a minha cabeça, me deixando irreconhecível! Perto de mim, um senhor que se disse meu avô, envolto numa luz branca, disse que não me impressionasse com aquilo, que não guardasse ódio, nem planejasse vingança; mas, olhar minha mulher e meu filho ainda bebê, desamparados de meu braço forte a sustentá-los, e minha mãe a entrar na velhice desamparada, causou-me tão profunda revolta que o olhei como quem olha a um inimigo, e disse: “espera demais de mim, meu avô!”.

Ele tomou um pouco de água de um pote em cima da mesa, enquanto relembrava a cena, e eu me recordei de quantos amigos eu já tinha visto se perderem na ideia triste da vingança. Parecendo entender meu pensamento, Tobias continuou:

- Se acha que o pai de minha mãe se deu por vencido, errou. O pequeno homem iluminado, pareceu dobrar de tamanho e me disse com uma voz clara e forte: “Por acaso é Deus para saber o que o destino reserva para sua mulher, seu filho ou sua mãe? Não nos vê aqui e agora? Acha que estarão desamparados? Quanto a você, saiba que apenas retorna a seu verdadeiro lar, a morte é só uma viagem, e aqui é o seu destino real. Aqui aprenderá coisas novas e poderá zelar também por eles quando for a hora. Esquece essa vingança tola, não perca o seu tempo com quem não merece! Por hora elas choram, mas também serão consoladas. Deixe-nos ajudá-lo, Tobias, comporte-se como o homem de bem que você é!”. E assim foi. Colocou suas duas mãos em torno de minha cabeça, aplicando-me forte passe, e quando acordei de novo, estava na Colônia, recuperando-me em um de seus hospitais, junto com meu avô Damião.

Olhei para ele um tanto curioso, o que o havia trazido de volta ao umbral? Algum vício? Ele não parecia ter nenhum... a vingança? De novo ele leu meus pensamentos com um sorriso, mostrando um grau adiantado de evolução:

- Não. Não tenho os vícios comuns terrenos como o fumo, as drogas, o álcool ou mesmo a luxúria. Sou o que se chama de “um sujeito calmo” e até bem ordeiro, mas também não critico quem os tem. Também nunca fui, ao menos na vida passada, muito

resgatando companheiros que estivessem presos neste umbral, ou em fase de desencarnação da Terra. Tive permissão de acompanhar minha família em dolorosas ocasiões da vida deles e vi levarem minha mãe para a Colônia, assim que desencarnou.

Tive que perguntar:

- E não quer estar com ela?

Os olhos dele se encheram de lágrimas:

- Um dia estaremos com ela. Nós três. Eu, Daniel e Lourenço.

Para isso eu estou aqui.



peças de minha família, já tão acostumada à família deles. Em menos de dois meses foram embora os italianos, deixando em Daniel e em minha mãe um sentimento de orfandade. Não foi por acaso, mas por saudade que minha genitora acabou adoecendo, e quando deram por conta, quatro meses depois, eis-me junto com meu avô Damião buscando minha mãe, em desencarnação serena, enquanto a mesma dormia em sua cama humilde e limpa. Ela me olhou com surpresa e espanto:

- Tobias? Você aqui? Mas, eu morri?

Tive que sorrir para ela, que sempre teve tanto medo da morte, e que no final, teve uma passagem tão tranquila:

- Não está vendo mãe, que a morte não existe? Estamos bem!

Segurei-a em meus braços, ela ainda frágil, tentava olhar em volta, bem assustada, o quarto humilde e o corpo que deixava. Tentei distraí-la, mas ela olhou assim mesmo:

- Mas como estou feia e velha! Não é possível que aquela seja eu! É um sonho mau, não é, Tobias?

Tive que rir dela:

- Nunca será feia, minha mãe! E aqui ficará cada vez mais bonita! Mas agora vai dormir, para descansar...

Com isso, meu avô Damião lhe aplicou um bom passe e ela adormeceu, para que pudéssemos levá-la para o tratamento espiritual adequado. É uma pessoa boa a minha mãe, adaptou-se muito bem à Colônia, onde não se furta ao trabalho, nem aos cursos que necessita para seu aprimoramento. Só não gosta da ideia de reencarnar.

## COMENTÁRIO DE ARIEL

Nesse ponto, eu e Clara sorrimos um para o outro. Se na Terra, entre os encarnados, o medo da morte é terrível, entre os habitantes da Colônia é muito comum a resistência ante a perspectiva da reencarnação, e é fácil explicar essa reação.

era tão pequena assim, mas ela daria conta... Daniel poderia brincar sem medo na rua, agora já movimentada, com os muitos meninos da vizinhança. Cansada de tanta gritaria de Marialva e Lourenço, em menos de uma semana mudou-se e começou vida nova! Mas, embora ela estivesse quase feliz, eu, quando tive notícias dessa sua mudança de endereço, nublei meu coração com pesadas dúvidas e desconfianças: minha bela esposa agora moraria num vilarejo onde muitos homens com certeza veriam a sua beleza e simpatia. Meu peito se encheu de ciúmes e amargura...

Já se iam oito anos de minha morte, e ela ainda não tinha se interessado por ninguém. Enquanto vivíamos juntos não tive sequer uma reclamação de minha esposa, de gênio doce, companheira de todos os momentos, embora fosse uma moça que chamasse a atenção dos homens por onde passasse, tratava aos outros com simpatia, mas nunca dava a menor chance de se aproximarem dela fisicamente. Flávia chegava a ser um tanto inocente, mas era séria e não me dava motivos para o menor aborrecimento.

Tampouco podia dizer que se interessasse pelos homens por sua situação financeira. Afinal, com sua aparência, podia perfeitamente ter escolhido partido melhor do que eu, que nunca tive posse alguma. Sabendo da joia rara que tinha em minha existência, tratava-a com todo amor e consideração que ela merecia, mas agora, que não podia tê-la em meus braços, o ciúme me atacou de um jeito feroz. Um bom amigo da Colônia, me vendo irritado e sem concentração, veio até mim querendo ajudar-me e perguntou:

- Que houve, Tobias? Antes atento aos cursos, agora anda faltando e se isolando... que anda acontecendo contigo?

Olhei meu bom amigo Álvaro, e vendo que não podia mesmo esconder muita coisa, contei-lhe da minha situação: das saudades da minha esposa, dela estar se mudando para um vilarejo, do ciúme, de tudo que se passava, enfim. A resposta dele veio rápida:

- Não sabe, meu bom amigo, que não devia visitá-los com tanta frequência? É normal, estando ela na Terra, que se relacione entre os que lá estão! Não deve interferir nisso, deve antes orar para que



amigos do plano espiritual para que eu seguisse o meu caminho afastado dali.

Adentrei na casa simples, de dois quartos e eles ainda dormiam. O sol mal nascia no horizonte e eu pude vislumbrar minha mulher adormecida em sua cama de casal, ainda mais bela do que quando morava comigo, em camisola alva de algodão, a ressonar no sono, na casa limpa e simples. Flávia sempre tinha gostado de flores e na beirada da cama, um criado-mudo ostentava um vaso simples de argila com margaridas frescas do jardim. Abaixei-me ao lado da cama para vê-la melhor e qual não foi minha surpresa quando ela entreabriu os olhos, e num momento entre o sono e o acordar, que muitos chamam de “vigília”, ela viu nitidamente o meu rosto, e sentou-se rapidamente na cama, visivelmente assustada e disse: “Tobias!”.

Assustado também, por ela ter me percebido depois de tantos anos, me afastei sem querer amedrontá-la. Só então notei melhor sua reação: primeiro de susto, depois de tentar me enxergar novamente pelo quarto, desesperadamente, e então sentar-se na cama vertendo uma lágrima solitária e dizer:

- Foi só um sonho... ou vai saber, veio me visitar. Há tanto tempo não sonho com ele!

Olhou então o relógio um tanto assustada, colocou o vestido que já tinha separado e pôs-se a fazer o café. Ajeitou as coisas na casa, correu para a horta a regar algumas plantas, e só depois do café coado acordou Daniel, agora já com onze anos, que levantou reclamando do frio, dizendo que queria dormir mais. Estavam os dois sentados na mesa de quatro lugares que eu mesmo tinha feito de madeira do sítio, quando reparei no canto, uma sombra que não tinha reparado antes, devido ao meu encantamento com Flávia e meu filho: uma mulher pequena e suja, com as vestes decotadas e vulgares me olhava com surpresa e receio, cheirando a álcool, os cabelos em desalinho... enfim encontrava minha irmã Dita!

Minha irmã Dita! A mesma Maria Benedita que tinha crescido comigo, apenas um pouco mais velha, subindo em árvores, alegre e faceira, de quem eu tinha a mais alegre das lembranças de minha meninice. A menina de dentes tão brancos, cabelo sempre



trançado por minha mãe, vaidosa desde muito cedo, sempre a querer uma “água de cheiro”, um batom para os lábios carnudos, um vestido mais bonito. Agora ali estava, abaixada num dos cantos da pequena sala, descalça, as roupas vulgares sujas e descompostas, mais gorda e velha, o cabelo em franco desalinho! E que rosto sujo e machucado era aquele? Aproximei-me dela, esquecendo-me imediatamente de Flávia e de Daniel, tanto que eu a havia procurado!

- Dita! Por Deus, mulher, sabe o quanto eu lhe procurei? Que houve contigo, minha irmã? Que trajes são esses?

De nós todos, Dita tinha sido sempre a de pele mais clara, e eu pude notar o quanto ela ficou mais pálida quando me notou indo ao seu encontro. Levantou-se, tentando se arrumar um pouco numa clara confusão de sentimentos, que ia desde a vergonha, à raiva. Depois, enfim, resolveu encarar-me e respondeu:

- Pois olhe, me achou... e os trajes que eu tenho são esses mesmo! Se quer falar comigo, é bom que não me julgue, pois já ando cheia de gente que se acha melhor do que eu!

Olhei para ela penalizado, pois estava claro que com aquele tipo de roupa, minha irmã não tinha ido para um caminho de mulher honesta, e em nossa época, apenas os bordéis aceitavam moças com aquele tipo de vestimenta tão extravagante e decotada. Ainda assim, era minha irmã, não ia abandoná-la:

- Que foi que houve, Dita? O Eleotério te forçou a ir com ele? Não sabia que ele era casado?

Ela riu-se, de um jeito amargo e triste:

- Eu podia te mentir, meu irmão. Podia falar que fui forçada, ou enganada, que ele disse que ia sair do casamento... a verdade é que eu já tinha mais de trinta anos, Tobias, e já estava cansada de ser tão pobre! É certo que tinha pretendentes, mas todos tão pobres como nós... casar para me arriscar a passar fome de novo? Nunca ter nada, nem uma casa para chamar de minha?

Olhei para ela triste: era verdade que éramos pobres, mas tínhamos o que comer, onde dormir, muito embora a casa não fosse nossa. E depois, trabalhando, sempre havia como lhe comprar um corte de tecido ou um sapato de quando em vez... é certo que luxo não havia, mas miséria também não! Disse isso a

ela, que me olhou com ódio:

- Tínhamos onde dormir até que o dono do sítio nos quisesse por lá! E se ele vendesse? Depender da vontade alheia de novo? O Eleotério tinha um olho grande em mim havia um tempo, me prometeu uma casinha na vila, afastada do centro para que a mulher dele não percebesse, e eu fui. Não pensei duas vezes: fui mesmo! Não me importei nem com falatório, nem com família, queria segurança, coisas bonitas que nunca tinha tido. Achei que merecia...

Lembrei-me de minha mãe e de seu desespero, suas noites maldormidas, sua falta de apetite!

- Sabe o que fez com nossa mãe? Ela quase enlouqueceu de dor, ficou sem dormir, sem comer... por que não contou a ela das suas intenções? Ao menos ela saberia o que estava fazendo da sua vida!

Ela riu-se, com sarcasmo:

- E você acha que nossa mãe me deixaria ir com um homem casado e branco, Tobias? Claro que não! Com aquela mania de ser pobre e honrada que ela sempre teve, me trancaria no quarto a sete chaves! Não sou tola, por isso sumi daquela forma.

Senti a raiva me inflamar o peito, tanto que minha mãe dava valor a sermos honestos, trabalhadores e direitos! Nunca poderia pensar que a alegre Dita, de quem todos gostávamos tanto, tivesse por nós tamanho desprezo, fingindo o tempo inteiro concordar com os nossos valores morais. Notávamos, é claro, que ela tratava com desdém os moços pobres que se aproximavam dela, na tentativa de querer algo mais sério. Mas, na minha inocência, achava que era timidez, ou algo do gênero: nunca pensaria que fosse a falta de dinheiro deles que a fazia desinteressar-se, afinal, éramos pobres também! Curioso e um tanto triste, perguntei a ela:

- E ele lhe deu a casa que prometeu?

Ela ajeitou o cabelo num gesto feminino, tentando arrumar-se sem muito sucesso, e só então me respondeu:

- De início alugou uma casa maior do que aquela em que a gente morava, com dois quartos, bem boa. Afastada do vilarejo, não queria vizinhos que o vissem entrar e sair quando quisesse. Comprou uns móveis de segunda mão, coisa fina, até rede colocou na varanda da casa! Não queria que eu saísse de casa, dizia que



era só eu pedir, que ele trazia. E trazia mesmo!

Pensei em mim procurando-a por toda parte, e não a encontrando em lugar algum. Se ele a levou logo para fora do vilarejo, não tinha como encontrar mesmo, ninguém a viu.

- Soube da minha morte?

Ela me olhou com pena nos olhos:

- Soube só uns quatro meses depois. Coisa triste! Foi logo depois que eu saí de casa, não foi? Era assaltante?

Olhei para ela com raiva, mas depois me controlei, que no final das contas, que culpa ela tinha? Respondi:

- Assaltante, Dita? E quem assalta pobre? Eu estava tentando achar você para que nossa mãe sossegasse o coração. Foi coisa do Eleotério, pois eu estava ameaçando ir até a polícia!

Ela arregalou os olhos castanhos:

- Não me diga uma coisa dessas, Tobias! Você afrontou o Eleotério? E por minha causa? Ah, meu irmão, sinto tanto... só soube de sua morte quando fui ao vilarejo meses depois, para comprar alguns lençóis, e alguém me contou do ocorrido. A casa em que morei era distante, ninguém passava por lá, e mesmo naquele dia eu "fui num pé e voltei no outro" para não ser vista por ninguém. Não imaginava...

Senti sinceridade nas palavras dela. Meu assassino ficou impune nas leis dos homens, como ficam tantos que atacam os pobres e os desvalidos da sorte! Olhei para minha irmã, sua situação não parecia a de uma "protegida" de um homem branco e bem situado na vida como o Eleotério era... perguntei à Dita:

- E que houve contigo? Que roupas são essas? Quer me enganar que uma moça que mal saía de casa, ainda que amante de homem casado, se vestia dessa forma?

Ela se encolheu, alisando o vestido um tanto amassado, que parecia de cetim verde-escuro e barato. Agradei aos céus por nossa mãe não se encontrar por ali, e ver daquela forma a moça criada com simplicidade, mas com tanto carinho. Como se tentasse recuperar a dignidade, ela levantou o queixo e me encarou firmemente:

- Para homem tudo é mais fácil. Pode cair à vontade, que se levanta! Pobre da mulher que se deixar iludir nessa vida!



Vi lágrimas grossas saírem de seus olhos, não sei se de arrependimento, ou de mágoa, e ela continuou:

- É fácil julgar a gente! Homem antes de conseguir o que quer, promete de tudo: casa bonita, conforto, futuro... no começo, Eleotério até que era bonzinho: me comprou uns cortes de tecido, tratou uma costureira de ir na nossa casa, trazia as compras uma vez por semana. Um agrado só! Depois de uns três meses, eu engravidei: fiquei contente, ia ter filho, sempre quis ter um! E não era de qualquer pobre coitado, mas de um sujeito com algum recurso... de pobre, bastava eu! E depois, com a criança, ele teria que me sustentar também. Filho não se abandona...

Olhei para ela com certa pena, pois já tinha ouvido falar diversas vezes do desgosto que era para alguns brancos, ter filhos mulatos. Mas, deixei que terminasse a sua história. Ela me olhou de um jeito triste:

- Quando disse a ele que ia ter a criança, não duvidou que fosse dele, e nem poderia! O desgraçado tinha sido o meu primeiro homem, e sabia disso, mas daí a ter filhos comigo, ia uma longa distância... falou que ia mandar uma mulher na nossa casa e que ela ia “resolver” o assunto, me dar umas “beberagens”, uma espécie de “garrafada” de ervas, e que isso poria fim ao bebê. Fiquei zangada, disse que não tomava veneno nenhum que me tirasse o filho, que teria a criança de qualquer forma: foi então que eu levei a minha primeira surra dele.

Senti o coração me apertar por dentro do peito. Não era raro, na época, homens que batiam em suas mulheres na região. Aliás, o ditado mais comum era de que: “entre marido e mulher não se mete a colher...”. Quando coisas assim aconteciam, naqueles tempos, mesmo entre senhoras casadas legalmente, a não interferência da lei era o costume comum, o marido respondendo legalmente apenas em caso de morte da esposa, ainda assim, na maioria dos casos, saía livre.

E a Dita ainda por cima era amante, mulher pobre e negra. Na prática, reclamar a quem? Na polícia é que não seria ouvida... a revolta continuou nas palavras dela:

- Não sei como não perdi o bebê ali mesmo, tão forte foi a surra! Depois que se cansou, ele se foi avisando que a “parteira”

apareceria em três dias, que eu me comportasse, ou a segunda surra seria muito pior que a primeira. Assim, obedeci, tomei um líquido viscoso que uma senhora tinha me preparado com ervas, dois dias depois sangrei bastante, e uma semana depois eu estava de pé, fraca, mas já sem a gravidez.

Ela olhou para o quarto de Daniel, onde um pequeno caminhãozinho de lata estava no chão, brinquedo de criança do meu filho, e pareceu se emocionar:

- Certas mulheres, como Flávia, parecem ter tudo: marido que a amava, filho, emprego, casa... não pude nem ter filho, que se eu tivesse, ele me mataria! Você não sabe do que é capaz o Eleotério, Tobias... acredite, não tem a menor ideia! Depois que eu me recuperei a vida voltou mais ou menos ao normal, mas me vendo um tanto triste, ele resolveu me dar um dinheiro e deixar que eu fosse ao vilarejo para comprar umas coisas para a casa, desde que não demorasse. Só então eu soube de sua morte, o que me entristeceu como nunca... na solidão daquela casa, eu comecei a sentir falta de coisas que eu nem sabia que gostava tanto, como por exemplo, as implicâncias de Marialva, nossa irmã. Adiantava ter casa bonita e ninguém para mostrar? Vestido bonito e ninguém que admirasse? Vivia presa como um passarinho na gaiola, não tinha vizinhos para puxar conversa, nem mesmo a conversa da mãe a contar seus casos de meninice! Queria morar mais perto do vilarejo, ver gente, conversar...

É certo que eu não tinha certeza de quem tinha disparado a arma que tinha me tirado a vida, mas suspeitava de Eleotério. Quem mais teria interesse na minha morte? Ninguém... fui tolo em falar que ia à polícia, eles tomariam alguma atitude contra Eleotério? Duvido muito... e ele deve ter se sentido "afrontado" que um negro quisesse ter direitos. Logo, ninguém melhor do que eu para saber o quanto o amante de Dita podia ser cruel... já minha irmã, pensei na solidão dela de meses seguidos tendo apenas um homem violento por companhia... um pouco mais de dinheiro valia tudo aquilo? Ela continuou:

- Resolvi falar com meu amante, não podia mais ficar presa o tempo inteiro, estava ficando doida de tanto ficar sozinha. Fiz sua comida preferida, me arrumei, coloquei água de cheiro, e depois



que ele comeu, tentei conversar com ele sobre alugar ou comprar uma casinha perto do vilarejo, que eu tinha muito medo de ficar ali sozinha, e precisava de um pouco mais de companhia. Já estávamos juntos há seis meses e eu, sinceramente, achava que ele já teria ao menos um pouco de confiança em minha pessoa.

Ela balançou a cabeça num riso amargo:

- Eu devia era ter fugido dali. Mas fugir como, se ele nunca me deixava com algum dinheiro na mão? Não faltava nada em casa, mas dinheiro mesmo, nunca! O homem ao me ouvir falar de casa no vilarejo arregalou os olhos, muito desconfiado, como se achasse que eu o quisesse enganar em alguma coisa. Só depois de eu muito argumentar que naquele lugar descampado qualquer um poderia me fazer mal, ele concordou comigo. Fez-me prometer que nunca sairia da casa sem sua permissão, que ele mesmo tinha um imóvel que tinha ficado vago há quinze dias. Era uma casa pequena, mas que daria para nos alojar. Fiquei tão feliz! Enfim teria uma casa no vilarejo, como eu tanto queria, com roupa nova, móveis de gente de bem, tudo que eu merecia!

Olhei para ela entristecido e comentei:

- Mas era amante de homem casado, Dita! Sem direito ao nome dele, nem nada! A mãe veio saber que você estava ali, bem no vilarejo, tão perto?

Ela me olhou magoada:

- Não. Cheguei a encontrar Flávia por essa época, coisa de dois meses depois, pois eu não saía muito à rua, meu homem não gostava que eu chamasse a atenção. Ela assustou-se muito quando me viu, correu pra mim me chamando, chorou... conversei com ela, expliquei a situação e disse que não queria mais ter contato com a nossa família. Ela ficou zangada, disse da tristeza de nossa mãe, mas eu argumentei dizendo que do jeito que ela era moralista, ia preferir ter uma filha morta do que "amasiada" com alguém.

Eu franzi a testa com a explicação dela, pois não vi muita verdade ali:

- E Flávia acreditou nisso?

Dita deu de ombros:

- Não sei. Mas entendeu que eu não queria mais contato com



ninguém da família, nem com ela. Eu estava bem-vestida, morava bem e com conforto, e o Eleotério não ia gostar de ver minha família por perto. Ele dizia sempre que família de pobre “só presta para incomodar”. Não queria aborrecê-lo.

Pensei em minha mulher, que mesmo vestida simplesmente tinha um porte de princesa, sendo maltratada por Dita, que se achava em uma posição social superior naquele momento. Achei uma graça triste na situação toda, pois nem que se vestisse de ouro minha pobre irmã pareceria mais bonita que a minha esposa. Dita era faceira, tinha a seu lado a juventude e a simpatia, mas Flávia, mulata de traços finos e cabelos sedosos, chamava atenção por onde passava.

Entendi finalmente o motivo de minha mãe ignorar por onde andava Dita, mesmo em sua desencarnação: Flávia respeitou o segredo da cunhada, poupando assim minha mãe de mais sofrimento e possíveis humilhações, ocultando-lhe o destino da filha. Fez bem. Perguntei a ela:

- E se deu bem no vilarejo? Flávia chegou a lhe procurar mais?

Ela balançou a cabeça:

- Não. Flávia sempre foi orgulhosa, e depois, a parte do vilarejo onde eu morava, não era frequentada por gente como ela. Mas eu gostava de lá, fiz logo amizade com umas moças da vizinhança, ninguém reparava se o meu homem entrava ou saía de casa na hora que queria. E tinha os bares por perto, o Eleotério gostava de beber “uma branquinha”, logo eu aprendi a gostar também. Tomava com suco de frutas e açúcar, como faziam as moças do lugar... de início eu achei ótimo, ficava leve, divertida. Depois eu comecei a tomar todos os dias à noite, com o Eleotério ou sem ele. Quando vi, estava tomando também na hora do almoço. Esquecia de fazer as coisas da casa, a comida, de tomar banho. Foi então que começaram as brigas.

Olhei para ela e finalmente entendi a aparência de uma mulher muito mais velha do que ela deveria estar: Dita aparentava no mínimo uns cinquenta anos terrestres, estava inchada, a pele desidratada, descascando em alguns lugares. O cabelo ainda era escuro e seco, sem brilho, os olhos amarelos e sem viço, e os dentes, antes fortes e bons, faltavam alguns, devido quem sabe a

brigas ou socos, e outros estavam bem carcomidos. A roupa de cetim muito justa não ajudava, e agora, ouvindo seus hábitos eu conseguia entender um pouco do que havia se passado com ela: nada como um vício para destruir um ser humano! Para meu espanto, ela riu-se:

- Para alguma coisa a bebida serviu, entende, meu irmão? Eu tinha um medo danado do Eleotério, ele era violento, grande, batia com força. Com a bebida, o medo ia embora! Apanhei um bocado dele antes, que me batia quando dava vontade, e depois vinha querendo me dar "presentinhos". Depois que comecei a beber, fiquei corajosa, perdi o medo dele e a coisa começou a mudar.

Aquelas palavras não me caíram bem, perguntei a ela:

- Ficou corajosa de que forma, Dita? O que foi que mudou?

Se eu achava que a coragem dela a levaria a um trabalho honesto e digno, a uma vida mais limpa e sem mácula, me enganei:

- Eu revidei, meu irmão! Eu que me encolhia sempre, revidei!

- Revidou como? Saiu de casa? Bateu nele?

Ela riu-se:

- Sair daquela casa para ele colocar outra lá dentro e tomar o que era meu? Isso não aconteceria! Se me tirou da casa de minha mãe, agora que me bancasse! Não teria mais volta, nem escrava que lhe fizesse as vontades na hora que ele quisesse. Um dia, depois de uma surra, jurei para mim mesma que não ia mais apanhar quieta: o primeiro tapa que ele me deu, revidei de volta, rolamos no chão, joguei tudo que tinha em casa em cima dele. Ele disse que eu estava "possuída", que queria que eu saísse da casa, mas dois dias depois voltou. Ficamos vivendo assim ainda uns seis meses, e ele, pelo menos, me respeitava mais.

Acabei achando um pouco de graça na coisa, a Dita era uma mulher forte, o Eleotério deve ter passado por algum apuro.

E ela continuou sua história:

- Mas, o safado não tinha mesmo jeito. Eu até estava me comportando, bebendo menos, arrumando a casa de vez em quando, mas ele inventou de se engrajar com uma mocinha nova que apareceu pelas redondezas. Uma menina de uns dezesseis



anos e olhos azuis, que ficava numa casa no final da rua. O Eleotério ficou doido por ela, disse que não me queria mais... pediu que eu saísse da casa, pois ele precisava dela para alugar de novo. Fiquei desesperada, para onde eu iria? Ele disse que não era meu pai, que eu “me virasse”. Depois de muito conversar, comprou para mim um barraco num final de rua, pagou uns homens para levarem minha “mudança” e jogou tudo lá, quando vi, estava num lugar de um cômodo com um lampião, sem água, e com comida para poucos dias. Me arrumei e fui “fazer a vida” nas ruas perto de lá. Que mais me restava?



## CAPÍTULO 5

# ESCOLHAS QUE FAZEMOS



## COMENTÁRIO DE ARIEL

TANTAS VEZES NOS LAMENTAMOS de nossa vida e de nosso destino, mas quantas vezes nosso presente não é apenas o fruto de atitudes pequenas que tomamos todos os dias? Atitudes simples como não trabalhar, não estudar, invejar o outro quando poderíamos investir em nós mesmos? Não combater a preguiça, o desânimo, a maledicência? Tão fácil culpar o Criador dizendo “Deus não quis”, quando quem não quis de fato, fomos nós



mesmos!

Na vida, prestamos muita atenção em nossas “grandes escolhas”, como a pessoa que escolhemos para casar, a carreira que decidimos percorrer. Dizem que essas escolhas nos definem, que são elas que nos trazem a felicidade ou não... mas permanecer casado com a criatura que escolhemos se ela não nos faz bem, é uma escolha diária, assim como tratá-la mal. Por que continuar junto e incentivar a vingança, a traição? Mesmo a carreira, de que vale um diploma se ele não lhe traz o pão, ou mesmo a satisfação?

Quanto mais evoluída uma sociedade, mais flexíveis se tornam as suas leis, e nisso tudo eu pensei, enquanto Tobias me contava a história de Dita. Não são as “grandes” decisões que nos afetam, mas as “pequenas”, as que tomamos no dia a dia.

## NARRATIVA DE TOBIAS

Pobre Dita, em pouco tempo terminava num lugar muito mais pobre que a casinha do sítio que ela tanto desdenhara!

- E deixou o Eleotério seguir a vida dele?

Ela se sentou nos degraus da porta de Flávia, como se pensasse na vida, mãos no queixo:

- De início, fui na loja dele, ameacei falar com a mulher legítima, fazer intriga... ele me deu um corretivo tão feio que desisti. A gente tem que saber a hora de parar... há pessoas que não têm sorte, meu irmão, eu fui uma dessas! Fico olhando a vida de Flávia, olhe como ela tem tudo! Casa arrumadinha, emprego, filho... e não faltam pretendentes! Sua mulher sempre teve sorte!

Olhei para Dita zangado e tive de dizer:

- O que Flávia sempre teve, é um bom coração! Sua vida, Dita, foi consequência das suas escolhas, assim como a de Flávia, as das escolhas dela!

Ela me olhou enfurecida, e me respondeu:

- Acha que escolhi viver na violência das ruas, para acabar

sendo assassinada por um cliente bêbado como fui? Que mulher escolhe isso, Tobias? Eu tinha escolhido ser rica, amada, ter tudo de bom na vida! Por que acha que quis ficar com o Eleotério? Paixão?

Pensei por um instante em como dois irmãos podem ser tão diferentes. Tinha arriscado minha vida indo atrás daquela irmã que agora descobria ter ido embora por livre e espontânea vontade, e que no fundo, nutria pela nossa condição de pobreza material o mais profundo desprezo. Soubesse eu disso naquela época, teria ido atrás dela? Não. Teria ficado triste, zangado, envergonhado, mas nunca a teria detido, pois o orgulho de ser honesto e trabalhador, com o qual a minha mãe me tinha criado me deteria, e eu não interferiria na vida de quem me visse com desprezo só por ser pobre. Ela que seguisse o seu rumo, eu diria na época. E não me arrependeria.

Mas a ilusão que temos de que as pessoas que amamos são boas, ou ao menos parecidas conosco em nossos valores morais, muitas vezes nos põe a perder. Conversando com a minha irmã finalmente com honestidade, como nunca tínhamos conversado durante a vida encarnada, pensei no quanto amar verdadeiramente alguém podia ser difícil. Amar a Dita da infância, alegre e fagueira, feliz nas brincadeiras da juventude, que agora eu notava que sempre escondia o que realmente pensava, era fácil. Mas, ao vê-la ali exposta, em todas as suas imperfeições e vulgaridades, notar mesmo as pequenas maldades feitas ao longo de uma existência e ainda assim querer bem a essa desditosa criatura, que complicado era!

- Nunca amou ninguém, Dita? Sei que foi com o Eleotério por dinheiro, mas nunca se apaixonou?

Ela foi pega de surpresa com a pergunta, me olhou desconfiada, desviou o olhar e depois olhou para longe.

- E gostar lá enche barriga de alguém? Adianta muito gostar de homem que nem se sustenta?...

- Então conheceu alguém depois do seu amante...

Ela pareceu ficar irritada:

- Conheci, sim... estava fazendo a vida, ganhando até um bom dinheiro. Um mulato chamado Evaldo veio se “achegando”,



jogador, gostava de bebida como eu. Quando vi, estava morando comigo e eu sustentando a casa. No início não foi ruim, era carinhoso, me protegia se alguém tentasse me bater..., mas mulher da vida não tem mesmo sorte!

- Que foi que houve?

- Depois de um tempo fiquei ciumenta: ele deu motivo. A gente envelhece cedo quando vive na noite, e eu já não era nenhuma menina, o Evaldo não era de levar desaforo pra casa. Era mais novo que eu, queria sempre mais dinheiro e não conseguia sempre, acabamos brigando feio, e ele me deixou por uma mais nova.

Abandonada de novo, pensei. Não devia mesmo ser fácil viver com minha irmã, notei nela uma tendência à violência que antes ela nunca tinha demonstrado. A bebida acordou nela as piores características que um ser humano podia ter: a vulgaridade, a luxúria, o egoísmo, a inveja e a ira. Notei em seu rosto um sorriso mau, e vi que ela se lembrava de algo:

- Mas a mulher nova do Evaldo ficou com uma lembrança minha: esperei um dia em que eles saíram pela madrugada, e quebrei uma garrafa na cabeça dela! Ficou um talho feio, quase que a desgraçada morre. Apanhei dele uma barbaridade depois, mas não me arrependi, ficou com uma cicatriz pequena na testa, para se lembrar de não pegar o homem das outras!

E ainda era vingativa! Olhei para ela já irritado e disse:

- E adiantou ter atacado a moça? Por acaso o rapaz voltou para você? Não nota que assim só piorou a sua fama?

Ela me encarou meio assustada, já que eu nunca tinha brigado com ela, mas eu continuei:

- Você fala que Flávia teve sorte, mas não foi "sorte" que ela teve: foi caráter! Minha mulher nunca ficou com alguém para ter vantagem ou por dinheiro! Jeito certo de ter dinheiro, Dita, é trabalho! Por isso ela tem uma casa boa. Teve amor do marido, porque amou! Teve um lindo filho, porque se sacrificou por ele e não o tirou. Não fosse tão preguiçosa, tivesse estudado, e não corresse de serviço, teria o mesmo que ela!

Pálida, minha irmã me olhava pensando em algo para dizer, mas zangado com suas atitudes, não me refreei:



- Não sei como se deu sua morte, mas pelo que você me conta de sua vida, que escolhas terríveis você fez! Não nota que o que se tornou hoje é consequência dos atos que praticou? Tivesse bom coração, pensasse mais nos outros do que em si mesma, provavelmente estaria viva, vivendo bem, em companhia dos seus, e até eu que saí em sua busca, poderia agora desfrutar a companhia de minha mulher e de meu filho!

Ela me olhou com ódio:

- Em nenhum momento lhe pedi que fosse atrás de mim!

Respondi da mesma forma:

- E não podia ter mandado um recado à nossa mãe? Quando foi que lhe fizemos mal? Achamos que estava morta e não que estivesse "amasiada" com um homem casado por livre escolha! Se soubéssemos disso, a teríamos deixado!

Ela me virou as costas, visivelmente chateada, dizendo:

- Para homem as coisas são mais fáceis. Mulher não pode errar!

- Você não é uma vítima, Dita. Tinha vinte e oito anos quando saiu de casa, não era nenhuma adolescente! Sabia perfeitamente tudo que estava fazendo, se quis se iludir com um tipo como o Eleotério, que a vila inteira sabia que já desencaminhara várias moças humildes, foi porque quis.

Ela lamentou-se:

- Achei que comigo ia ser diferente! Ele parecia apaixonado, era bem mais velho, quem sabe se não ia sossegar?

Não consegui ter pena, pois não vi nela arrependimento. Que fazia ela ali, na casa de Flávia e de meu filho? Tinha já visto espíritos como minha irmã, mas normalmente, eles iam para regiões umbralinas, Dita, ao que parecia, tinha decidido ficar pela Terra. Perguntei a ela:

- Há quanto tempo desencarnou, Dita?

- Há coisa de um ano. Tive uma morte feia, levei um bom tempo para poder sair do corpo... mas umas amigas oraram por mim, e depois de quase um mês, eu consegui. Fui assassinada, sabia?

Fiquei triste por ela. Sabia por experiência própria o quanto era ruim.

- Sabe quem foi?

Ela sacudiu os ombros, como se não se importasse:

- Uma briga de bar. Tinha bebido demais, fui pra cima de um homem com um canivete, ele me tirou a arma e me cortou no pescoço. No meio da confusão ninguém notou, e eu sangrei até a morte. Coisa mais tola, não? Nem conhecia...

Eu nunca tinha sido de frequentar bares noturnos, mas tinha escutado histórias sobre eles, das mulheres que os frequentavam... ainda assim nunca tinha ouvido falar naquela vila, de mulheres que tentassem matar homens com canivetes, bêbadas. Mesmo numa zona de meretrício, para aquela região, esse tipo de comportamento não era esperado e muito menos tolerado. Não era de se estranhar que minha irmã tivesse durado tão pouco! Tinha se comportado como um bandido, ou pior que um deles, já que era uma "mulher da vida".

Fiquei envergonhado dela, não a queria ali, junto de minha família a quem tanto prezava! Boa coisa ela não podia querer junto a Flávia e Daniel:

- Que quer aqui junto aos meus, Dita? Que tem aqui que lhe interesse?

Ela me olhou com desconfiança:

- Como, que quero aqui? Eles são minha família também! É minha cunhada e meu sobrinho, e eu vim vê-los!

Fiquei ainda mais desconfiado:

- Veio vê-los? Nunca se importou com eles quando viva! Aqui não tem bebida, nem nada que lhe interesse, ao menos que eu saiba. Que faz aqui?

Ouvi a risada de deboche dela:

- Acha que manda em mim? Homem nenhum mandou, vou aonde quero! Acha que sua mulher é uma santa? Pois se engana! Ninguém é santo, Tobias, ninguém!

Tendo me dito essas palavras, ela sumiu de minha vista tão rápido como apenas os espíritos podem fazer e me deixou na pequena sala de Flávia, com o peito arfando de dúvidas e preocupações. Sentei-me no banco de madeira simples que eu mesmo tinha feito tantos anos atrás, ainda um pouco tonto da conversa com a minha irmã: então tinha sido esse o destino que ela escolhera! Não seria por mim que minha mãe saberia de tal



história, justo ela, tão honesta e séria a vida inteira.

E o que quis dizer sobre Flávia? Minha mulher dormia sozinha na casa humilde com meu filho e eu a tinha visto arrumar as coisas e ir para a pequena escola com ele. Não tinha visto na residência nenhum sinal de roupa masculina ou algo que assim o demonstrasse... não que Flávia não pudesse se casar de novo, é claro que poderia, pois era viúva e apesar de meus ciúmes, eu a entendia jovem e bela.

Mas ver minha irmã que agora eu finalmente enxergava tal como era, “visitando” a sua casa, me encheu o coração de angústia. Quando moravam juntas eram até boas amigas e Flávia tudo fazia para agradar à minha família, mas o comentário de Dita tinha demonstrado uma inveja infeliz, que poderia ter consequências sérias. Decidi ficar por ali o quanto pudesse e observar de perto o que acontecia, não ia abandonar minha família novamente, ainda mais tendo minha irmã por perto deles.

Lembrei-me então de meu bom amigo Álvaro, e me pareceu ouvir sua voz a conversar comigo mentalmente e me perguntar se aqui na Terra, era realmente o meu caminho. Ergui os olhos para o céu, entristecido e amargurado com o que tinha descoberto sobre Dita e disse em voz alta:

- E deixar Daniel e Flávia sozinhos? Não viu o que aconteceu com minha irmã?

A resposta veio lúcida, em minha mente, com a voz de meu amigo: “As pessoas fazem suas próprias escolhas, Tobias! Às vezes, o máximo que podemos fazer é orar por elas...”.

E era verdade. Sem se aperceber disso, Dita tinha escolhido seu destino durante cada dia de sua vida: filha de uma mulher simples, de valores rígidos, mas extremamente piedosa, ela poderia ter voltado para o sítio quando quisesse e minha mãe a acolheria, ou mesmo Flávia não a deixaria ao relento, mas decidiu-se por ficar onde estava e levar a vida que levou. A cada dia que se levantava, presa ao vício atroz da bebida e da depravação, sofrendo nas mãos dos homens que encontrava, podia ter pego o rumo da estrada que a levaria a seus familiares. Estes ficariam felizes dela estar viva, e a ajudariam a erguer-se para o trabalho digno e honesto.



Mas sua escolha foi outra, voltada ao seu orgulho infeliz de querer “ter mais” do que os outros a qualquer preço.

E assim, com essas pequenas escolhas feitas todos os dias, foi-se perdendo a minha irmã, dentro de suas pequenas e frágeis vaidades, seus medos, sua ira por não conseguir o que queria de forma fácil. Todos não fazemos escolhas todos os dias? A verdade é que ela, que buscava um caminho “fácil”, entrou pela mais dura das sendas!

Chorei em desespero por não estar vivo, justo eu que já tinha me acostumado à condição de espírito e estava até razoavelmente feliz na Colônia. Talvez Álvaro estivesse certo quando me dizia que não viesse tanto à Terra, mas já que tinha vindo, e visto o que vi, como reagir de outra forma?

Então, tentei me acalmar o mais que pude. Não sairia dali, ficaria enquanto achasse necessário, tentaria ser o mais forte possível e influenciar para o bem os que eu tanto amava. Essa foi a minha intenção no início, a minha escolha...

Mas, cada escolha que fazemos não tem sua consequência?



## CAPÍTULO 6

# OLÍVIA VOLTA...



## COMENTÁRIO DE ARIEL

CLARA E EU OUVÍAMOS Tobias, quando Lourenço levantou-se da mesa com o olhar um tanto assustado, olhando por entre as árvores que cercavam a pequena clareira que, naquele momento, estava imersa em fraca névoa. Sabendo do ambiente perigoso do umbral, me levantei e fiquei ao lado de Lourenço para tentar enxergar o que podia ter chamado sua atenção, quando vi pelo meio da névoa e das árvores, uma luz suave, primeiro parecendo



prateada, depois indo para suaves tons de um azul-celeste, emitindo prismas pelos galhos das plantas que deixavam o ambiente como que encantado.

Ao ver que tal luz se aproximava, notei Lourenço se levantar de forma cuidadosa, como a se perguntar que tipo de entidade era aquela que vinha se aproximando de nós. Li claramente em seu pensamento, o medo e a dúvida, pois nunca tinha visto nada parecido, e ele, normalmente corajoso e destemido, acostumado que estava com espíritos vingativos e vulgares, agora olhava francamente com uma espécie de “temor” aquela luz que tinha uma suavidade, mas que ao mesmo tempo era tão forte que vencida a névoa densa da região.

Ao ver o homem tão assustado, Clara voltou-se curiosa para observar o fenômeno que agora se aproximava mais de nós, e sorriu feliz, dizendo:

- Olha só quem volta, finalmente! Olívia!

Tive que rir... realmente, no ambiente nublado em que estávamos, só mesmo Olívia brilharia daquela forma! Não se passaram dois segundos e vimos surgir detrás de grossa árvore, um tanto suja de úmido limo, a figura da linda menina, flutuando no ar, brilhando como nunca e um tanto contrariada:

- Nossa, que território mais fechado! É muita árvore, muita neblina, e tudo tão *molhado* (olhou a mão suja ainda do limo da árvore) ... quase que não acho vocês! Enfim, uma clareira! Pequena, mas uma clareira! Olá!

Tobias sorriu, sabia perfeitamente que não era uma habitante da Colônia, mas que era uma amiga. Já Daniel e Lourenço olhavam francamente encantados, nunca tinham visto um espírito com tanta luz própria e tamanha beleza. O menino chegou a afastar-se um pouco e perguntou ao pai com a voz rouca: “é um anjo?”, ao que Tobias respondeu: “é quase um!”.

Olívia olhou para os dois, divertida, depois ocupou-se de Clara, que trouxe um pedaço de pano em que a menina limpou o limo do rosto e das mãos. O resto tinha respingado no manto que Clara limpava e ria da situação, nunca a tinha visto “sujinha” antes. Disse logo que queria notícias de nossa amiga Eulália e sua adaptação. Ela deu notícias de todos na Colônia, e contou que a

mãe de Fabrício orava bastante para que tivessem sucesso e localizassem seu filho. Sobre isso, Olívia comentou:

- Sua amiga Nana está se aborrecendo um pouco com dona Cinthia, a mãe do rapaz. De início teve muita pena daquela senhora, cujo filho se suicidou, mas agora, depois de ouvir durante tanto tempo as reclamações dela, não sabe mais o que fazer.

Clara recordou-se da sua boa amiga, que tinha sido seu anjo da guarda durante toda a sua vida:

- Nana sempre foi boa demais, com isso algumas pessoas se aproveitam. Devia dizer para dona Cinthia ter fé, estamos fazendo o possível, mas não existe apenas Fabrício, outras pessoas também podem precisar de nós e não podemos abandoná-los.

Olívia sorriu:

- O bom Deus nos guia, Clara. Muitas vezes achamos que sabemos o nosso caminho, mas quem sabe é Ele. O caminho verdadeiro é o da caridade para com os nossos irmãos, onde precisarem de nós, lá estaremos. Buscamos pelo menino de dona Cinthia, mas como virar as costas para outros sofredores? Não são todos dignos do mesmo alento, da mesma atenção?

Clara assentiu:

- E depois, é bom que Nana aconselhe a esta senhora a deixar de reclamar o tempo inteiro e a se dedicar um pouco mais ao próximo. Uma boa reprimenda às vezes é necessária, não acha? Ninguém deve ficar incentivando reclamações o tempo inteiro.

Olívia riu-se:

- Certas pessoas, minha boa Clara, por mais que se achem cercadas de coisas boas, só veem motivos para reclamação. Não notam que assim atraem para elas coisas realmente ruins o tempo inteiro. Afinal, quem quer ficar ao lado de gente que no fundo é egoísta e ingrata dessa forma?

Clara olhou Olívia surpresa:

- Egoístas? Ingratos? Sempre achei que gente assim, que reclama o tempo inteiro fosse apenas infeliz...

A menina a olhou de forma firme:

- E realmente são infelizes, felizes é que não são! Mas alguns também são egoístas, pois pensam apenas no próprio conforto o



tempo inteiro, e no que não têm, ao invés de pensar no que já possuem, e nos que não possuem o bastante e em como ajudá-los. Reclamam do olho que não enxerga e se esquecem do olho que vê. Mesmo aquele que diz nada ter, ainda pode contar com a sua fé, e atrair para si um bom espírito, e com isso, melhorar a sua existência. Como bem sabe, Deus não abandona, Clara.

Observei na mesa, os outros escutando a conversa das duas com atenção. Lembrei-me de nossa outra amiga, por isso perguntei:

- E como ficou Eulália na Colônia?

Olívia sorriu:

- Não é que ficou bem? Seguiu-me um tanto desconfiada, a pobre, depois de tantos anos de sofrimento por aqui... mas chegando na Colônia a levei logo para um Centro de Recuperação, que ela necessitava de um pouco de tratamento e esclarecimento. Foi bem recebida, a tia que ela tanto gostava estava por lá, ficou feliz em vê-la. Chamou a atenção, também, bonita daquele jeito! Sabe que deve voltar a reencarnar, mas só depois de aprender determinadas coisas e se restabelecer de fato. Seu suicídio foi num momento de puro desespero, tudo isso foi levado em conta, os aprimoramentos que seu espírito deve fazer vão um pouco além disso.

Tobias perguntou:

- Vocês resgataram uma suicida?

Respondi a ele sem hesitar:

- Sim. Uma bela moça, que se matou num momento de loucura, há muitas décadas atrás.

Ele se mostrou interessado:

- E demorou muito o resgate?

Clara respondeu:

- Até que não. Nosso maior problema foi com uma obsessora dela, depois disso não foi difícil. Eulália tinha umas ideias erradas, mas depois que entendeu melhor as coisas, conseguimos resgatá-la.

Olhei para Tobias curioso:

- Não pensou em levar seu filho para a Colônia, Tobias? Que faz aqui com ele, afinal?



Ele fez um silêncio profundo e abaixou a bela cabeça sobre o peito, Daniel imitou o gesto e Lourenço, um tanto sem jeito, olhou para a cabana onde o velho estava.

Olívia o olhou com os olhos brilhando, donos de uma compreensão única, e respondeu diante do silêncio dele:

- É que ele acredita que não pode mais ir para a Colônia, não é, Tobias? Onde está o velho que também mora aqui?

Tobias, pouco espantado dela saber do velho, apontou para a cabana, e Olívia sorriu com compreensão. Olhei o homem que já tinha como amigo, tamanha simpatia que já nutria por ele, tentando entender o que podia ter acontecido, e lendo os meus pensamentos, ele me respondeu em alto e bom som:

- Já ouviu falar em *alma penada*, Ariel? Dessas, que assombram a vida dos vivos? Pois saiba, meu amigo, que elas existem: eu me tornei uma!



## CAPÍTULO 7

# O COPO DE BARRO E A TAÇA DE CRISTAL



## COMENTÁRIO DE ARIEL

O QUE LEVA UM homem a errar tanto? O amor pela família? A paixão pela esposa? O orgulho? A noção de responsabilidade que ultrapassa a morte? O que fez Tobias tomar a decisão, de início, de permanecer ao lado dos seus, mesmo sabendo que seria errado? Que isso poderia trazer sofrimentos intensos, que raramente teria chance de dar certo?

Sabia já, pelo tempo vivido na Colônia, que tal comportamento não era estimulado, muito pelo contrário, era combatido, justamente pelos resultados que costumavam ser desastrosos, mas ainda assim, seu coração de homem o prendia ali: a bela esposa, o filho amado, a irmã com maus sentimentos cercando a casa, lhe inspirando proteger a família. Tobias me olhou como a me perguntar: “em meu lugar o que você faria, vendo as pessoas que amava desprotegidas?”, a resposta certa seria, sem dúvida: “confiaria em Deus e rezaria por eles!”, mas é difícil agir dessa forma!

Tantas vezes na vida acreditamos que podemos resolver os problemas alheios apenas com a nossa intervenção. Que ilusão perigosa, que frágeis somos! Como se pudéssemos de fato interferir na vontade alheia, sanar-lhes os vícios, mudar-lhes a vontade... a verdade é que cada um toma conta de seu próprio destino, e é bom que assim seja, ou seria nossa a responsabilidade do destino de outras pessoas. Basta o peso e a leveza de nossa própria vida, que nos encarreguemos dela, que não é pouca coisa!

Tobias me olhou nos olhos, decidido, angustiado, e só então ele foi nos revelando seus mistérios...

## NARRATIVA DE TOBIAS

Recusei-me a voltar para a Colônia. Disse para mim mesmo que estando ali ao menos protegeria Daniel e Flávia de qualquer má influência espiritual, inclusive de Dita, que andava rondando a casa e que eu ainda não sabia o motivo. Ela não era de ter saudades da família, nem tinha amizade verdadeira por Flávia, então, que podia querer? Notei com o tempo que eles tinham uma rotina bastante ordeira: de manhã bem cedo acordavam, minha mulher fazia o café e alimentava a ela e o menino, saíam os dois apressados para a pequena escola onde Flávia lecionava numa sala simples.



Ao meio-dia corria para casa fazer o almoço para Daniel, arrumava a pequena casa, lavava as roupas deles e de outras pessoas para arrumar mais algum dinheiro, estendia no pequeno pátio em frente da casa, e passava as roupas num ferro a carvão pesado. Alguns dias por semana, levando Daniel pela mão, saía a entregar as roupas no final da tarde e assim conseguia viver muito dignamente: nada faltava, nem a ela, nem ao menino. Fiquei orgulhoso de minha esposa, que nunca se negava ao trabalho e vivia muito honestamente, apesar de chamar a atenção por onde passava.

Vestia-se discretamente e era boa com as vizinhas que gostavam da professora e às vezes deixavam lá os filhos a brincar com Daniel no pátio da casa, que era mais amplo, longe dos varais de roupa cheirosa. Com isso, fez amigas preciosas, num bairro de gente remediada e honesta. Aos domingos ia à igreja do lugar, sentava-se ao fundo com Daniel, muito ereta, ao lado de algumas amigas, e fazendo já uns dez dias que eu estava por lá, isso era tudo que eu tinha notado. Na Colônia, eu sentia saudades dela, mas vendo-a assim, de forma constante, fiquei apaixonado de uma forma que nunca tinha estado antes!

Foi quando aconteceu de minha mulher sair da igreja da vila e se encontrar com uma senhora que vinha ao seu encontro vestida com simplicidade, mas com uma alegria incontida por enfim encontrá-la:

- Flávia! Que bom que te achei, minha cunhada!

Depois de passados mais de dez anos, Flávia olhou-a com atenção: como estava mudada!

- Marialva! Minha querida Marialva! Que faz aqui na vila? Veio me visitar? Veja seu sobrinho, como cresceu... que bom te ver, minha querida, mas que diferente você está!

Olhei minha irmã tentando enxergar nela a moça de quem eu tinha lembrança em vida, mas não consegui: a moça orgulhosa, de opinião firme, cabelos negros, forte e até com certo porte, agora tinha os cabelos totalmente grisalhos antes do tempo! E como tinha engordado! O sorriso, no entanto, parecia o mesmo, simpático como sempre, e nele eu reconheci a Marialva. Que tinha se passado com a minha irmã? Parecendo que lia meu

pensamento, Flávia perguntou:

- E seu marido Lourenço, veio contigo?

Os olhos dela encheram-se de lágrimas:

- Deixou-me, Flávia! Disse que eu era ciumenta demais... e sem ele, fiquei sem ter onde morar!

Ela calou-se, um tanto sem jeito, como se quisesse se desculpar por estar ali, e continuou a conversar com ela:

- Se não me aceitar para morar contigo, minha cunhada, só me resta a rua! Que homem há de me querer na idade que estou, ainda por cima doente? Morrerei à míngua, Flávia...

Doente? Pensei eu... será? Lembrei-me das vezes que minha mãe reclamava do “corpo mole” que Marialva fazia quando havia serviço a ser feito, e olhei para minha boa mulher com certa preocupação. Não que minha irmã fosse má, nada disso, mas o amor ao trabalho nunca tinha sido uma de suas virtudes. Senti em Flávia uma imensa piedade pela situação em que a cunhada estava, e ela respondeu decidida:

- Veja Marialva, eu e teu sobrinho levamos uma vida simples, mas você será bem-vinda, e eu estou mesmo precisando de alguém que me ajude com as roupas que lavo para fora! Não ache que será um estorvo, afinal, seremos como duas irmãs. Venha, vou lhe mostrar a casa, fica logo aqui perto!

Ao ver-se assim acolhida, Marialva respirou aliviada e tratou logo de carregar a sua trouxa, com a ajuda de Daniel, para a vistosa casinha de Flávia, onde logo decidiu ficar com o quarto do menino, que daquele dia em diante dormiria com a mãe. Observei minha irmã, que perto dos quarenta anos já aparentava um pouco mais, arfar diante da pequena ladeira em que ficava a casa, e observar tudo muito admirada: a pequena horta de Flávia, muito bem cuidada por ela e alguns vizinhos, o pátio amplo da casinha, as roupas ainda no varal, a casa recém-pintada, de portas e janelas firmes, o piso de madeira de chão. A tudo isso ela olhou admirada, pois nunca ela tinha tido moradia tão boa, e disse a minha mulher:

- Com que então, mora bem a minha cunhada! Chão de madeira, luz elétrica e outros luxos!

Flávia se viu meio sem jeito, e disse:



- Mas a casa não é minha, Marialva! É da dona da Escolinha, que me cobra um aluguelzinho de nada! Moro aqui já faz uns anos, quando cheguei estava tudo caindo aos pedaços, troquei as portas e as janelas, ajeitei umas telhas, consertei o chão, pintei com a ajuda dos vizinhos. Mas um dia eu quero comprá-la, e ela disse que me vende, que já é mais minha que dela! Estou juntando um dinheirinho, que quero deixar essa casinha para Daniel, depois de passar minha velhice aqui. Por isso trabalho tanto!

Notei nos olhos de minha irmã a admiração, pois a casinha estava realmente muito bem conservada, limpa e arrumada. Sentada já numa cadeira, disse a Flávia:

- E tem sempre muita roupa para lavar?

Minha mulher sorriu:

- Querendo trabalho e o fazendo bem, sempre aparece mais! Às vezes fico até bem tarde da noite, passando a roupa, não é Daniel? E estou querendo aprender costura, que é um serviço mais leve, e dá mais um dinheirinho... o ferro de passar é pesado, como você bem sabe, e uma amiga me disse que vende uma máquina de costura dessas de pedal bem em conta. Estou pensando em comprar.

Ouvindo a conversa das duas encantei-me novamente com minha esposa e sua disposição para o trabalho. Desde cedo ela tinha sido assim, nunca se furtando de ajudar a mãe quando menina em seus doces, aprendendo sempre um novo ofício, boa aluna na escola, sempre com vontade de aprender ou ensinar. Nunca tinha tido o menor jeito para a lavoura, delicada demais para o plantio ou a colheita, ou tropeçava nos galhos, ou arranhava-se toda, ou tinha medo de insetos, mas em outros tipos de serviços mais delicados, lá ia a Flávia feliz da vida, cozinhando, ensinando, fazendo doces maravilhosos, costurando lindas peças, bordando... a voz doce cantava, às vezes, enquanto fazia as tarefas, o que fazia agora a delícia de Daniel, que amava ver a mãe cantar.

Vendo-a sempre agora, lembrava-me do que tanto tinha saudade: ela era alegre! Na escola as crianças gostavam dela e a cercavam tão logo ela aparecia, meu filho se enchia de orgulho de ser "o filho da professora". Eram crianças simples, que traziam a



merenda de casa, mas que ela e algumas outras mães sempre providenciavam “alguma coisinha” para as que não tinham nada.

O padre gostava dela, tinha tentado colocá-la no coral de forma fixa, pela voz abençoada, o que não tinha dado certo, pois ela não tinha tempo para os ensaios. Ainda assim, nas festas da igreja ela cantava angariando fundos para as quermesses, pois sabia que o dinheiro era bem usado. A cor da pele de Flávia, uma mulata clara, não atrapalhava sua vida, e sua postura sempre muito séria como viúva, professora, que se dava sempre ao respeito, lhe abria as portas na pequena vila, e ela era aceita no meio onde vivia, pois só fazia o bem.

Chegando nesse ambiente, ela que tinha vivido no sítio nos últimos anos com Lourenço, Marialva admirava-se de tudo: da água encanada, da luz elétrica, do chão de madeira e de outros pequenos luxos que pessoas que moram em centros têm, e que os camponeses não possuem. Os hábitos eram diferentes, o banheiro era dentro de casa, tomavam banho todos os dias, os costumes eram outros... foi divertido ver como os três habitantes da casa podiam ser tão diferentes, mas logo notei que seria bastante complicada a convivência de almas tão diferentes como minha esposa e minha irmã.

Às vezes, a piedade pode se tornar o nosso pior carrasco... é preciso cuidado mesmo com as pessoas que queremos ajudar.

Vendo-se em novo ambiente, e acreditando-se em melhor situação, minha irmã de início ficou bastante feliz. O quarto onde estava era bonito, ensolarado, a casa era boa, a despensa estava cheia, tudo isso graças ao trabalho de Flávia. Acreditou, sem dúvida, que tinha melhorado muito de vida, da casa pobre onde vivia antes do marido deixá-la, onde tudo vivia sujo e ela era obrigada por ele a manter as coisas “mais ou menos” decentes e ainda a “fazer comida”. Na casa de Flávia, ao ver tudo pronto, ela se achou no céu! Depois de minha mulher e Daniel adormecerem, andou pela casa feliz da vida, abriu a janela, olhou o pátio e desceu os três degraus da frente da casa, caminhando pelo pequeno jardim, aspirando o ar da noite. Fui atrás dela espiando seus pensamentos, e aprendendo um pouco mais sobre a natureza humana...

Veja que Flávia acolheu para dentro de sua casa essa senhora, que lhe parecia em franco desespero por ter sido abandonada pelo marido e não ter onde ficar, e agora aqui estava ela, satisfeitíssima, pensando justamente em como tirar o melhor proveito justo da criatura que a tinha acolhido em sua casa, e colocado-a para dormir na cama de seu filho! Andava pelo pátio feliz como se a casa de minha esposa já fosse sua!

Pensei que os vivos deviam ter essa mesma capacidade de penetrar os pensamentos alheios, como nós aqui no plano espiritual... como avisar Flávia para tomar cuidado com Marialva? Observei-a se espreguiçar e caminhar preguiçosamente para dentro do quarto, antes passando pela cozinha, tomando um copo de leite e comendo uma grande quantidade de biscoitos, para só então ir dormir. Como comia a minha irmã! Minha mulher ia ter uma boa despesa!

Levantava-se ela para ir para a cama, e eu pus-me atrás dela sem a menor cerimônia e sussurrei-lhe ao ouvido:

- Nem pense em prejudicar Flávia e Daniel, que eles não estão sós como você pode pensar! Comporte-se!

Ela imediatamente levou a mão direita à nuca, arrepiou os pelos dos braços, tomada de forte arrepio, e benzeu-se. Olhou então o crucifixo de madeira que minha esposa tinha pregado na porta e exclamou um "cruz-credo!", indo deitar-se o mais rápido que pôde, nas cobertas cheirosas da cama de Daniel.

Fiquei pensativo o resto da noite, na beira da cama de Flávia e Daniel sem saber direito como agir. Queria tirar Marialva dali, mas para onde ela iria? Pensei em orar, mas sabia que não devia estar ali com eles, e sim na Colônia, trabalhando em algo que fosse útil... quando dei por mim, Flávia estava na cozinha, cercada pelos farelos de biscoito no chão deixados por Marialva na noite passada e um pote de biscoitos completamente vazio, além de um litro de leite pela metade deixado sobre a pia. Vi-a coçar a cabeça e olhar para Daniel um tanto desconcertada:

- Nossa, acredita que ela comeu todos os biscoitos que eu fiz para levar para a escola? Que vou levar agora?

Aproximei-me dela e disse-lhe ao ouvido, com firmeza na voz: "Acorde-a e diga que lhe peça quando quiser comer algo diferente



para que isso não aconteça mais! E a faça limpar o chão que sujou, isso é justo!”.

Notei em Flávia como se ela estivesse ouvindo o próprio pensamento, e repeti novamente as mesmas palavras, ela se dirigiu ao quarto e realmente se sentou na cama acordando Marialva, que se assustou de ser acordada:

- Marialva, acorde! Vamos Marialva, acorde!

Minha irmã demorou um pouco, mas acordou:

- Que foi? Já é tarde? Por que me acorda?

Flávia não se fez de rogada:

- Não vamos morar juntas? Nessa casa acordamos cedo, e trabalhamos muito! Temos que conversar, pois logo saio para dar aula.

Ela olhou para Flávia meio assustada e se sentou na cama:

- Acordar cedo assim? Mas deve ser umas seis horas! Não me sinto bem...

Flávia não deixou por menos:

- Depois de comer um pote inteiro de biscoitos, não deve se sentir mesmo! O leite, aqui, é para o Daniel e para os bolos, ouviu? Querendo leite, trabalhe para comprá-lo! Os biscoitos eram para os meninos da escola, quando vir algo assim, pergunte primeiro e coma depois! A casa está cheia de farelos e de formigas, trate de limpá-la, pois agora não tenho tempo. Deixei para você café, pão e manteiga. Há tudo na despensa para fazer o almoço, estou deixando meu quarto arrumado, arrume o resto da casa e tome um banho que está precisando!

Ela arregalou os olhos, um tanto assustada, não esperava que a doce Flávia fosse decidida e nem que tentasse mandar nela. Refutou:

- Mas Flávia, fazer questão de uns biscoitos! E me mandar tomar banho... que grosseria!

Minha mulher, acostumada a lidar com crianças mais velhas bem mais difíceis do que aquilo, olhou para ela com pena:

- Os biscoitos não eram seus e quanto ao banho, faça-me o favor! Uma mulher na sua idade não devia precisar de alguém que lhe dissesse isso... a pior grosseria é um cheiro ruim! Deixei um sabonete cheiroso no banheiro, cor-de-rosa, você vai gostar



dele.

Olhei para Flávia aprovando sua atitude, não teria que me preocupar com ela ao menos nesse sentido. A vi caminhar decidida até a porta com Daniel pela mão, e voltar ao meio-dia para constatar que além de tudo, Marialva era um desastre na cozinha. Paciência, ela ao menos ajudou um pouco na lavagem da roupa e no cuidado da horta!

Minha mulher sabia que se não agisse com sinceridade com minha irmã, não conseguiria conviver com ela, mesmo assim não foi fácil. Geralmente quando chegava da escola, não encontrava o almoço pronto, e tinha de correr com as encomendas de roupa, já que tinha que trabalhar mais, para sustentar também a cunhada, que comia por três bocas, mas não entendia que tinha que se sustentar. Era comum ela encontrar quase sempre Marialva na cama, ou em conversa com as vizinhas, enquanto o fogão esperava para ser aceso. As desculpas eram sempre as mesmas: “Uma dor nas costas, que não consegui nem me levantar direito...”, “não dormi nada na noite passada...”. E assim ia...

Ao final de três meses notei Flávia mais magra e nervosa, e mesmo Daniel que vivia risonho e brincalhão o tempo inteiro, andava um tanto irritado com o convívio com a tia, que lhe aborrecia um pouco. Por mais que eu tentasse animar Flávia com palavras de esperança e fé, sentia minha esposa dando longos suspiros, desanimada e triste, olhando longamente para Daniel nos finais de tarde enquanto passava a ferro as roupas que entregaria nos dias seguintes. Um dia, notando o silêncio de minha esposa, Marialva perguntou a ela:

- Anda tão calada, Flávia! Está se aborrecendo na escola?

Olhando o menino no pátio, Flávia deixou descansar o pesado ferro de passar em cima da placa por um momento, e disse a ela, em voz cansada:

- É engraçado como Daniel a cada dia se parece mais com o pai. Parece que vejo Tobias a todo o momento que olho para ele, e o meu peito se enche de saudade!

Minha irmã olhou o meu menino e reparou que realmente se parecia muito comigo, a mesma cor de pele, o mesmo sorriso, o nariz, o queixo... me emocionei ouvindo-a falar daquela forma!

Então, também ela sentia a minha falta! Marialva respondeu:

- É capaz de ficar alto como o pai! Já vai fazer doze anos que Tobias se foi, Flávia! É tempo demais, e você ainda é muito nova! Não pensou em se casar de novo?

Flávia baixou os olhos, e colocou outra roupa na mesa para passar, testando antes o calor do ferro:

- Tenho vinte e nove anos, Marialva, mas sofri tanto com a morte de seu irmão que me sinto como se tivesse quarenta! E não sei explicar bem... de início, achei que não fosse suportar a dor, e se não tivesse o menino, talvez sucumbisse mesmo! Mas Deus foi bom, e o menino sorria para mim, do jeito que o pai sorria, e me encheu de força. Depois vieram as crianças da escola, algumas eram ainda mais pobres do que nós, e eu fui me dedicando... Daniel foi crescendo, eu trabalhando!

Senti minha irmã curiosa, e de fato ela perguntou:

- Mas nenhum homem se aventurou? Você ainda tem uma boa presença...

Ela sorriu:

- Na vila, eu sou uma professora, que saio da aula e vou para minha casa, e de casa vou para a igreja. Sou uma viúva, me dou ao respeito, olho para o chão quando passo. Ainda assim um ou outro veio falar comigo, sempre respeitosamente, mas eu declino, digo que vivo para o meu filho, e isso basta. Depois de uns dois pretendentes que eu "dispensei", a coisa logo acalmou. E não era ninguém que me interessasse!

Minha irmã logo quis saber:

- Verdade? E quem eram? Solteiros?

Flávia riu-se:

- Casados é que não iam ser! O primeiro era um cinquentão viúvo, pai de cinco filhos, sitiante. Um bom homem, mas alemão! Encantou-se com a mulata aqui, já pensou? Um doce de criatura, mas nunca daria certo... não me apeguei, entende? O outro era um português, dono de venda, de uma cidade aqui perto. Mas esse falava pelos cotovelos, perto dos sessenta anos, muito de nariz em pé! Acho que queria mesmo era uma empregada sem salário, botei para correr depressa! Nenhum deles chegava aos pés de Tobias, então, fui ficando só, com minhas lembranças e Daniel. Fiquei bem



melhor assim.

Marialva a ouviu com a boca aberta, pensando nas oportunidades que a cunhada tinha perdido, só então disse:

- Mas você não sabe mesmo aproveitar a vida! Imagine se eu tivesse tido a chance de me casar com um sitiante ou um dono de venda? Casava na hora! E você com um filho para cuidar, mulher! Agora fica aí, a tarde inteira de ferro de passar na mão, engomando roupa, dando aula para filho de pobre, se matando para juntar um dinheirinho para dar uma casinha a seu filho e passar a sua velhice! Podia ter tido muito mais do que isso se casando, Flávia! Acha que vai ficar moça para sempre?

Como explicar ao copo de barro o que é uma taça de cristal? Quando Marialva entenderia que uma alma como a de Flávia não se sujeitaria a enganar um homem e se deitaria com ele apenas para conseguir bens materiais, que conseguiria trabalhando por ela mesma, de forma honesta? A bela e honesta Flávia olhou a cunhada, que nunca tinha sido bonita, que já estava entrando na madureza dos anos, engordando de forma perigosa.

Marialva não tinha amealhado nenhum bem terreno, nem pelo trabalho e nem pela sedução, e minha mulher percebeu, primeiro com espanto, que ela achava que Flávia se comportaria de forma vulgar, e teve pena pela vida que ela havia escolhido levar. Por fim disse, de forma calma, mas incisiva:

- Algo tem lhe faltado nesta casa, Marialva?

A outra ficou sem jeito:

- Não... só quis dizer que você podia ter tido uma vida muito mais fácil! Não me entenda mal...

Flávia continuou olhando a cunhada:

- Mas minha vida não é difícil, Marialva... o que não seria fácil é viver com um homem a quem não amo, apenas para ter um teto sobre a minha cabeça e a de meu filho. Isso eu consigo sozinha, como você bem vê. O que não anda muito fácil é que além de meu filho, agora eu tenho também que sustentar outra boca, já que infelizmente você raramente pode me ajudar. As despesas aumentaram minha cunhada, estou precisando que você também trabalhe!

Notei minha irmã corar violentamente para em seguida

murmurar as mesmas desculpas de sempre: “dores nas costas insuportáveis, que mal me deixam andar”, e que sumiam misteriosamente quando ela achava que ninguém estava olhando. Foi quando Flávia comentou:

- Talvez fosse melhor, dada a proporção dessas tuas dores, que andam tão fortes, eu te levar a um sanatório na capital e tentar uma internação por lá. Quem sabe depois de uns meses internada você não melhora? Isso pode ser um desvio na coluna... estão fazendo uns tratamentos novos, aqui sem auxílio é que eu não posso te deixar!

Notei Marialva de ruborizada que estava, empalidecer de medo. A capital dispunha realmente de dois sanatórios que seriam para ela o perfeito terror, já que lá não disporia nem do conforto que tinha na casa de minha mulher, nem da boa vontade de que lá dispunha, pois de doença na coluna ela de fato não sofria, e qualquer profissional a desmascararia. Flávia também sabia disso, boas vizinhas já a tinham alertado que durante o tempo em que ela ficava ocupada dando as aulas pela manhã, minha irmã andava com toda a desenvoltura pelo pátio da casa, muito ereta, sem dores ou qualquer coisa que a impedisse. Então, que dores eram essas, que só apareciam quando ela estava por perto?

Ela olhou Flávia num misto de medo e ódio:

- Sei que incomodo Flávia, mas me colocar num sanatório? Acha que minha mãe, que te acolheu com tanto carinho aprovaria isso?

Ela apelava para a chantagem pura e simples, lembrando-a de minha mãe, por quem Flávia tinha os mais puros sentimentos. Vendo a expressão de minha esposa vi que tinha funcionado, a imagem de minha genitora, bondosa e franca logo formou-se em sua mente, e ela lembrou-se de sua bondade e sua simplicidade. Olhando para Marialva, lembrou-se que era filha dela e pensou que se Daniel no futuro errasse, gostaria que alguém o acolhesse, como ela estava fazendo com a cunhada. Respirou fundo, os olhos encheram-se de lágrimas, já que não pensava realmente em mandar a cunhada a nenhum sanatório, e deixando o ferro de lado, sentou-se num banco e olhou Marialva firmemente nos olhos:



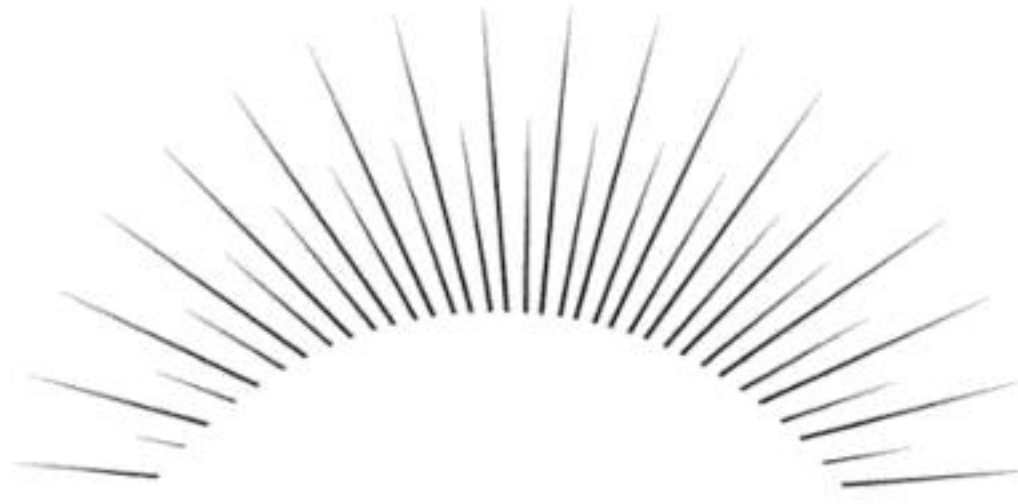
- Vou lhe ser franca, minha cunhada: achei que as coisas iam ser mais fáceis contigo por aqui. Não tenho intenção de lhe mandar a nenhum sanatório, pois não vejo doença grave em você... mas terá que se esforçar, Marialva! Desde que está aqui, além de não conseguir poupar um centavo sequer, estou tendo que abrir mão de minhas economias para comprar essa casinha que tanto quero! Tenho trabalhado cada vez mais, peguei mais roupa para lavar achando que você ajudaria, e você não ajuda! Não tenho como trabalhar por nós duas!

Dentro do meu peito revoltei-me com minha irmã, a quem eu via realmente em uma preguiça constante, sugando com toda força o trabalho de minha mulher, que já tinha o filho para sustentar sozinha. Não bastasse o serviço deixado de lado, ainda havia o incômodo constante das pequenas desarrumações feitas na casa, que Flávia seguia limpando, pois não suportava “casa suja”, como ela mesma dizia, ou ainda remédios comprados para “dores imaginárias”, entre outras pequenas despesas que ela antes não tinha. Mesmo Daniel andava triste e amuado ao ver a mãe, antes alegre e ativa, agora sempre cansada e irritada. Mas minha irmã sempre tinha uma boa resposta para as justas queixas de minha esposa:

- Falando assim, parece que sou má, que desejo prejudicá-la. Tenho feito o possível, Flávia... mas minhas costas doem muito mesmo! Quem sabe se tentarmos outro remédio posso ajudá-la mais. Não pense que não agradeço o que tem feito por mim, até dois vestidos novos me deu, que os meus estavam em farrapos! Não sei o que faria sem você e o menino...

Flávia suspirou fundo, cansada física e moralmente. Não sabia mais como resolver semelhante situação... por mais que insistisse, falasse, pedisse, ela parecia insensível à realidade de sua vida: não conseguiria manter semelhante situação por muito tempo. Não tinha como manter o menino, a si mesma e a cunhada, que tanta despesa dava sem ajudar em nada. Observei minha mulher com imensa pena e foi quando ouvi, pela primeira vez, uma gargalhada feminina vinda de um canto da sala.

Quem era aquela?



## CAPÍTULO 8

# VIDAS PASSADAS E LOURENÇO



## NARRATIVA DE TOBIAS

DE INÍCIO, EU OUVI apenas a gargalhada e imaginei ouvir coisas. Era um riso vulgar, de mulher, estridente, um tanto malévolo... voltando meu olhar na direção do riso, dei com uma figura de mulher vestida de escrava doméstica, negra, bonita, cabelos trançados à moda africana, presos ao alto da cabeça, traços finos e lábios bem desenhados. A bela mulher trajava roupas de algodão de boa qualidade, mas tinha no pescoço um feio ferro mais



parecido com uma coleira, instrumento horrendo de tortura, e olhava com ódio para Marialva.

Vendo a linda criatura que parecia ter passado por tal sofrimento, um frio arrepio percorreu-me o corpo e eu dirigi-me a ela:

- Quem é? Que faz aqui?

Ela me olhou num misto de surpresa e ódio:

- Não se lembra de mim? Se chama Tobias agora, não é mesmo? Não se lembra de sua vida passada, não é, Tobias?

A sensação de desconforto continuou forte, não me lembrava de minhas vidas passadas, ainda não tinha me aprofundado nesses estudos, mas pelo visto, ela se lembrava de mim.

- Conheço você? Fiz-lhe algum mal?

Ela riu-se:

- Conhece sim... faz muito tempo. Mas apenas superficialmente. E não, nunca me fez mal nenhum. Nada tenho contra você... mas aquela ali!- e apontou para Marialva. - Aquela me deve, e vai pagar!

Olhei para Marialva, sentada confortavelmente numa cadeira, enquanto Flávia trabalhava duramente para sustentá-la. Com que então, minha irmã tinha uma obsessora!

- Como se chama? Por que quer se vingar dela?

Ela me sorriu divertida:

- Meu nome? Minha dona me deu nome de santa: Maria. Esperança vã, que de santa eu pouco tenho! Essa daí me herdou, acredita? Na vida passada era uma senhorinha de engenho, branca, de olho claro e tudo! Mas era feia, gorda como é agora, a gula sempre foi seu pecado. Orgulhosa, também... vivia de nariz em pé, queria sempre mandar em tudo e em todos!

Olhei para minha irmã, tentando imaginá-la como uma senhora de engenho branca, de olho claro, mandona e orgulhosa. Tive que rir da situação, pois era tudo que ela adoraria ser: rica e respeitada, com um monte de escravos lhe servindo! Maria continuou:

- Eu era escrava de dentro da Casa Grande, minha patroa morreu e o filho dela me herdou, junto com a mulher dele. O filho me tomou por amante e a mulher dele, era sua irmã. Obrigada a

dormir com o dono, ainda fui torturada pela mulher e morri de fome e febre com esse ferro que você vê no meu pescoço, aguentando humilhações diárias dessa sujeita.

Entendi o ódio de Maria, mas pensei no tempo perdido com essa vingança, e disse a ela:

- Há quanto tempo se vinga dela?

Ela me olhou ressentida:

- Não consegui minha vingança de fato ainda. Nada que ela tenha passado se compara à humilhação que me fez passar, à dor que me causou, ao desespero que me trouxe. Quando a vi reencarnar dessa forma, pobre e negra, pensei que conseguiria algo, mas demorei para achá-la. Agora, nossa história recomeça.

Fiquei irritado com Maria, e respondi:

- Mas quem está pagando por isso é Flávia e meu filho! Que mal eles lhe fizeram?

Ela me olhou com ódio e respondeu:

- Sua mulher só será explorada enquanto permitir que isso aconteça. E quanto mais deixar essa víbora por perto, pior será para ela. Gente boa acha que só por ser do bem está protegida, mas a maldade cria frestas... é sempre bom se afastar de gente ruim!

Senti verdade no que ela me disse, mas como afastar Marialva dali? E depois, que mal além do cansaço ela poderia fazer a Flávia? O tempo me diria... ela continuou:

- Eu fortaleço em Marialva apenas os defeitos que ela já tem, por isso o marido a abandonou, e sua mulher pensa já em deixá-la. Se sua irmã fosse boa, eu não teria sobre ela nenhuma influência! Dependendo de mim, ela terminará na rua, cheia de dívidas, na mendicância, doente e só.

Vi ali o imenso perigo que tal influência representava perante os meus entes queridos, já que ela poderia levar minha irmã ao roubo ou coisa pior, mas quando quis novamente falar com Maria, ela tinha ido embora. Há quanto tempo ela perseguia Marialva? Não sei... fiquei pensando na bondade divina da lei das reencarnações, no tocante ao desenvolvimento dos espíritos.

Apesar da maldade em sua última vida sobre a Terra, minha irmã tinha tido a chance de nascer numa família que, apesar de



pobre, não conheceu a fome, com uma mãe profundamente amorosa, que a proveu do básico material e a ensinou valores morais profundos. Tudo tinha tido para largar a preguiça e o orgulho, chagas morais que tanto atrapalham o desenvolvimento espiritual e trazem a infelicidade de tantos e, no entanto, cá estava ela caindo novamente nesses dois erros! Tinha passado pela prova da riqueza e desenvolvido a crueldade, agora passava pela prova da pobreza e deixava de lado a virtude do trabalho e da caridade... era de se lamentar!

## COMENTÁRIO DE ARIEL

Olhei para meu bom amigo Tobias, entendendo perfeitamente as suas considerações. Só então disse a ele:

- É verdade, meu bom amigo! Muitas vezes é na prova da pobreza que desenvolvemos a empatia por outros seres humanos que também se encontram em situação mais humilde, e assim aprendemos a praticar a caridade! Pessoas que nascem em berço de ouro nem sempre notam a necessidade dos mais pobres, e alguns, até se irritam com elas!

Clara sorriu, pois em sua última encarnação não tinha sido pobre e no entanto, sempre tinha praticado a caridade:

- Acho que é uma questão de desenvolvimento espiritual, Ariel. Eu, por exemplo, nunca consegui ficar parada, sem trabalhar ou produzir. Se vejo alguém precisando de ajuda, é da minha natureza tentar ajudar, dessa forma me sinto feliz! Apesar de ter nascido em família abastada, a inatividade não me seduzia, servir sempre foi natural.

Olívia riu-se:

- A verdade é que as pessoas acreditam que os que servem são inferiores aos que são servidos. Será mesmo? No mundo espiritual, onde o dinheiro não importa, onde esse tipo de pagamento não existe, quais são os imprescindíveis? Os que

servem, ou os que são servidos?

Fez-se na mesa um silêncio como poucas vezes na vida eu testemunhei, vi Clara sorrir com suavidade, Daniel olhar encantado para Olívia, Lourenço olhar para o chão, pensativo, e Tobias encher os olhos d'água. Foi quando a menina disse:

- Não foi Jesus que veio para servir?

Tobias deixou as lágrimas inundarem o seu rosto:

- Ah, menina abençoada! Tanto que eu queria ter escutado meus benfeitores! Que cego estava!

Olhei para Tobias francamente curioso: um homem tão bom, que erros tão sérios poderia ter cometido? E por quê? Vendo minhas dúvidas, Olívia me respondeu:

- Por que acha Ariel, que dizemos sempre que não se deve demorar muito na Terra, ou em ambientes muito negativos quando não se está preparado? É simples, o espírito sofre a influência do ambiente, de outros espíritos, com muito mais força do que se estivesse encarnado! Quando estamos com o corpo físico não captamos o pensamento e os sentimentos com a força que o espírito capta, isso sem falar das influências externas do ambiente, que o próprio ser nem nota, mas que estão presentes durante todo o tempo. Espíritos pertencem ao mundo espiritual, menos denso, mais adequado a eles. Tobias escolheu ser afetado, e depois, tomou suas decisões, não foi?

Ele abaixou sua cabeça:

- Sim.

Ela olhou em volta, como se procurasse algo, o rostinho luminoso curioso. Só então se levantou da mesa e perguntou:

- Onde está o outro? Ainda no mesmo lugar?

Clara e eu nos entreolhamos, pois sabíamos que eles não gostavam de falar do velho que estava na cabana. Lourenço respondeu:

- Está na cabana. A menina quer ir lá?

Sem tocar o chão, como de costume, Olívia se dirigiu à cabana, Lourenço quis acompanhá-la, ela sorriu e disse a ele:

- Não precisa, ele não pode me causar mal algum. Pode continuar a conversa Ariel, volto logo!

Sentindo que ela realmente não corria perigo, Lourenço voltou



à mesa, e pelas frestas da cabana, vimos o reflexo da luz dela. O velho machucar Olívia... era capaz de estar encolhido num canto, isso sim!

## NARRATIVA DE TOBIAS

Eu estava entrando numa tempestade, mas sentia a força do vento? Não. O homem calmo, alegre e ponderado que eu era, aos poucos foi tornando-se rancoroso, impaciente e até mesmo um pouco vingativo. Fiquei mesquinho em pequenas coisas que antes não me importavam e comecei a notar cada vez mais como o mundo dos vivos é povoado por entidades dos mais variados tipos.

A “bela” Maria, por exemplo, se “colava” em minha irmã Marialva com relativa frequência, fazendo com que seu apetite por doces se acentuasse cada vez mais. Se no início eu a afastava, agora que já não nutria por ela bons sentimentos, não me importava mais. Estava cansado de vê-la explorando Flávia sem descanso, quem sabe daquela forma minha mulher não se livrava dela de uma vez? Deixei que a obsessão continuasse, ela que se entendesse com seu próprio passado: quem desejava tanto mal à minha família não merecia atenção!

Andando com Flávia pela escola e pela igreja pude ver outros tipos de obsessores, alguns de aparência bem assustadora, cercando suas vítimas das mais diversas formas. Ao me verem junto de Flávia, se calavam e me deixavam passar, sem ter muita certeza do que eu estava fazendo ali. Um dia, uma senhora de aparência frágil, dentro da igreja, que acompanhava uma mulher de seus trinta anos, veio até mim e perguntou:

- É sua parente?

Olhando aquele espírito de uma senhora idosa, que de nenhuma forma me parecia má, respondi de bom grado:

- Foi minha esposa.

Ela sorriu de maneira doce e compreensiva:

- Bonita, ela! E o menino, é teu filho? Se parece contigo!

- Sim. Se chama Daniel. É um bom menino...

Ela tornou a sorrir, notei o véu negro e fino que lhe envolvia os cabelos muito brancos, como usavam antigamente as senhoras que iam à missa. Ela apontou a mulher vestida de forma simples, mas elegante, logo atrás de nós na igreja:

- Aquela ali é minha filha. Não se casou, é sozinha... não se conforma com a minha morte! Não sei mais o que faço para consolar minha Juliana! O único irmão que tem, não quer saber dela...

Olhei a jovem mulher com piedade, não era uma moça bonita, e agora vendo-se só, sabe-se lá que rumo tomaria!

- Não tem outros parentes?

Ela me olhou meio triste:

- E quem quer saber de parente pobre? Ao menos deixei-lhe a casa, tenho pedido ao irmão em sonhos para que não a tire de lá, mas parece que ele quer vender o imóvel! É tudo tão triste para minha Juliana, senhor... mas, como se chama?

- Tobias. E a senhora?

- Sou Leonora, sua criada! Vem sempre aqui?

Tive que sorrir para ela e assim fizemos amizade. Explicou-me como falava com o filho "em sonhos", achei muito útil, e naquela noite mesmo tentei utilizar aquele recurso com Flávia com relativo sucesso, que acordou melhor, mas sem se lembrar muito bem do que sonhou. Ali estava uma senhora que como eu, tentava ajudar aos que ficaram. Conseguiria? Provavelmente não.

Onde eu mais via espíritos mal-intencionados era em lugares onde as pessoas se reuniam e as drogas eram liberadas. Os sedentos por álcool, fumo, e outros tipos de drogas ali se reuniam junto aos vivos, felizes por influenciar de forma ainda mais livre e sem as travas naturais. Afastava-me desses lugares, e agradecia a Deus por ver minha mulher longe deles, ali sim eu teria bons problemas! Mas Daniel estava crescendo e ele se tornaria logo um rapaz. Conseguiríamos mantê-lo longe de ambientes assim?

Em um dia de domingo, acompanhando Flávia em sua volta da igreja, me senti atraído a dar um passeio pela vila, e vendo minha



mulher caminhar em segurança para sua casa, assim fiz. Estava na realidade precisando andar um pouco, ver coisas diferentes, pensar, refletir. Quando dei por mim estava do outro lado da vila, e num desses pequenos antros deparei-me com Lourenço, ex-marido de Marialva. A vila não era grande, de forma que apenas algumas ruas abaixo, já tínhamos alguns pequenos bares onde os trabalhadores rurais vinham aos finais de semana, atrás de moças que vendiam o prazer da sua companhia e o álcool barato, junto com o jogo de cartas e a sinuca. Era um pequeno amontoado de casas e bares que minha outra irmã, a Dita, tinha conhecido muito bem, separado apenas pela linha do trem.

Ao ver Lourenço, que não era um homem mau, mas antes um homem simples e de quase nenhum estudo, eu estranhei. Ele devia estar agora com quase trinta e cinco anos, pois era pouco mais novo que Marialva e tinha trabalhado na vida rural praticamente toda a sua existência. Ingênuo por natureza, que fazia ali?

Não estava malvestido, a roupa era simples, mas limpa, as botinas novas, e parecia já ter tomado um pouco de aguardente, pois trazia no rosto recém-barbeado um sorriso meio tolo, como os que se embriagam trazem. Tínhamos sido quase amigos durante meu pouco tempo de vida, achava-o simpático e alegre, de forma que resolvi observar o que se passava.

Não demorou muito tempo e uma mulata nova se aproximou dele conversando animada, ele contou que era meeiro e tinha acabado de vender a sua parte na lavoura de milho e café. A mulata logo se interessou, sentindo a oportunidade de dinheiro, e perguntou se ele não era casado. Lourenço estava um “tantinho alto”, mas não “totalmente ébrio”, e começou a contar a sua história, que ela ouviu assim que ele se dispôs a pagar a sua bebida e pediu algo para comer.

“Nem me fale em casamento, moça!”, disse meu cunhado, “que quem passou pelo que passei, prefere falar do inferno do que disso!”. A moça riu-se do jeito dele, perguntando: “Mas foi ruim assim?”. E então Lourenço deu a sua versão da história e o meu único lamento foi Flávia não estar por ali para ouvir o que o outro lado tinha a dizer.

Marialva tinha dito que o ex-marido a tinha abandonado por covardia, que era mau-caráter, preguiçoso, violento, entre outras coisas. Agora ali estava Lourenço, razoavelmente vestido, bem asseado, empregado e bem feliz longe dela. Que teria ele a dizer? Estimulado pela bebida e a atenção da moça, ele falou bem mais do que o seu normal, pois era bem discreto e de poucas palavras.

“Minha mulher era um demônio...” começou ele. “Quando me casei parecia uma moça boa, de família, nem palavrão dizia. A velha mãe dela era uma santa, que Deus a tenha. O irmão também era um bom sujeito, mas morreu cedo, de tiro, na beira da estrada... a irmã mais nova desapareceu e ela ficou ‘prá tia’. Quando eu conheci tinha já quase trinta anos, mas não aparentava. Moramos perto da mãe dela por um tempo, até a velha senhora falecer. Foi então que as coisas começaram a dar errado...”.

Nisso ele tomou um grande gole de aguardente, como se rememorasse a sua vida com grande desgosto e a cachaça fosse um remédio qualquer. Ele continuou: “A verdade é que enquanto a mãe estava viva, a velha senhora é quem fazia todo o serviço da casa e cozinhava, a peste da minha mulher não queria saber de fazer nada! Assim que a mãe morreu começou a inventar todo tipo de mal-estar e de desculpa para não cozinhar, nem limpar a casa! Ajuda na lavoura do sítio? Nem pensar! Até banho parou de tomar.”

A moça que estava com ele riu-se, e ele acabou rindo também, mas respondeu: “A moça ri porque não era você que tinha que conviver com ela! Fui ficando nervoso, reclamando, e o diabo da mulher só sabia pedir dinheiro, toda semana! Era só eu receber, que o dinheiro sumia dos bolsos da minha calça como por mágica. Enquanto eu ia ficando magro, a diaba engordava a olhos vistos!”.

A moça enfim perguntou a ele por que não lhe dava um corretivo, ao que ele respondeu que não gostava de bater em mulher, não achava certo. Se fosse um homem tinha até matado, mas era mulher, e não se bate em mais fraco! Mas tinha dado outro jeito: escondeu o dinheiro debaixo de um vaso de planta que tinha no alpendre, de forma que Marialva cansou de procurar em seus bolsos, até nas ceroulas enquanto ele dormia, mas não



achava. Fazia as compras de grãos e óleo para a casa, mas o “seu dinheiro”, esse ela não veria mais.

Foi então que ela começou a ficar agressiva e a ameaçá-lo. Um dia, no lugar de lhe servir o café, jogou-lhe pelas costas um caneco inteiro de água fervente, e não fosse o negro uma criatura de reflexos muito rápidos, teria se queimado muito mais do que se queimou. O braço esquerdo de Lourenço ainda guardava feia cicatriz, que ele curou na venda perto do sítio, onde a mulher do comerciante pôs manteiga na queimadura. Soltou a pele, ficou feio, e o comerciante apavorado perguntou a ele se valia a pena continuar casado com “semelhante doida”.

Lourenço tentou rir, mas a dor no braço não deixou. A mulher do comerciante fez a ele a seguinte pergunta: “E como é que o senhor vai dormir com uma pessoa que lhe joga água fervente na traição? Tem certeza de que dormindo ela não lhe mata?”.

Aquilo sem dúvida ficou na cabeça do meu amigo, que segundo ele voltou à casa no final da tarde ressabiadíssimo, olhando com os olhos bem abertos para o fogão a lenha, espiando para ver se ali não estava nenhuma panela com óleo ou água fervente. Vai saber o que se passa na cabeça alheia. Ao contrário disso, Marialva quando viu o marido novamente, veio de banho tomado, muito gentil, a pedir mil desculpas, que tinha se descontrolado, mas que ele também tinha errado em não dar o dinheiro na mão dela. Afinal, era a mulher que tinha que tomar conta do dinheiro para comprar as coisas da casa!

Conta ele que ao ver o sorriso dela, teve um calafrio na espinha, mas resolveu dizer que o próximo pagamento entregaria a ela, que as coisas se resolveriam. Ainda que ela tentasse fazer as pazes naquela noite, não houve força no mundo que o aproximasse dela. Já tinha levado tapas e safanões de Marialva, mas a queimadura ainda ardia no braço e depois do que a mulher da venda tinha lhe dito, como dormir do lado de semelhante criatura?

Resolveu então que no dia seguinte, quando recebesse a quinzena, lhe daria um pouco do dinheiro, esperaria que ela saísse da casa e então juntaria suas roupas numa trouxa e abandonaria o lar o mais depressa possível. Tinha dinheiro suficiente para viver por uns três meses, até conseguir outro emprego... era

trabalhador, não seria difícil!

E assim fez. Quando a mulher viu apenas uma pequena parte do dinheiro ficou ressentida, pois queria o dinheiro todo, mas, como ele disse que depois daria o resto, ela sossegou. Mal ela saiu, ele pôs os pés na estrada o mais rápido que pôde, depois de mais de dez anos de casado, sentindo-se livre como um passarinho que escapa da gaiola. Nunca tinha sido infiel, mas também nunca tinha sido feliz com ela! Deu graças a Deus por nunca ter tido filhos e pediu perdão à minha mãe pelo abandono de Marialva, mas não queria mais saber de mulher violenta e preguiçosa: ela que se virasse de agora em diante!

A moça, ao ouvir a história, divertia-se. Eu, pelo meu lado, tive um pouco de pena dele, que deve ter passado maus bocados com minha irmã. Não culpei Lourenço pela separação, um mau casamento pode ser uma tortura como poucas, ele fez bem de se separar. O problema é que agora, ela estava com Flávia, que já sentia os efeitos do caráter defeituoso de minha irmã. Ela tinha sido violenta e traiçoeira com o marido por conta de dinheiro, será que minha família corria esse risco?

Pensei no que faria Lourenço se soubesse que sua ex estava na verdade muito perto dali, deitada nos alvos lençóis de Flávia, pensando provavelmente em como manter a sua boa vida à custa de minha mulher, que não estava feliz com a sua estadia prolongada. Um sentimento ruim tomou-me o peito, bom mesmo seria se Lourenço a levasse para longe, deixando Flávia livre para levar sua vida sossegada como antes. Mas isso aconteceria? Não creio... assim como não acreditava que Marialva conseguiria algum novo pretendente que a sustentasse tirando-a dali.

Assim pensando me dirigi até a casa, e chegando lá dei com minha mulher na cozinha a fazer uma sopa para a noite, mexendo com a colher de pau numa panela média em cima do fogão a lenha. As estrelas iam altas no céu e Marialva sentou-se perto dela, aspirando o cheiro bom da comida que em pouco estaria pronta. Flávia puxou assunto:

- Não quis ir à missa hoje, cunhada? Perdeu um bom sermão! O padre está animado...

Minha irmã franziu a testa, curiosa:



- O padre animado, é? Com o quê?

Flávia sorriu:

- Com o feriado de Páscoa. No sábado de Aleluia vamos ter quermesse, e quero fazer os doces. Aqui em casa vamos contribuir com cocadas brancas! E sabe o que ele me pediu?

Animada com as cocadas brancas, Marialva perguntou:

- Além das cocadas brancas, mais algum outro doce?

Flávia riu-se:

- Não, sua boba! Ele quer que eu cante, junto com um trio de músicos que vem da capital! Veja só que elegante! Com microfone e tudo!



## CAPÍTULO 9

# A CURA



## COMENTÁRIO DE ARIEL

NESSA PARTE DA HISTÓRIA, notamos Lourenço bastante surpreendido, pois não sabia que o amigo o tinha visto conversando com a moça. Ele interpelou o amigo:

- Com que então, “vosmecê” estava lá ouvindo a minha conversa, é? Não sabia... fez isso muitas vezes?

Tobias riu-se:

- Algumas. Mas não tem de que se envergonhar, meu amigo.



Suas palavras me abriram mais os olhos para os possíveis perigos que Flávia e Daniel podiam correr.

Lourenço não se conformava:

- Quer dizer então, que enquanto estamos vivos, na Terra, podemos ser observados o tempo todo?

Olívia, que já tinha voltado da cabana, riu:

- O engraçado é que boa parte das pessoas realmente estão sendo observadas, e nem sempre por espíritos evoluídos. Graças a Deus não notam isso, com exceção de alguns médiuns bem poderosos que literalmente enxergam ou ouvem os espíritos numa precisão absurda. Não é a toa que muitos desses médiuns já foram tratados como loucos!

Lourenço permanecia irritado:

- Mas isso é um despropósito! Então uma “alma vivente” não tem privacidade? Não pode, por exemplo, ficar a sós com a namorada?

Olívia riu-se mais ainda, e respondeu divertida:

- Meu bom amigo, é óbvio que espíritos bons e desenvolvidos não têm esse tipo de curiosidade, e respeitam os momentos de qualquer alma sobre a Terra. Geralmente nos aproximamos em momentos que vocês precisam ou de amparo, ou de proteção, afastando os espíritos pouco desenvolvidos, influenciando-os para as boas decisões, inspirando-os para a fé. Mas há espíritos que se deliciam em promover as paixões desregradas, a violência, a extrema sensualidade. Como se proteger deles? Ore, mas ore verdadeiramente, peça ajuda a Deus quando um pensamento ruim lhe passar pela cabeça, assim estará se protegendo deles, e atraindo espíritos amigos, que lhe garantirão essa privacidade a qual você tanto preza. E faça e deseje o bem ao próximo, de coração aberto! Isso termina por afastar os obsessores, porque os irrita profundamente!

Lourenço olhou para a menina Olívia encantado com a luz que vinha dela, a docilidade das palavras, o riso leve e fácil. Tinha ficado vigiando o tempo todo que ela tinha estado na cabana, preocupado que o velho não se comportasse, e sem mais nem menos, disse:

- Esses espíritos que fazem tanto mal, merecem o fogo eterno

do inferno!

Foi a minha vez de responder e eu o fiz de forma clara:

- Na realidade, Lourenço, eles já estão no inferno. Já viu alguma pessoa má ser feliz, ou viver em paz? Vivem no máximo em um desespero controlado, mentindo para eles mesmos que são poderosos, inteligentes, indispensáveis, quando na realidade, *não há nada mais dispensável do que uma pessoa que faz o mal a outra pessoa*. Eles não fazem falta, não deixam saudade, nada acrescentam de bom, e quando não vão embora, geralmente são expulsos, pois ninguém os suporta por muito tempo. Esses tolos cavam o seu próprio abismo todos os dias, com pequenas e tolas atitudes... dentro de um desses infernos pessoais, o portão do egoísmo é uma das passagens mais procuradas.

Clara completou:

- Outro portão para o inferno, desses que não se fecham, é o da inveja!

Tobias nos olhou de modo triste:

- Pois são esses dois irmãos juntos, o egoísmo e a inveja, que de mãos dadas andavam no coração de Marialva, que desencadearam uma série de acontecimentos que tudo eu daria para ter evitado.

Dizendo isso, ele alisou a cabeça do filho Daniel, tão parecido com ele, com os lábios ainda rachados pelo veneno ingerido aos treze anos de idade! O menino retribuiu o gesto com um olhar de amor cheio de uma dor infinita e eu me perguntei se ele ainda sentia os efeitos do veneno em seu corpo espiritual, a exemplo de tantos suicidas. Será que Olívia não poderia ajudá-lo com uma de suas infusões? Mal acabei de pensar nisso e ela me respondeu em pensamento: "podemos tentar! Aquela sua velha vasilha de argila ainda está por aí?".

Não perdi tempo, vasculhei dentro de meus pertences até achar a minha vasilhinha de argila, que tinha achado um tempo antes, meio carcomida pela idade e um tanto "desbeijada", mas ainda bem inteira. Saí pelo meio da mata feliz da vida, em direção ao pequeno riacho e quando o achei, vi ali água límpida e cristalina, lavei a vasilha e a enchi de água pura, tomando cuidado para não tropeçar na volta e quebrar tudo pelo chão.



A menina me esperava em seu manto leve, cabelos luminosos, e me sorriu assim que me viu, um tanto desajeitado, com a pequena vasilha na mão. Quando ergui novamente os olhos para vê-la, estava ela ao meu lado, já me tomando o recipiente e indo para trás de umas árvores bem grossas. Sentei-me à mesa, enquanto Tobias, Lourenço e Daniel olhavam o clarão que se desenhava por trás das árvores onde a menina estava. Clara perguntou:

- Ela vai "vitaminar" a água?

Ao que eu respondi:

- Parece que Daniel ainda sente dores, mesmo depois de tanto tempo. Ela concordou em ajudar.

Tobias, que escutou a conversa assim como os outros, não pôde deixar de perguntar:

- Ela cura os espíritos? Tem essa força?

Mal acabou de perguntar e nós vimos um imenso clarão lilás claro vir da direção das árvores onde Olívia estava, e depois a cor da luz foi novamente ficando de um azul bem claro e calmo. Logo ela surgiu por entre as árvores, feliz e satisfeita, com a vasilha nas mãos: do recipiente, dessa vez, emanava uma luz lilás muito suave. Sentou-se, sorriu, colocou a vasilha na mesa com aquele brilho que mais parecia um fogo fátuo, e disse a Daniel:

- Beba enquanto está morno, depois que esfria não faz mais tanto efeito!

O bonito menino arregalou muito os olhos, pois tinha um medo mortal de ingerir o que fosse, já que qualquer coisa que lhe tocasse o trato digestivo lhe provocava dores lancinantes por conta do veneno ingerido que tinha lhe dissolvido parte da garganta, da boca, chegando até o estômago, causando uma morte cruel. Mas a água da vasilha com aquele brilho lilás parecia estranhamente convidativa. Olhou para o pai, como se perguntasse se devia mesmo beber aquilo, Tobias fez que sim com a cabeça. Depois olhou o rosto brilhante de Olívia, que apesar do sorriso, estava ficando um pouco impaciente:

- Ande logo, Daniel, ou isso vai esfriar! Quer ficar com essas dores indefinidamente?

A isso ele nem pensou mais, pegou a vasilha com ambas as mãos, fechou os olhos e tomou tudo quase que num gole só.

Terminado o ato, ele arregalou os olhos, e deixou-se cair no colo do pai, desfalecendo, e eu pensei de imediato: “Será que a poção ficou forte demais?”, vendo que todo mundo pensava mais ou menos a mesma coisa, Olívia respondeu:

- Mas, que menino maluco! Não era para tomar de uma vez só, mas lentamente! Bom, a culpa também foi minha, que não expliquei, mas com o medo que ele estava, nunca pensei que fosse tomar tudo de um gole só!

Tobias estava apavorado:

- Mas, ele vai ficar bem? Acorda Daniel! Fale alguma coisa, meu filho!

Olívia sacudiu a cabeça, contrariada:

- Claro que vai ficar bem, só vai acordar meio tonto! Já se viu tomar uma poção forte dessas de supetão! Só criança mesmo para fazer essas coisas!

E foi dito e feito: coisa de dez minutos depois, eis Daniel acordando, já sem ferida nenhuma nos lábios, mas falando como se estivesse ébrio. Mal abriu os olhos e deu um grande sorriso para Olívia:

- Menina! Que coisa foi aquela que “be” deu? Não sinto “bais” dor nenhuma, está tudo “anestessiado”...

Como ele falava tudo de uma forma meio “embolada”, tivemos que rir um pouco. Até Tobias, que tinha ficado meio apavorado, estava rindo. A verdade é que até a cor do menino, que era doentia, estava muito melhor. O pai dele perguntou:

- Esse estado de embriaguez vai durar muito?

Sentada em cima da mesa para examinar melhor o menino, que ria sozinho de tudo e de todos, falando pelos cotovelos agora que podia fazê-lo sem dor, ela respondeu:

- Mais umas poucas horas. Mas tenho a impressão de que ele nunca mais será o mesmo! Ficou décadas sem falar direito por conta da dor, agora que pode falar sem o incômodo da garganta e da boca em chamas, vamos ouvir Daniel bem mais.

Feliz como há muito não se sentia, Daniel levantou-se da cadeira e sentou-se bem perto da menina, ainda tonto, mas encantado com ela. Só então disse, com a sua voz um tanto grossa, e um tanto fina de adolescente:



- Mas, como você é linda, não é mesmo? Nem precisava brilhar tanto!

Imediatamente Olívia levantou-se e num átimo de segundo veio parar ao meu lado, com os olhos esverdeados muito abertos, segredando-me:

- Acho melhor ficar por aqui até passar essa embriaguez. Nosso menino ficou meio agitado!

Olhei para ela divertido com toda aquela timidez, e levando-a para longe, perguntei:

- Afinal, que luz lilás foi aquela? Que foi que colocou naquela água?

Mais tranquila pela distância, ela me segredou:

- Nada de mais, meu bom amigo. Mas dessa vez eu fiquei um "tantinho" cansada. O menino tinha muita dor e culpa em cada parte de seu ser, por conta de seu suicídio.

Lembrei da expressão de Daniel, sempre triste, agoniado, de olhos baixos e sussurrando com muita dificuldade. Era verdade! Se buscou na morte algum alívio, que desapontamento deve ter tido ao notar que continuava vivo, e tendo uma morte tão dilacerante com a ingestão de veneno de rato, a lembrança da dor tinha se feito presente por todo aquele tempo. Tornei a perguntar:

- E o que foi que colocou lá?

Ela me olhou com um meio sorriso brincalhão:

- Ora, Ariel: amor, solidariedade, alegria. E, é claro, um pouquinho de um outro ingrediente fundamental.

Franzi a testa, que a curiosidade sempre foi grande:

- Que outro ingrediente fundamental?

Ela riu-se de minha curiosidade:

- Coisa simples, seu tolo! Fé no nível da física quântica! E a água, como sabe, é uma excelente condutora!



## CAPÍTULO 10

# O DOM DE DANIEL



## COMENTÁRIO DE ARIEL

LOGO DEPOIS DE DANIEL melhorar e ficar novamente tímido (graças ao Senhor por isso!), vi Tobias parecendo remoçar alguns anos e finalmente aparentar os seus vinte e poucos anos. Incrível como o sofrimento parece envelhecer precocemente as pessoas! Ele parecia agora apenas um irmão mais velho do filho, que sorrindo, o seguia por todo lado, extremamente parecidos os dois.

Sabia que ele era ciumento com Flávia, pois tinha se deixado



ficar na Terra tamanha era a saudade que tinha dela. Tamanho apego muitas vezes gera a sensação de posse, o que por si, traz sofrimento a quem alimenta essa ilusão. Tão difíceis os relacionamentos na Terra para os demasiadamente apaixonados! O sofrimento diário de tentar reter sempre a figura amada a seu lado a qualquer preço, sob qualquer pretexto, torna o que devia ser bom em um calvário, para o ciumento e para a pessoa amada, tantas vezes inocente das dúvidas e acusações!

Comigo e minha mulher, enquanto no plano terrestre (desencarnamos um perto do outro, em 1915), existia uma relação difícil de descrever: tínhamos ciúmes um do outro? É claro, mas não era coisa séria...

Comigo, ao menos, se passava dessa forma: marido de uma mulher bonita e inteligente, brilhante no trato social, ela, com certeza, conseguia admiradores nas festas e reuniões por onde passávamos. Minha mulher era uma bela loura de pele muito clara, olhos imensos que mudavam de cor conforme a luz, às vezes um castanho claro, às vezes esverdeados, ou ainda cor de mel. Os lábios eram pequenos e avermelhados, o nariz afilado, e um "tantinho" pontudo, o que lhe dava um charme extra, e o corpo, nem alta, nem baixa, afilado e elegante. Se alguém conversava comigo por conta de minha profissão (eu era advogado, clientes me abordavam frequentemente em reuniões sociais) por alguns minutos me tomando a atenção, logo a bela Esthefânia era requisitada por outra pessoa para conversar também, e geralmente por um membro do sexo oposto, que se encantava com a beleza, a educação e a inteligência dela. Quando eu notava, lá estava minha mulher cativando mais um "incauto", ou ouvindo atenciosamente, ou falando na maior das inocências.

Que fazer? Sair imediatamente da minha companhia e ir "resgatar" Esthefânia postando-me ao lado qual um soldado, muito sorridente, enfiando o meu braço no braço dela. Quando eu fazia isso, ela me olhava nos olhos com tanta ternura, me abria um sorriso tão radioso e geralmente encostava a cabecinha no meu queixo, aconchegando-se... para onde foi o ciúme? Sumiu! Desapareceu por completo! No lugar dele ficou o orgulho de ter ao lado, a mais linda mulher da festa. E olhe que ela me amava e

morava comigo! Poderia haver um homem mais feliz?

E assim foi durante trinta anos de casados! Brigas? Difícil, ela tinha um jeito doce, e eu sempre adorei dar presentes! Não era preguiçosa, nem ciumenta e quando em um curto período tivemos que economizar, não reclamou. Muito pelo contrário, achou jeitos e mais jeitos de fazer sobrar dinheiro no orçamento. Não tivemos filhos, mas não nos queixamos disso: ela compensou dando aulas gratuitamente aos meninos e meninas negras, que ninguém queria ensinar sem cobrar. Éramos abolicionistas, e eu “inchei” de orgulho dela.

Antes de morrer de penosa enfermidade, ela me segredou: “sabe, marido, nos nossos primeiros anos eu fiquei triste por não poder lhe dar um herdeiro. Mas agora, olhando para a nossa vida, juntos, eu penso: se tivéssemos tido umas duas ou três crianças, teria eu ensinado tantas outras a ler, contar, e a ter esperança na vida? Às vezes, o que parece ser um castigo, pode se tornar uma bênção!”.

A verdade é que seu funeral contou com uma imensidade de gente simples a acompanhar a cerimônia de despedida, e eu, pouco tempo depois, nem um ano, fui ao encontro dela, num ataque cardíaco que não lamentei.

Agora vendo Tobias, que não teve tempo quase nenhum com sua Flávia, eu tinha por ele uma piedade só. Eu tinha tido tanta sorte em ter tido novamente Esthefânia comigo, tínhamos tido tantas vidas juntos, até chegarmos a esse grau de amor e companheirismo! Sentei-me com ele à mesa quando o vi por lá, e perguntei:

- Não teve ciúme de Flávia cantar na quermesse?

Olhando o filho que agora estava longe com Lourenço, em conversa animada, ele me respondeu:

- Ora, meu bom amigo, ponha-se no meu lugar: eu estava ali em espírito apenas, e minha mulher, formosa como ela só, dona de uma bela voz, ia se expor em público para a vila inteira. É claro que não achei graça nenhuma!



## NARRATIVA DE TOBIAS

Só quem se casou com mulher bonita sabe o inferno que é...beleza é uma coisa que enfeitiça: a gente e os outros! Quando vivo, eu era um negro grande, forte, ficava ao lado de Flávia e ninguém se aproximava dela, impunha respeito. Mas agora que estava do lado de cá, como proteger minha mulher de todos os olhares que ela receberia no coreto da praça, onde ela cantaria as modinhas populares que faziam a delícia do povo simples da vila?

Flávia até então só cantava música da igreja, muito séria, coberta pela roupa do coral que não deixava ver as suas curvas. Com o que se vestiria para a quermesse? Minha cabeça dava voltas e eu me amaldiçoei por não estar vivo! Se eu me sentia dessa forma, minha irmã Marialva por outro lado, quando ouviu de Flávia que ela ia cantar para o povo na quermesse, ficou que era pura inveja, e respondeu para ela:

- Vai cantar no microfone, é? Que nem artista de rádio que a gente vê nas revistas? Não tem medo de levar um choque daquela "coisa"?

Flávia a olhou preocupada, nunca tinha pensado em semelhante problema:

- Será que dá choque? Deve ser por isso que elas cantam afastadas do microfone... mas vou perguntar aos outros músicos, não se preocupe! Obrigada pelo aviso, cunhada!

Marialva não se conformava de ver a outra fazer sucesso:

- E roupa? Tem que ser roupa bonita, de artista, não é? Você vive dizendo que não tem dinheiro...

A isso Flávia sorriu:

- Com isso não precisa se preocupar. O padre disse que ia me comprar um corte de cetim, e eu escolhi um esverdeado, bem bonito. Dona Rosa, a costureira da esquina disse que faz o feitio de graça. Como vou representar a vila no meio de músicos de fora, eles não queriam que eu fizesse "feio", então o vestido vai ser o meu "pagamento". Vou lá amanhã de manhã escolher o feitio.

Minha irmã ia estourar de raiva e inveja, resolveu ir dormir,

enquanto eu observava Flávia, feliz de ir cantar com músicos profissionais. Bateu-me um arrependimento de meu ciúme desmedido, ela tinha tão poucas alegrias... que mal fazia ela se divertir um pouco? Trabalhava tanto, cuidando de Daniel, sustentando a todos na casa! Eu era um egoísta mesmo.

Pensando dessa forma, me coloquei atrás dela e praticamente a enlacei com meus braços, e ela estremeceu, arrepiando a nuca. Nesse mesmo momento, Daniel com seus onze anos entrou na sala, viu a mãe com o ferro de passar a roupa com a postura ereta, de olhos fechados e exclamou:

- Mãe!!!

Flávia se mexeu e eu a soltei imediatamente, e olhando para Daniel notei que o menino tinha os olhos arregalados, e me encarava com atenção. Ele disse muito assustado para Flávia:

- Mãe, tem um homem atrás da senhora. Ele estava abraçando a senhora!

Flávia levou tamanho susto que soltou o pesado ferro a carvão e ele foi ao chão, abrindo e espalhando algumas brasas pequenas no chão de madeira. Vendo isso, ela pisou com os pés calçados nas brasas, deixando manchas de fuligem pela sala, e virou-se para Daniel:

- Quer me matar do coração, meu filho? Que história é essa de "homem me abraçando"? Não vê que não tem homem nenhum aqui? Deus me livre... só me faltava a essa altura um homem dentro dessa casa me atacando!

O menino me acompanhava com os olhos muito abertos:

- Não é "homem vivo", mãe! E ele está logo ali agora! Vestido de branco!

Notei Flávia se benzer efusivamente. Então Daniel estava me vendo. Sorri para ele e acenei, ele me sorriu de volta, finalmente perdendo o medo, e eu lhe informei que era seu pai. Os olhos dele se encheram de lágrimas.

- Ele disse que é o meu pai, mãe! E deve ser, porque está sorrindo bonito para mim!

Flávia, como toda gente do interior, já tinha ouvido falar em fantasmas e aparições, mas nunca em sua vida achou que ia ter um em sua casa. Sentada na cadeira, trêmula de susto, ela ora



olhava o filho, ora olhava o espaço vazio que ele fitava, na esperança de também enxergar o que ele via. “Ouvia” o pensamento dela com clareza, para meu espanto, ela não teve medo: “Ah, o que eu não daria para ver Tobias mais uma vez!”, minha mulher disse ao filho:

- Como ele é Daniel?

O menino sorriu:

- Não é claro como a senhora. É exatamente da minha cor. Cabelo cortado bem curto, alto, forte. Dentes brancos, bonitos. Acho que quando crescer vou ficar bem parecido com ele... apesar de ser grande, não tenho medo dele. É bem simpático.

Flávia suspirou e chorou. Não tinha retratos meus e o menino me descreveu à perfeição... vendo a mãe chorar, Daniel sentou ao lado dela e lhe deu um grande abraço, dizendo:

- Não chore, mãe. Se soubesse que ia chorar assim, nada tinha dito! Tão triste lhe ver chorar!

Ela olhou o filho um tanto brava:

- Não senhor! Trate de me contar sempre que o enxergar por aqui! Não sabe a dádiva que é enxergar uma pessoa como seu pai, nunca houve homem melhor e meu grande orgulho é você se parecer tanto com ele!

Daniel ficou sério, e depois disse:

- É engraçado, eu pensei que as pessoas da família fossem mais parecidas. Eu me pareço com ele, mas ele não se parece com tia Marialva!

Flávia riu-se:

- Realmente, não se parecem em nada! Seu pai puxou fisicamente à família de seu avô, já Marialva saiu à família de sua avó. Dizem que seu avô, apesar de não ter um caráter muito sério, era um homem bem bonito.

Desapareci das vistas de Daniel tão logo pude, para que ele descansasse e dormisse seu sono de menino, mas não sem antes dizer que estaria sempre por perto quando ele precisasse de mim, palavras que ele contou a mãe, e que a deixaram feliz.

Minha mulher acendeu uma vela, e se pôs em oração. Flávia sempre tinha tido fé, apesar da vida dura que levava. Observei-a em oração fervorosa, como sempre fazia todas as noites, dessa vez